

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

Departamento de História



**AS CIÊNCIAS DA PSIQUE NO ESPIRITISMO
BRASILEIRO: C. 1900 - C. 1960**

IGOR ALLEONI SILVEIRA LEITE

Dissertação de Mestrado em História e Cultura das Religiões

Lisboa

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

Departamento de História



**AS CIÊNCIAS DA PSIQUE NO ESPIRITISMO
BRASILEIRO: C. 1900 - C. 1960**

IGOR ALLEONI SILVEIRA LEITE

Dissertação de Mestrado em História e Cultura das Religiões
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob
orientação do Professor Doutor Tiago Pires Marques

Lisboa

2015

Índice

Resumo	5
Palavras-Chave	6
Agradecimentos	7
Lista de Abreviaturas	8
Introdução	9
I - Duas revistas espíritas: caracterização e análise exploratória	14
1 - Fontes	16
1.1 - Jornal Unificação	16
1.2 - Relações com a Psicologia	17
1.3 - Reformador	19
1.4 - Relações com a Psicologia	20
2 - Resultados	23
2.1 - Semântica	24
2.2 - Análise Comparativa	26
3 - Dados Complementares	27
3.1 - Espiritismo e outras concepções	27
3.2 - Eventos Significativos	28
3.3 - Personalidades Importantes	29
II - O Espiritismo e sua trajetória no Brasil	31
1 - Introdução: O Espiritismo e suas origens	31
2 - A doutrina Espírita: principais aspectos	34
3 - O Movimento Espírita no Brasil	40
4 - Aspectos Sociais do Espiritismo	43
5 - Personagens importantes	44
6 - Ciência Espírita: um novo paradigma	46
III - Catolicismo e Espiritismo	49
1 - Introdução	49
2 - Concepções e Cosmovisões	56
3 - Catolicismo e o Tratamento Espiritual	58
4 - Aproximações	60
IV - Psiquiatria e Espiritismo	62
1 - Introdução	62

2 - Medicina e Espiritismo: diferentes concepções	65
3 - O Normal e o Patológico	67
4 - Aproximações entre as duas visões	69
5 - Psiquiatria Espírita	71
6 - Formas de Tratamento	74
V - Psicologia e Espiritismo	77
1 - Introdução	77
2 - Ciências da Psique e Espiritismo	80
3 - Teorias da Personalidade	82
4 - Psicologia e Catolicismo	87
5 - Pesquisa Psíquica, Metapsíquica e Parapsicologia	88
6 - Parapsicologia e Catolicismo	92
7 - Psicologia Espírita	95
Conclusão	98
Fontes e Bibliografia	101

Resumo

As Ciências da Psique no período que abrange 1900 a 1960 envolvem concepções que remetem nomeadamente à Psiquiatria e a insipiente Psicologia, mas também outras correntes que geraram embates ou simpatizantes frente ao Espiritismo brasileiro, entre elas estaria a Parapsicologia. A região estudada envolve o estado de São Paulo, levando-se em consideração o tempo histórico em que fatores importantes ocorreram no período estabelecido, como os dados identificados na literatura que apontam os conflitos de posições entre Psiquiatras e Espíritas mais intensos registrados no Sudeste brasileiro entre os anos de 1900 a 1950 e, além disso, ainda será abordada a questão da Parapsicologia introduzida no Brasil nos anos de 1950 a 1960 com a finalidade de combate ao Espiritismo. Além dos aspectos apresentados, vale ressaltar o espaço que a Psicologia assumiria neste contexto, em seu processo de construção como Ciência. Este trabalho visa compreender como estas abordagens científicas constituem seu objeto de estudo e de que forma seus pressupostos divergentes gerariam um verdadeiro combate em defesa de diferentes visões. Isso incluiria também o posicionamento da Igreja Católica, que ao contrário dos representantes da Ciência institucionalizada, se envolveriam em um embate com o Espiritismo através do campo ético-religioso, mas que em determinado momento utilizariam a própria Ciência na tentativa de justificar sua oposição e manter sua influência. A consulta se dará a partir da pesquisa historiográfica baseada em duas fontes, obras de autores espíritas e produções acadêmicas.

Palavras-chave

Espiritismo, Kardecismo, Ciências da Psique, História da Psicologia, História da Psiquiatria, Pesquisa Psíquica, Metapsiquismo, Parapsicologia, História das Religiões.

Agradecimentos

Deixo meus agradecimentos a todos àqueles que tornaram possível a realização desse trabalho. Primeiramente, a todos os meus familiares pela atenção e carinho durante este processo, em especial à minha mãe, Raquel Alleoni, que tornou possível minha dedicação ao Mestrado, e à minha avó, Maria Antônia Meloto Alleoni, por toda compreensão e apoio pelas minhas escolhas. Aos professores do Centro de História da Universidade de Lisboa e da Universidade Católica Portuguesa que me acolheram tão bem em suas respectivas faculdades. Ao departamento de acervo Federação Espírita Brasileira (FEB) pela disponibilização dos documentos digitalizados da revista *Reformador*, e também a Jeferson Betarello, pela disponibilização de exemplares digitalizados do *Jornal Unificação*. Por fim, agradeço a todos que estiveram envolvidos e deixei de mencionar, como familiares, amigos e colegas que tive a oportunidade de conhecer durante essa jornada e a todos que apoiaram e entenderam o significado deste trabalho.

Lista de Abreviaturas

AME – Associação Médico Espírita

CRP – Conselho Regional de Psicologia

FEB – Federação Espírita Brasileira

FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo

USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Introdução

O presente estudo visa compreender a relação entre o Espiritismo brasileiro e as Ciências da Psique durante o período de 1900 a 1960. Este trabalho procura garantir uma contribuição para o estudo da História e Cultura das Religiões, mas também fornecer dados importantes para outras áreas do saber que estejam envolvidas com o estudo das religiões. Além disso, destaco que a escolha do tema das “Ciências da Psique” leva em consideração minha área de formação em Psicologia, onde pretendo contribuir similarmente aos estudos que relacionam Psicologia e Religião, área carente de produções no âmbito lusófono.

O Brasil é o país com maior número de adeptos do Espiritismo, o que torna necessário que seja dada a devida importância sobre a análise e compreensão desta religião, levando em consideração seus vários aspectos. Muitos autores¹ já apontaram para a necessidade de analisar o Espiritismo academicamente com maior profundidade. A lacuna se torna ainda maior pelo fato de não haver um grande número de estudos da dinâmica contemporânea no campo religioso brasileiro (Stoll, 2002). Ainda que o número de publicações não seja tão alto comparado às outras religiões, conforme apontam os autores, foi possível identificar alguns de seus aspectos abordados academicamente.

O que também pode ser observado é que grande parte da produção encontrada sobre o Espiritismo foi produzida dentro da própria Federação Espírita Brasileira, por autores espíritas que estudaram sobre a doutrina. Entretanto, é possível também encontrar trabalhos acadêmicos que focam diversos aspectos. Ao pesquisar sobre o estabelecimento do Espiritismo no Brasil, sua história aparece relacionada com o processo de institucionalização dos movimentos espíritas. Neste sentido destaca-se a pesquisa realizada por Betarello (2009), que reuniu informações importantes sobre este processo, especificamente sobre a participação dos movimentos do Estado de São Paulo no processo de unificação. Alguns estudos, por sua vez, buscam compreender as bases conceituais da Doutrina Espírita como Chibeni (2003) e Lewgoy (2004), enquanto o aspecto histórico é destacado por Abib (2011).

¹ Betarello (2009); Giumbelli (1997); Lewgoy (2004); Stoll (2002).

Ao tratar do Espiritismo também é necessária sua contextualização no campo religioso, principalmente do Catolicismo, um adversário que estaria presente em diversos espaços. O trabalho apresentado por Arribas (2008) foca a inserção do Espiritismo no campo religioso e as tensões geradas, permitindo um melhor entendimento desse aspecto. Neste sentido, o conflito com a Igreja Católica é bastante importante e aparece documentado por diversos autores, como Costa (2002) e Leonel (2010).

A relação do Espiritismo com a Psiquiatria brasileira é outro campo notadamente explorado. A tese de doutoramento de Almeida (2007) estuda especificamente o período de 1900 a 1950, em que descreve ambas as concepções e suas relações, fornecendo dados importantes para as compreender, assim como os embates gerados. O tema é também explorado por Isaia (2005; 2008) que aborda a relação das ideias espíritas com o discurso médico-psiquiátrico. Outro destaque neste campo é o psiquiatra Alexander Moreira de Almeida (2004), que se dedicou à pesquisa sobre mediunidade, publicando artigos significativos, com destaque para Almeida & Lotufo Neto (2004) e Almeida et al. (2007). Nestes dois últimos trabalhos são apresentados dados sobre o modo como a Psiquiatria lidava com fenômenos espíritas.

As Pesquisas Psíquicas também possuem importância dentro da História do Espiritismo. Alguns conteúdos relacionados com este campo de estudos foram encontrados em Vasconcelos (2008), que discute o motivo da polêmica em torno da Pesquisa Psíquica e autores importantes relacionados com o período estudado. O mesmo assunto será abordado por Alvarado (2013), que irá focar as tradições que estudaram os fenômenos psíquicos e acabaram negligenciadas. Sobre o contexto brasileiro, Machado (2005) pesquisou sobre a utilização da Parapsicologia por espíritas e católicos.

Pelo o que foi apresentado, é possível encontrar produções sobre a história do Espiritismo sua relação com o Catolicismo e Psiquiatria. Contudo, a relação entre Espiritismo e Psicologia é um tema pouco explorado academicamente, sendo que a maioria dos conteúdos que foram encontrados são temas-comuns nos quais os autores

tratam da visão psiquiátrica. Entre eles está o trabalho produzido pelos autores Alvarado et al. (2007) e em autores citados anteriormente².

No presente trabalho, tal como nos estudos citados, algumas obras espíritas foram igualmente utilizadas como fontes, entre elas: “*O Livro dos Espíritos*”, “*O Livro dos Médiuns*” e “*O Evangelho segundo o Espiritismo*” de Allan Kardec e “*Cristianismo e Espiritismo*” e “*Depois da Morte*” de León Denis. Estes livros revelam importantes conceitos relacionados aos aspectos doutrinários do Espiritismo.

No entanto procuramos ir além daquilo que é já conhecido, buscando nas fontes dados significativos que permitam compreender alguns aspectos sobre a Psicologia não encontrados na bibliografia. Este trabalho procurou pois complementar através das fontes os conteúdos dos capítulos, desenvolvendo-se a hipótese de uma relação estreita do Espiritismo com conceitos psicológicos. Desta maneira, buscou-se observar a consolidação doutrinária do Espiritismo através da incorporação de conceitos científicos das Ciências da Psique, com alguns autores espíritas a reformular alguns desses pressupostos e, desenvolvendo-os dentro de sua própria visão científica.

As Ciências da Psique ocupam pois um papel importante, designando aqui os campos do conhecimento que buscaram explicar a mente humana, em concepções que se aproximam ou se distanciam do Espiritismo. Neste âmbito estão incluídos os modelos materialistas, em que a Psiquiatria se baseava inicialmente, até ao surgimento de autores que permitiram a elaboração de novos conceitos psicológicos através da elaboração de Teorias da Personalidade. Por sua vez, do lado experimental das Ciências da Psique, as Pesquisas Psíquicas encontravam níveis diferentes de proximidade com o Espiritismo, dependendo de cada autor.

O trabalho estrutura-se em cinco capítulos, sendo o primeiro deles dedicado à apresentação e caracterização das duas principais fontes utilizadas, incluindo a organização dos textos encontrados em estilos textuais. Neste capítulo, procedemos à elaboração de gráficos que permitem visualizar a quantidade dos textos encontrados e a listagem de palavras relacionadas com o campo semântico da Psicologia, o que facilitou a organização e exposição dos conteúdos textuais. No final, os resultados são discutidos, apresentando-se alguns dados complementares.

² Almeida (2007); Almeida & Lotufo Neto (2004); Alvarado (2013).

O segundo capítulo apresenta o Espiritismo brasileiro, abordando seu desenvolvimento e suas características, principais momentos, aspectos sociais e personalidades. Este capítulo relaciona-se com o primeiro ao apresentar diversas informações encontradas nas fontes, complementando-as através da bibliografia. Ao final, é introduzida a concepção de “Ciência Espírita”, que vai estar presente também nos capítulos seguintes.

O terceiro capítulo apresenta a contextualização e consolidação do Espiritismo no campo religioso brasileiro, os seus conflitos e divergências com a Igreja Católica. A organização deste capítulo leva em consideração alguns momentos de maior tensão e as personalidades que estiveram envolvidas na luta contra o Espiritismo. Neste sentido também são explorados os dados secundários da análise, apresentados no primeiro capítulo, visando complementar com informações relevantes sobre a relação entre as duas religiões. Durante este capítulo é também abordada a questão da cura espiritual no contexto do Catolicismo.

No quarto capítulo, a relação do Espiritismo com a Psiquiatria é abordada, aprofundando-se a questão da cientificidade reclamada pelo Espiritismo e contestada pela Psiquiatria. Aqui serão compreendidos os conceitos psicopatológicos encontrados nas fontes, assim como a visão da Psiquiatria referente às curas espíritas e os conflitos entre ambos. As fontes frequentemente abordam a visão de cura para os espíritas, baseada em sua concepção de ciência. Será ainda tratado o tema das curas espíritas e sua relação com a Medicina. Os conteúdos serão complementados a partir da bibliografia, como suporte a uma melhor compreensão do posicionamento desta área do saber. Neste capítulo também será ilustrado o conflito com a visão materialista, neste caso traduzida através de uma Ciência da Psique que atribuía a explicação orgânica à mente.

Por fim, o último capítulo trata da relação entre o Espiritismo e a Psicologia, aprofundando-se o tema das intersecções do Espiritismo com as Ciências da Psique, onde também é incluída a Pesquisa Psíquica, a Metapsíquica e a Parapsicologia. Além disso, são abordados alguns autores da Psicologia e as principais teorias psicológicas identificadas nas fontes. Revelou-se aqui oportuno discutir o posicionamento da Igreja Católica diante da Psicologia e da Parapsicologia já que foram mobilizados conceitos científicos no combate religioso. Concluímos este estudo com a discussão da existência

de uma “psicologia espírita”, que apesar de não estar sistematizada teoricamente apresenta elementos significativos e coerentes no que diz respeito a crenças e a práticas.

I - Duas revistas espíritas: caracterização e análise exploratória

O material utilizado para a análise incluiu o *Jornal Unificação* e a revista espírita *Reformador*, ambas as edições selecionadas abrangendo o período da década de 50 do século XX. Tais fontes também revelaram sua importância por seu caráter documental, o que permitiu a coleta de diversas informações. Entre os conteúdos encontrados estão presentes: dados específicos sobre o Espiritismo, tal como a atitude dos adeptos em relação a diferentes questões; informações sobre o movimento e suas atividades; dados cronológicos e específicos sobre personagens e situações envolvendo o Espiritismo; posicionamentos e reflexões sobre temas envolvendo diversas esferas, entre outros. Logicamente, nem todo este conteúdo pode ser analisado em pormenor, pelo que será dada maior ênfase aos acontecimentos e informações relacionados com o tema abordado neste estudo, nomeadamente as interseções as Ciências da Psique e o Espiritismo.

Dessa forma, em uma primeira etapa foi necessário diferenciar os gêneros textuais encontrados nas fontes para facilitar a identificação e classificação dos conteúdos dispostos. Dessa análise resultam as seguintes categorias:

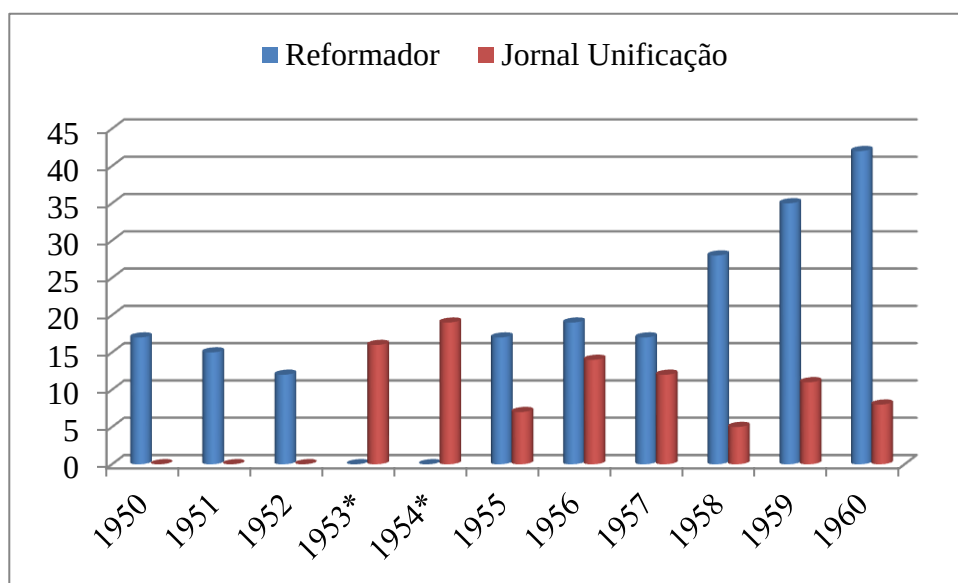
1) *Textos doutrinários e filosóficos*: textos que abordam temas pertinentes para o Espiritismo a partir de discursos filosóficos, científicos ou religiosos.

2) *Textos literários*: pequenos textos ou excertos de obras maiores, em formatos diversificados, tais como poemas, contos e narrativas. Os seus conteúdos articulam-se com a doutrina espírita.

3) *Notícias*: informações relativas a eventos, cursos, congressos, encontros, pesquisas, notas biográficas, instituições, donativos e situações específicas ao contexto da década analisada ou de décadas anteriores que poderiam ser provenientes do Brasil ou de outros países.

4) *Críticas*: textos contendo uma opinião expressa através de uma nota conjunta do movimento ou de indivíduos sobre determinadas situações, eventos, outros textos, livros ou ideias.

Esta classificação, a ser aplicada às duas revistas em análise, permite também quantificar a ocorrência de cada um dos gêneros. Outro dado relevante para caracterizar as categorias diz respeito à autoria dos textos. Neste sentido foram encontrados desde textos procedentes de psicografias³, como também de autores contemporâneos ao período ou póstumos, sejam eles brasileiros ou estrangeiros. O gráfico abaixo apresenta o número total de textos encontrados em ambas as revistas:



A imagem exhibe todos os anos, sendo que a primeira edição do *Jornal Unificação* data de 1953, o que explica os valores totais se iniciar a partir desse ano. Enquanto que as edições referentes aos anos de 1953 e 1954 do *Reformador* estão identificados (*), pois não estavam disponíveis para a análise, e devido a isso, tais valores também não constam neste levantamento.

A leitura das fontes foi realizada focando os conceitos psicológicos presentes nos textos, dessa maneira, as palavras identificadas em seu campo semântico foram selecionadas e listadas, para facilitar o processo de análise. Contudo, para se observar tal relação, foi necessário levar em consideração o momento em que a Psicologia se encontrava no cenário brasileiro, o que levou a incluir a relação com a Psiquiatria e as Pesquisas Psíquicas, pois a construção de modelos psicológicos estava inter-relacionada com tais domínios. Dessa maneira, se adotou o termo genérico “Ciências da Psique”

³ Isto é, uma forma de escrita em que a mensagem dos espíritos é registrada através de um médium, v. Kardec (1857, p. 149).

para se designar as três diferentes áreas do saber (Psicologia, Psiquiatria e Pesquisa Psíquica).

1. Fontes

1.1. Jornal Unificação

Este jornal surgiu como órgão oficial da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) e possuiu circulação regional, iniciada no ano de 1953. Segundo uma nota editorial, o objetivo da sua criação “[...] consiste em fazer dêste jornal o verdadeiro porta-voz do movimento espírita paulista, mantendo-o sempre na posição de imparcialidade e serenidade indispensável à boa realização dos seus altos propósitos.” (Jornal Unificação, 2º edição, maio, 1953, p. 1). A periodicidade das publicações tem variações, com publicações mensais, bimensais, e em alguns poucos casos trimestrais. A questão que envolve a variação da periodicidade destas publicações pode ser exemplificada com o seguinte trecho do Relatório Geral apresentado à Assembleia Geral Ordinária da USE:

O nosso órgão deixou de ser publicado mensalmente como o deveria ser, por razões ponderáveis: “Quando não eram problemas materiais, como por exemplo os de numerário ou os de intelectuais, como verbigrácia os de colaboração para as páginas do jornal – eram questões de ordem moral, eram assuntos de âmbito espiritual”, – no dizer do próprio Conselho de Redação. (Jornal Unificação, 39º-40º edição, junho-julho, 1956, p. 4).

O trecho busca dar uma justificativa para as alterações em sua periodicidade, citando fatos como a questão financeira, falta de colaboradores e até mesmo ao âmbito que transcendia as questões materiais. Contudo, entre as dificuldades encontradas também poderiam ser incluídas o fato de o jornal estar em seus anos iniciais, o que também demandou certo tempo para organização estrutural e financeira.

Além deste aspecto, cada edição possuía cerca de oito páginas, variando apenas em poucos casos em que a inclusão de páginas adicionais tinha como finalidade informar eventos espíritas importantes, como no caso da realização da I Semana Espírita da Cidade de São Paulo (Jornal Unificação, 37º-38º edição, abril-maio, 1956), da

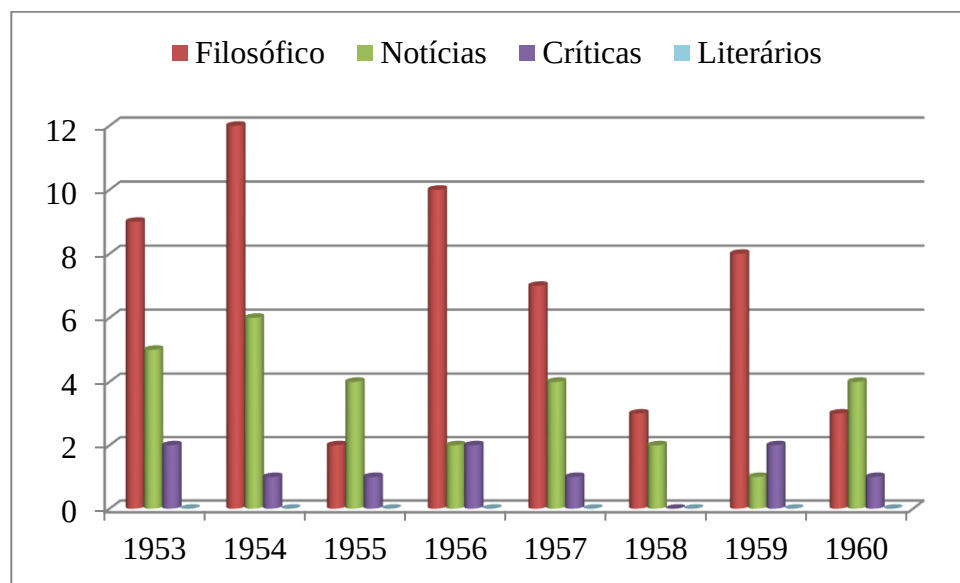
comemoração do I Centenário do Livro dos Espíritos (Jornal Unificação, 47º-48º edição, fevereiro-março, 1957) e na publicação onde um folheto adicional convidando ao I Centenário da Codificação do Espiritismo (Jornal Unificação, 49º-50º edição, abril-maio, 1957).

Uma característica que o diferenciava da revista *Reformador* é a presença de textos para jovens espíritas, assim como para crianças, o que demonstra que jornal tinha a intenção de apresentar conteúdos para diferentes públicos etários.

1.2. Relações com a Psicologia

Nesta fonte, foram encontradas diversas referências à Psicologia, geralmente provenientes de artigos com conteúdo filosófico sobre o âmbito científico ou religioso. Em número menor, mas também considerável, estavam as notícias, e por último, em menor quantidade, as críticas. Os textos literários não apresentaram nenhuma referência. A distribuição de textos por categoria é representada no Gráfico 2, onde a quantidade de textos está distribuída por ano.

Gráfico 2



Em seguida, está listada a ocorrência de palavras no campo semântico da Psicologia, separadas por ano, que foram identificadas em todas as quatro categorias textuais apresentadas anteriormente:

- i) 1953: estados psicológicos, problema psicológico, psicometria, psiquicamente anormais, zoopsicologia, psicologia experimental, psicologia, psiquismo, psicobiologia, psicológicos, psicólogos, psicológicas, personalidade humana, desequilíbrio psíquico, psicoterapia, medicina psicossomática, subconsciente, psicológico, personalidade.
- ii) 1954: psicologia, psicologia patológica, psiquismo, personalidade, subconsciente, psíquico(a), psicogênese, psicologia, psicólogo, inconsciente, psiconeurológica, psicologia animal, psicólogos, psicológica, psicologia clássica, psicologia moderna.
- iii) 1955: psicólogos, doenças psíquicas, psicopatologia, psicanálise, subconsciente, personalidade, psicologia, biopsicológicas.
- iv) 1956: estado psicológico, psíquicos, personalidade, subconsciente, inconsciente, psicoses, neurose, sugestão, movimentos inconscientes, psíquica, sugestão mental, inconscientemente, psicólogo, psicológico, psicologia, psicofisiologistas, segunda personalidade, consciência subliminal, desordens psíquicas, atributos psicológicos, psicólogos, psicologia experimental, transmissão mental, transmissão psíquica.
- v) 1957: herança psíquica, psicologias clássicas, psicologias oficiais, auto-sugestão, psicológico, subconsciência, psicologia, psiquismo, psicólogo, automatismo subconsciente, psicanálise, subconsciente, personalidade, personalidades segundas, psicologia social, atividade psíquica.
- vi) 1958: psicossomáticos, fenômenos psicológicos, psicologia, qualidades psíquicas, hereditariedade psíquica, caracteres psíquicos, psiquismo, psicologia, fenômenos psíquicos inconscientes, personalidade, desdobramento psíquico, psíquicos, subconscientes, faculdades psicossensoriais.
- vii) 1959: inconsciente, subconsciência, faculdades psíquicas, psiquê, psicologia, consciência, relação psíquica, percepção subconsciente, psicologia

experimental, nova psicologia, psicologia oculta, fenômenos psicológicos, psicologicamente, estado psicológico.

viii) 1960: personalidade, inconsciente, patologia mental, psicoses, fenômeno psíquico, perturbações mentais, psiquismo humano, Medicina Psicossomática, equilíbrio psíquico, distúrbios psíquicos, psicopatias, faculdades mentais, psiquicamente, psico-neuroses, psicoterapia, sugestão, alma psicológica, psique, parapsíquico, psíquico, vida psíquica, psicologia, psicologia oficial, psicológica, subconsciente, psicólogo, psicanálise, psicanalistas, personalidade humana.

A análise do conteúdo do *Jornal Unificação* permitiu identificar uma predominância de estilo de textos que privilegiava textos de conteúdos doutrinários ou filosóficos, com uma quantidade significativa de temas relacionados ao campo científico. Essa característica é ressaltada devido ao reduzido número de páginas do jornal.

1.3. Reformador

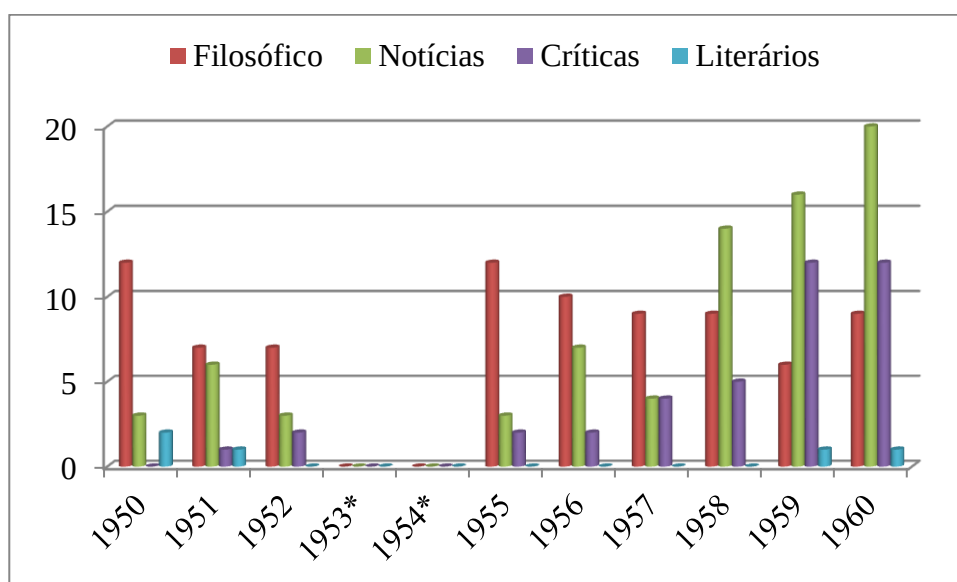
Revista de circulação mensal em âmbito nacional editada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), originalmente fundada por Augusto Elias da Silva no ano de 1883, o que a torna uma das mais antigas publicações espíritas no país e que permanece ativa até os dias atuais. Um dado interessante encontrado em uma nota publicada pela revista revela o aumento do número de assinantes que, segundo a revista, no ano de 1955 tinha alcançado a tiragem de 27.500 exemplares (Reformador, julho, 1955, p. 149).

As edições analisadas possuíam um total de 24 páginas, sendo que em alguns casos, no entanto, este número poderia exceder atingindo 28 páginas (agosto, 1951; abril, 1952; dezembro, 1957), 32 páginas (setembro, 1950; setembro, 1952; outubro, 1959) e 40 páginas (abril, 1957), sendo esta última um número especial decorrente em comemoração ao 1º Centenário da Codificação do Espiritismo, onde Kardec é homenageado.

1.4. Relações com a Psicologia

Neste material, também foram encontrados vários textos que fazem referência à Psicologia. Nesta fonte, assim como a anterior, há um número considerável de textos com conteúdo Filosófico ou Doutrinal. A diferença, contudo, é um aumento expressivo nas Notícias e Críticas, ambos se intensificando a partir de 1958. Além disso, outra diferença é uma pequena presença de Textos Literários, já que na última fonte não se observou nenhum texto desta categoria que estivesse relacionado ao tema. Assim como demonstrado na secção anterior, o Gráfico 3 indica a quantidade de textos encontrados, separados por categorias e divididos por ano.

Gráfico 3



Em seguida, estão as ocorrências no campo semântico da Psicologia, correspondentes às quatro categorias textuais e separadas por ano:

- i) 1950: faculdades psíquicas, doença mental, sugestão, personalidade, inconscientemente, psicológicos, psicologia, transitivismo, atividade psíquica, psíquicas, esquizofrenia, psicossomática, psicanálise, psicologia anormal, psiquismo, psiquismo anômalo, fenômeno psicológico, subconsciente, psicológica(s), psicoterapia, psicologia animal, psicologia fisiológica, fenômenos psíquicos, sugestão, psicológico, psicólogo(s), psicologia experimental, nova psicologia, psicologia oculta, psicologia das

paixões, fenômenos psicológicos, inconsciente, psico-fisiológico, psicológica, perturbação psíquica, inconsciência, psíquico(s), biopsicologia.

ii) 1951: psicológico, fisiopsíquicas, personalidade, psicologia, estudos psicológicos, psicognomia, psicologista, psique, inconsciente(s), psiquismo, psíquicas, psicomетria, psicométrica, psíquico, psicologicamente, psicologia animal.

iii) 1952: subconsciente, psiquismo, psicológico, subconsciência, personalidade(s), fenômeno psicológico, psicologia, psicologia experimental, psicanálise, inconsciente, psicanalista(s), psicanalíticos, temperamento, idiosincrasia, personalidade humana, sugestões, sugestão, psíquicas, fenômeno sugestivo, psicologicamente, personalidade segunda, personalidades mediúnicas, psicólogos, físico-psíquico.

iv) 1953: edição indisponível

v) 1954: edição indisponível

vi) 1955: transmutação psíquica, psiquismo humano, psicologia, causalidade psíquica, problemas psicológicos, personalidade, psique, psiquismo rudimentar, subconscientes, fenômeno psíquico, potencial psíquico, eidetismo, psiquismo, sofrimento nervoso, neurose, psíquica, psicólogos, psicossomáticas, sugestão, projeção inconsciente, histeria, medicina psicológica, exteriorização psíquica, psicoses, psíquica.

vii) 1956: personalidade, normalidade psíquica, força psíquica, equilíbrio psíquico, psicologia, psicanálise, psiquismo humano, exteriorização psíquica, mistérios psicológicos, psicólogo, perturbações psíquicas, segunda personalidade, neuroses, psíquico, inconsciente, psicossomático, subconsciente, psíquica(s), psicanalista, neuróticos, psiquismo, psicologistas, causalidade psíquica, processos psicológicos, inconscientemente.

- viii) 1957: psicológico, psíquicos, psicólogo(s), psicologia fisiológica, sugestão mental, atividades psíquicas, psiquismo, subconscientemente, psicologia experimental, estrutura psíquica, causalidade psíquica, tratamentos psíquicos, exteriorização psíquica, psiquismo humano, subconsciente, psíquica, neurose histérica, autossugestão, personalidade psíquica, sugestão, históricas, força psíquica, inconscientemente, psicologia, atividade subconsciente, automatismo psicológico, atavismo.
- ix) 1958: estudos psicológicos, fenômenos psicológicos, problemas psicológicos, psicologia, fenômenos psíquicos, psíquica, harmonia psíquica, personalidade, personalidade múltipla, equilíbrio psicológico, formação psíquica, causalidade psíquica, faculdades psíquicas, psicologia experimental, psicólogo(s), psicanálise, subconsciência, sugestões, consciência subliminal, inconsciente coletivo, inconsciente, psíquicos, subconsciente(s), auto-sugestão, sugestão, ambiente psicológico, psicológicos, psiquismo, herança psíquica, mecanismo psíquico.
- x) 1959: psicológica, psicologia, personalidade, alma psicológica, psicólogo(s), fenômenos psicológicos, subconsciente, psíquicos, escolas psicológicas, psiquismo, psicologia patológica, psicopatia, psique, histeria, fenômenos psíquicos, psicanalítica, psicanalista(s), descobertas psicológicas, psico-sensorial, psicologia experimental, faculdades psíquicas, sugestão, vida psíquica, órgãos psicossomáticos, neuropsicose, psicanálise, neuroses, atividades psíquicas, psicossomática(s), teoria psicológica, personalidade humana, dinamismo psíquico, traumas psíquicos, neurose, neuro-psíquicas, subconscientemente, vida psíquica.
- xi) 1960: faculdade(s) psíquica(s), psíquica, subconsciência, inconsciente, personalidade, personalidade humana, leis psicológicas, psicoterapia, doutrinação analítica, fato psicológico, diferenças psicológicas, psicólogos, fenômenos psíquicos, personalidade humana, psicanálise, psicanalistas, personalidade múltipla, psicologistas, psicologia infantil, psicologia, mentes subliminais, psicológico(s), neurose, sugestão, psíquico(s), distúrbio psíquico, equilíbrio psíquico, subconsciente, psicologia experimental, estado

psíquico, inconsciência coletiva, psicossomática, psique, psiquismo, consciência subliminal, psico-zoólogo, psicologia anormal, inconscientemente, auto-sugestão.

A análise do conteúdo da revista *Reformador* permitiu identificar uma predominância de estilo de textos que privilegiava o caráter religioso, assim como existencial do Espiritismo até meados de 1957, sendo que no ano seguinte houve uma quantidade maior de notícias e críticas, principalmente sob a temática da Parapsicologia.

2. Resultados

Os resultados encontrados permitiram comprovar a hipótese da presença de concepções das Ciências da Psique dentro do Espiritismo brasileiro. Os textos apresentam uma tentativa espírita de compreensão da psique humana e sua dinâmica. Neste sentido, os conteúdos dos textos surgem em várias perspectivas, sendo elas: as que se aproximam, contrapõem ou mantêm uma neutralidade frente às demais concepções. Essas diferenças conceituais, contudo, não evidenciaram uma discordância que levasse à cisão do movimento, ainda que eventuais discordâncias internas pudessem ocorrer, como pode ser observado, por exemplo, em um texto em que é tecida uma crítica aos espíritas que se interessam apenas pelo aspecto científico (*Reformador*, maio, 1955, p. 103-104). A questão conceitual que difere a visão espírita da psicológica estará descrita no Capítulo V da Discussão.

A utilização de termos derivados de “Psicologia” aparece frequentemente em ambas as fontes, assim como “Psíquico” ou “Psiquismo”. Além disso, outros termos psicológicos encontrados referem-se à abordagem Psicanalítica e suas práticas, como: “Psicanálise” e “psicanalista(s)”. Neste sentido, surgiram com certa frequência conceitos provenientes da Teoria Psicodinâmica, sendo os mais comuns: “inconsciente” e “subconsciente”. Alguns outros termos encontrados fazem referência a conceitos relacionados à Psicologia, sendo neste aspecto o termo “personalidade” que ocorre com maior frequência. Deve ser ressaltada ainda a ocorrência de termos que também são encontrados na Pesquisa Psíquica e, por fim, foram também encontrados termos da

Psicopatologia. O variado conteúdo pode ser mais bem visualizado nas seguintes categorias:

- a) Conceitos relacionados à Psicologia de modo geral
- b) Conceitos relacionados às Teorias Psicológicas
- c) Conceitos comuns entre Psicologia e Pesquisa Psíquica
- d) Conceitos relacionados à Psicopatologia

Outro aspecto que vale ser mencionado são os formatos variados de texto que os termos surgiram. Dessa maneira, foi possível verificar a predominância do tema em textos da categoria Doutrinal ou Filosófica na maioria dos anos analisados, sendo apenas superado: no *Jornal Unificação* pelas notícias na edição de 1960 (conforme pode ser visualizado no Gráfico 2); no *Reformador* por notícias na edição de 1958 e por notícias e críticas em 1959 e 1960 (conforme pode ser visualizado no Gráfico 3). Esse aumento expressivo se dá pela introdução de novos textos contendo resenhas sobre livros e que foram incluídos na categoria “Críticas”, assim como o grande número de notícias a respeito da Parapsicologia. Sendo que no *Reformador* essas notícias ocorreram devido à publicação do livro de Rhine e as pesquisas internacionais realizadas no campo da Parapsicologia, o que atraiu o interesse de espíritas e católicos, conforme será desenvolvido no capítulo sobre a Psicologia.

A análise das fontes permitiu compreender fundamentalmente a importância da imprensa para o Espiritismo brasileiro, principalmente no aspecto de divulgação da doutrina, que pode ser contextualizado com o aumento do número de espíritas e o aumento de edições publicadas, em vista de atender essa demanda. A imprensa também tinha como finalidade informar sobre eventos, cursos e as resoluções tomadas pelas lideranças.

2.1. Semântica

A principal dificuldade encontrada durante a etapa de identificação das ocorrências no campo semântico da Psicologia foi a utilização de termos que atualmente estão relacionados à Psicologia, mas que no período e contexto estudado também eram empregados pelas Pesquisas Psíquicas. Um termo que exemplifica bem essa questão é “psicometria”, atualmente utilizado por psicólogos no âmbito das avaliações

psicológicas, mas que já se remeteu a uma modalidade experimental dentro da Metapsíquica na qual o médium colhe informações das subconsciências de indivíduos distantes através do contato com um objeto antes utilizado pela pessoa buscada (Jornal Unificação, 71ª edição, fevereiro, 1959, p. 6).

Em outros casos, o termo possuía um significado que variava de acordo com o contexto ou com a concepção do autor do texto. Neste caso, se destaca a classificação das categorias em torno do termo “psiquismo” e suas variações etiológicas, que contém um significado diferente de acordo com a abordagem que lhe emprega, sendo que pode tanto significar dentro da filosofia uma doutrina que busca explicar os aspectos da alma, como dentro da Psicologia remeter aos fenômenos psíquicos e processos mentais do ser humano ou animal. Assim como em algumas situações que o termo “psicológico” surge apenas com a qualidade de substantivar algo, sem referência direta a conceitos psicológicos, seres ou ideias. Além disso, os termos “inconsciente” e “subconsciente” apesar de muitas vezes indicarem um conceito psicanalítico, apresentavam também, em alguns casos, um significado que remetia simplesmente a um estado de não-consciência. Um exemplo disso é um texto que abre a discussão sobre a evolução:

No decurso dessa imensurável trajetória os seres vão atravessando as várias etapas progressivas até que passam do inconsciente ao consciente, isto é, do grau em que são levados automaticamente para a frente, impelidos pela força incoercível da evolução [...]. (Reformador, setembro, 1951, p. 200).

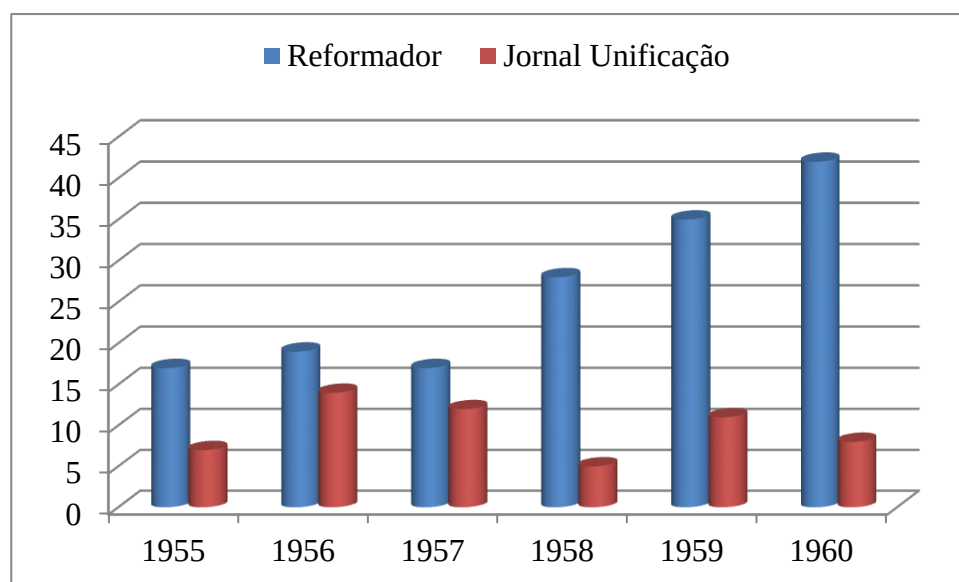
Neste sentido, o trecho trata de um conceito evolutivo da mente que marca a transposição de um estágio primitivo, para um mais elevado. Outro termo também comum entre a Psicologia e a Pesquisa Psíquica e que não foi incluído é “animismo”. Tal termo remetia ao conceito utilizado pelas Ciências Psíquicas para explicar os fenômenos anímicos, enquanto que sua posterior utilização dentro da Psicologia difere desta que emprega o conceito antropológico dentro da Psicologia Infantil e da Antropologia. Dessa maneira, a seleção das categorias buscou atingir o máximo de proximidade com a incipiente Ciência Psicológica, ainda que seja difícil que essa categoria seja definida com total exatidão pelo próprio momento histórico em que vivia e conforme será mais bem delineado durante o capítulo que aborda sua relação com o Espiritismo.

Para concluir, é possível observar que a mudança semântica em muitos casos pode estar relacionada a conflitos filosóficos de posições que buscam afastar-se de outras perspectivas. Um exemplo disso é mencionando por Machado (2005), sobre a questão da Parapsicologia no Brasil, o conflito iniciado neste campo entre católicos e espíritas gerou o que foi denominado “guerra de palavras” (Hess, 1987a, p. 473 cit. por Machado, 2005). O substantivo “Parapsicologia” acabou sendo condenado, principalmente nos meios acadêmicos, dando lugar para outras terminologias, como “Pesquisa Psi”, “Psicologia Anomalística” e “Psicobiofísica”.

2.2. Análise Comparativa

Para melhor visualização dos resultados encontrados foi estabelecida uma análise com a finalidade de comparar e integrar os dados obtidos. Os resultados previamente obtidos durante a primeira análise foram classificados no Gráfico 5, exibido abaixo, que compreende o comparativo do total de textos encontrados entre as duas fontes.

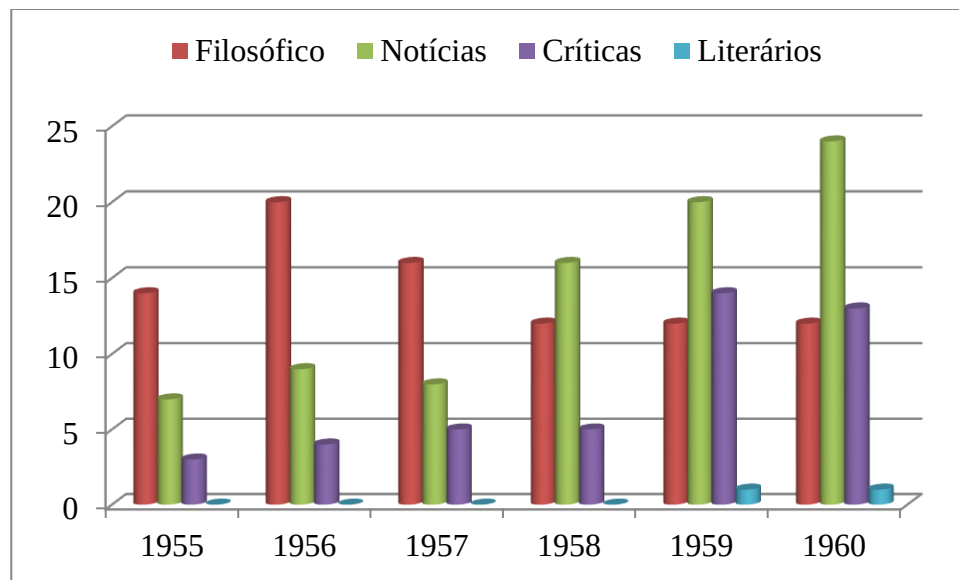
Gráfico 5



Conforme é possível observar, o Gráfico 5 mostra um aumento no número de textos na revista *Reformador* enquanto no *Jornal Unificação* as variações são pequenas e se mantêm em um número constante. Em seguida, o Gráfico 6 mostra o somatório do número total de cada categoria, por ano. Em ambos os gráficos foi delimitado o

intervalo de tempo que compreende os anos de 1955 a 1960, em razão da disponibilidade de fontes em um período comum para ambas.

Gráfico 6



Em relação às categorias exibidas pelo Gráfico 6, de um modo geral, houve um aumento no número de Notícias e de Críticas, enquanto a quantidade de textos de conteúdo Filosófico ou Doutrinal têm uma pequena queda no ano de 1958 e se mantêm constante nos anos seguintes, já a quantidade de textos Literários permaneceu bem abaixo das demais.

3. Dados Complementares

3.1. Espiritismo e outras concepções

Além dos dados apresentados e analisados anteriormente, outras informações significativas devem ser mencionadas por possuírem grande relevância para este estudo. Primeiramente, deve ser ressaltada a relação do Espiritismo com estas outras concepções, que em muitos casos vão estabelecer conflitos ou pontos de ligação dentro dos domínios das Ciências da Psique. Esses embates podem ser divididos da seguinte maneira:

a) Catolicismo

Na revista *Reformador* foi possível encontrar frequentes críticas ao Catolicismo, que confirma o conflito com o Espiritismo encontrado na literatura. As críticas eram variadas, desde conceitos filosóficos, como a postura adotada por membros da Igreja, sobre a questão envolvendo a laicidade do Estado brasileiro e a respeito da liberdade de culto de outras religiões. No *Jornal Unificação* foram encontradas notícias relatando experiências de conflito com membros da Igreja, bem como às vezes contendo críticas a algumas posturas, e em alguns casos até conciliações.

b) Materialismo

Em ambas as fontes são encontrados diversos textos que criticam a concepção de Ciência Materialista, bem como o posicionamento dos defensores deste tipo de visão. Os conflitos com os materialistas ocorrem em diversas frentes, desde quando os defensores dela buscam explicar os fenômenos espíritas por meios de métodos positivistas, como também casos que os espíritas criticam esse tipo de visão e posturas adotadas por eles. Os maiores representantes do Materialismo encontrados nesse período foram os Psiquiatras.

c) Conflitos internos

Embora haja pouco material disponível, alguns textos indicam que houve algumas divergências internas no movimento. O número, no entanto, é pouco considerável comparado aos outros textos. Há ainda a discussão “Espiritismo e Espiritualismo”, onde é possível mencionar que a vertente Espiritualista seria originária das diversas formas de “espiritismos”, para posteriormente se diferenciar com o surgimento do Kardecismo, que possui um enfoque mais científico e racional. Esse aspecto será mais bem aprofundado no capítulo sobre o Espiritismo.

3.2. Eventos Significativos

Outro dado que visa complementar a análise são os eventos que ocorreram durante esse período e foram frequentemente citados. O relato da ocorrência de eventos tanto de caráter local, nacional e internacional revela o impacto que tiveram. Entre eles podemos ainda citar os eventos espíritas e os não-espíritas. Primeiramente, um evento que marca no âmbito espírita é o Pacto Áureo, anterior à década dos jornais, mas muito citado, tendo comemorações regulares na data de seu aniversário em 5 de Outubro. Outros eventos significativos foram: o I Centenário da Codificação do Livro dos Espíritos em Abril de 1957, o Congresso Espírita Estadual em que ocorriam frequentemente as reuniões da USE, e a I Semana Espírita da Cidade de São Paulo. Por fim, vale citar a ocorrência do Congresso Eucarístico, que foi um evento católico, mas repercutiu em várias edições da revista *Reformador*. Eventos menos citados, mas também importantes foi o Congresso Espírita Internacional, realizados em Londres (1948), Estocolmo (1951), Amsterdã (1954) e Paris (1957)⁴.

3.3. Personalidades Importantes

A análise das fontes permitiu a verificação das personalidades que tiveram um papel significativo no período. Nelas encontram-se lideranças, autores e médiuns. Primeiramente, evidentemente estão Gabriel Delanne e León Denis, continuadores da obra de Kardec. Nos textos também estão incluídos referências a personalidades estrangeiras que estiveram relacionadas aos estudos da Pesquisa Psíquica ou Metapsíquica, entre elas estão: Camille Flammarion, Ernesto Bozzano, Charles Richet, Alexandre Aksakof, Willian Crookes, Cesare Lombroso, Oliver Lodge e Arthur Conan Doyle. Um dado significativo remete a uma notícia que relata o fato de Charles Richet e o psicólogo Georges Dumas estarem no Brasil em 1908 (*Reformador*, dezembro, 1958, p. 280). Por fim, outro nome importante que surge no final da década de 50 e se torna muito citado é do parapsicólogo americano Joseph Banks Rhine.

Além destas, foi possível identificar personalidades estrangeiras contemporâneas ao período estudado e que se comunicavam com espíritas brasileiros. Um deles é Pietro Ubaldi que chegou a visitar o Brasil (*Reformador*, agosto, 1951, p. 177) e posteriormente realizar uma conferência em uma reunião do Conselho Federativo

⁴ *Reformador*, janeiro, 1958, p. 23.

Nacional no dia 6 de Outubro de 1951 (*Reformador*, novembro, 1951, p. 260). Outra personalidade importante foi o médico português António Joaquim Freire, que inclusive já havia morado no Brasil, e teve vários textos publicados no *Reformador*.

Em território nacional, houve um destaque nesse período para certas lideranças, como Carlos Imbasshy e Carlos Jordão da Silva em ambas as fontes e Ismael Gomes Braga, na revista *Reformador*. O médium brasileiro mais citado e com maior quantidade de textos publicados foi Chico Xavier. Informações e detalhes adicionais sobre os personagens significativos podem ser encontradas durante os próximos capítulos.

Além das personalidades, encontra-se a presença de textos provenientes de revistas internacionais, as mais citadas são: *Revue Spirite* e *Psychic News*. É importante mencionar que eram noticiadas as referências das duas fontes em publicações espíritas internacionais.

II - O Espiritismo e sua trajetória no Brasil

1. Introdução: O Espiritismo e suas origens

O percurso histórico do Espiritismo no Brasil está envolto pela ocorrência de diversos embates que vão desde o campo científico ao religioso, revelando dessa forma ser um objeto de estudo que carrega consigo uma ampla gama de informações. Este primeiro capítulo é reservado para apresentar o Espiritismo Kardecista no Brasil abordando suas principais características, momentos e o contexto. Ao pensarmos a questão das Ciências da Psique no Espiritismo brasileiro devemos levar em consideração os principais paradigmas que estariam presentes no período abordado e como se relacionariam entre si. Um dos fatores que deve ser ressaltado inicialmente é o tríplice aspecto presente em sua doutrina, que envolve: Ciência, Filosofia e Religião. Este pressuposto, considerado como um dos principais pilares da doutrina, implica em uma determinada visão, diferente da contida nas formas de religiões tradicionais, ao mesmo tempo em que resultou em momentos de tensão com determinados indivíduos e instituições que defendiam a configuração positivista de Ciência e Estado da época. Por sua vez, estes momentos de tensão tiveram seu impacto na própria forma de constituição do Movimento Espírita no Brasil.

Ao abordar o Espiritismo, deve ser ressaltada a ampla apropriação do termo que resultou na atual existência de vários “espiritismos”. Segundo Arribas (2008), é comum encontrarmos na literatura acadêmica a designação aplicada para mais de um segmento religioso. O “Espiritismo” aqui abordado remete à concepção proveniente de Allan Kardec (pseudônimo adotado pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail) que representa um modelo de pensamento singular frente às demais práticas da época. Em sua visão, era necessário compreender o mundo dos espíritos como uma causa natural e não metafísica como defendiam as religiões tradicionais. Desta forma, Kardec lança um tipo de proposta completamente diferente do pensamento vigente que delimitava muito claramente o espaço para diferentes compreensões, de maneira que somente caberia à ciência as causas do mundo natural e às religiões as causas metafísicas (Vasconcelos, 2008). A doutrina Espírita desenvolvida por Kardec é identificada através do corpo teórico-doutrinário presente na obra “*Le livre des esprits*” (“O Livro dos

Espíritos”) publicada na França em 1857. Seria a partir deste movimento, também conhecido como Kardecismo, que emergiria a concepção de naturalização do mundo dos espíritos, posteriormente manifestada através de um novo paradigma científico que buscava dar conta de explicar os fenômenos espíritistas. Além desta obra, é essencial mencionar “*O Livro dos Médiuns*” (1861) e “*O Evangelho segundo o Espiritismo*” (1864), de similar importância.

De acordo com Abib (2011), entre os contemporâneos e continuadores de Kardec estão principalmente Gabriel Delanne (1857-1926) e Léon Denis (1846-1927), sendo que ambos foram autores de importantes obras sobre a doutrina e também estiveram envolvidos com o movimento. Entre as obras de Delanne destaca-se seu trabalho científico sobre o Espiritismo (Jornal Unificação, 47º-48º edição, fevereiro-março, 1957, p. 8). Também foi fundador da União Espírita Francesa e do jornal *Le spiritisme*. Da mesma maneira, existe uma grande importância nas obras de Denis para o Espiritismo, que possuem um caráter filosófico. Destaca-se ainda que no Congresso Espírita e Espiritualista Internacional realizado em 15 de Setembro de 1900 em Paris, Denis em nome dos espíritas brasileiros lê um relatório denominado “O Espiritismo no Brasil”. Além disso, em 1901, a FEB concede a ele o título de sócio distinto e presidente honorário (Reformador, junho, 1952, p. 127).

No Brasil, o Espiritismo seria estabelecido nos fins do século XIX, em um determinado contexto que resultaria em um desenvolvimento diferenciado do ocorrido no caso francês, mas ainda assim, existiriam pesquisadores interessados na dinâmica científica tal qual como fora concebida originalmente (Vasconcelos, 2008, p. 206). Segundo Hess (1987a cit. por Machado, 2005), o Espiritismo começou a se expandir no Brasil especificamente na década de 1870, nesta fase mais como doutrina do que como ciência. Com as perseguições que sofreram na Velha República, os espíritas viriam a se interessar pela pesquisa Psíquica a partir da década de 1890. Quando a perseguição ao Espiritismo diminuiu em 1895, o movimento voltou novamente ao seu caráter mais doutrinário. No entanto, conforme veremos a seguir, a perseguição ao Espiritismo continuaria e isso pode ter influenciado em suas próprias práticas. Contudo há outra explicação, apontada por Betarello (2009, p. 57), que considera a razão dessa mudança devido à alternância de poder entre diferentes grupos na FEB, onde alguns enfatizavam o caráter religioso enquanto outros o caráter científico.

De acordo com Abib (2011), a chegada do Espiritismo no Brasil se deu devido ao fato de o país naquele período possuir a França como um modelo a ser seguido em algumas áreas culturais. Dessa forma, os livros em francês contendo a doutrina foram absorvidos pelos intelectuais da época, principalmente médicos que ao praticar o princípio da caridade presente nos ensinamentos atendiam a pessoas pobres e as atraíam para o Espiritismo.

De acordo com Stoll (2003 cit. por Betarello, 2009), “o Espiritismo no Brasil não é uma distorção da tradição francesa e sim uma adaptação ao modo de ser do brasileiro, intimamente ligado à sua principal religião (Católica)”. Esse aspecto pode ser observado nas revistas, onde é possível encontrar frequentemente textos com referências ao Cristianismo, nas mais diversas categorias textuais, bem como o fato dos espíritas se autodeclararem cristãos. No entanto, deve ser ressaltado que há uma diferença fundamental entre ambas as concepções, que serão mais bem exploradas no capítulo que tratará da relação entre Espiritismo e Igreja Católica. Além disso, apesar do aspecto sincrético com o Cristianismo, o Espiritismo teria vários momentos de tensão com a Igreja. O mesmo vale ser citado de sua relação com o Estado brasileiro que possuía forte influência católica, e durante o período republicano contou com a oposição dos republicanos às práticas espíritas. Diante da Constituição aprovada em 1891, Arribas (2008) comenta sobre a necessidade de observar a mudança que viria a ocorrer na atuação e no discurso da FEB. De acordo com a autora, a separação entre Igreja e Estado não facilitaria em nada a vida dos espíritas, pois no ano de 1890 o Código Penal tornava o Espiritismo crime punível de multa e 1 a 6 meses de detenção. Isto se dá devido ao fato de o Espiritismo não ser considerado como religião, o que gerou diversos embates nos anos seguintes na tentativa de espíritas revogarem essa lei, e que pode ter influenciado o próprio rumo e forma que o Espiritismo viria a tomar no Brasil. Segundo Vasconcelos (2008), diferentemente da França, onde surgira dotado de características notadamente mais científicas, o Espiritismo aparece aqui mais caracterizado como um movimento religioso. Este fato possivelmente pode ter sido influenciado pelo embate com o movimento republicano brasileiro, que resultaria na adoção de um estatuto de religião para sua própria sobrevivência.

De acordo com Leonel (2010), vários estudos importantes têm apontado para a intolerância às outras formas de religiosidade durante a primeira metade do século XX

no Brasil. A relação que era estabelecida pelo Estado com as religiões era baseada em um padrão legal que remetia às relações entre Igreja Católica e Estado. Dessa forma, predominava a ideia de um modelo legítimo de religião cristã, que era “[...] incapaz de reconhecer nas formas religiosas populares confissões a serem respeitadas” (Almeida & Montero, 2000 citados por Leonel, 2010, p. 384). Sobre isso, o autor ainda afirma que durante este período “[...] o espaço público republicano destinado às religiões foi desenhado sob a hegemonia das instituições católicas, que contaram com a simpatia e a cumplicidade de inúmeras esferas do Estado” (Leonel, 2010, p. 385). Sobre a intolerância contra o Espiritismo, Giumbelli (1997) aponta para três categorizações de argumentos que os adeptos sofreram como formas de deslegitimá-los, sendo elas: charlatanismo; psicopatologia ou psicologizado; e loucura.

No contexto que envolve final do século XIX e início do XX, o espiritismo, o Kardecismo e a pesquisa psíquica, devido a sua exclusão social, buscaram o modo científico de produção de evidências para compreender o mundo dos espíritos (Vasconcelos, 2008). O objetivo por trás das pesquisas mencionadas era buscar as causas naturais por trás dos fenômenos sobrenaturais, seja para comprovar a natureza desta realidade ainda desconhecida, ou no caso dos mais céticos, para buscar explicações do mundo natural. A ciência positivista da época encontrou em alguns nomes psiquistas interessados em desvendar esses mistérios através da metodologia científica, enquanto a maior parte dos outros cientistas fechava-se para essa possibilidade devido ao pensamento secular que designava reservar às religiões àquilo que era do âmbito do sobrenatural. Apesar dos autores apontarem o Espiritismo brasileiro com uma característica mais religiosa, é importante observar também a valorização do aspecto científico, conforme será abordado durante este trabalho.

2. A doutrina Espírita: principais aspectos

Ao analisar os aspectos da doutrina, devem ser ressaltados algumas de suas principais características filosóficas. No entanto, a explanação aqui realizada busca compreender apenas alguns pontos centrais para o propósito de abordar uma visão geral, já que uma exposição completa da história de seu surgimento e influências filosóficas demandaria uma análise muito mais pormenorizada, como pode ser observado em

Vasconcelos (2008, p. 201). Sendo assim, vou ater aos elementos mais importantes, sendo um deles muito destacado pelos espíritas e relacionado à sua questão doutrinal, que é o tríplice aspecto. Conforme mencionado anteriormente, o tríplice aspecto consiste nas suas três diferentes áreas (Ciência, Filosofia e Religião), que estariam inter-relacionadas. Segundo Chibeni (2003), Kardec ao defender o conceito de filosofia espírita trazia consigo o sentido amplo que a noção de filosofia implicava, isso incluía seu caráter científico e moral. Sobre a acepção restrita do termo ‘filosofia espírita’ o autor afirma que Kardec aborda alguns pontos específicos que seriam tratados dentro do Espiritismo, como: “[...] a existência e atributos de Deus, a distinção alma-corpo, as idéias natas, o livre-arbítrio, a objetividade dos critérios morais, etc.” (Chibeni, 2003, p. 5). Quando pensamos ainda sobre a abordagem de Kardec frente ao Espiritismo, é importante entender que ele via-o “[...] como um sistema que vinha realizar a aliança entre ciência e religião, ao provar que o materialismo estreito da primeira e o sobrenaturalismo mágico da segunda estavam ambos equivocados.” (Vasconcelos, 2008, p. 201). A partir desta afirmação é possível entender a importância do cientificismo buscado pelo Espiritismo, onde a prova teria seu papel na comprovação da existência do mundo dos espíritos. Esse aspecto ainda viria gerar muita controvérsia ao longo dos anos, por sua visão ser divergente tanto da ciência institucionalizada como da Igreja Católica. Podemos ainda encontrar a respeito desta temática na seguinte passagem:

Pergunta-se algumas vezes se a religião é necessária. A religião (do latim *religare*, ligar, unir), bem compreendida, deveria ser um laço que prendesse os homens entre si, unindo-os por um mesmo pensamento ao princípio superior das coisas. Há na alma um sentimento natural que a arrasta para um ideal de perfeição em que se identificam o Bem e a Justiça. Esse sentimento, o mais nobre que podemos experimentar, se fosse esclarecido pela Ciência, fortificado pela razão, apoiado na liberdade de consciência, viria ser o móvel de grandes e generosas ações; mas, manchado, falseado, materializado, tornou-se, muitas vezes, pelas inquietações da teocracia um instrumento de dominação egoística. (Denis, 1889, p. 21-22).

O trecho acima demonstra, de acordo com a doutrina, como a ciência e a religião deviam estar relacionadas. Outro aspecto relevante sobre o Espiritismo que o autor aponta é o fato de considerar a importância da prática/execução religiosa maior do que a questão teórica. Além disso, critica “as formas exteriores, os mitos obscuros, o culto, as

cerimônias”. De acordo com o autor, a religião seria “um sentimento” e não estaria em “formas e manifestações exteriores” como regras e ritos, não necessitando de sacerdotes, fórmulas ou imagens (Denis, 1889, p. 22). É muito importante salientar o posicionamento adotado pelo autor, pois as fontes indicam uma continuidade nesta postura pela FEB.

No entanto, os críticos do Espiritismo buscavam associar todas as religiões mediúnicas a uma mesma categoria. De acordo com Costa (2002), a Igreja utilizava um discurso que relacionava o Espiritismo a crenças africanas, magia e bruxaria. Os espíritas, por sua vez, se defendiam argumentando sobre as diferenças entre as crenças. Sobre este assunto, Amorim (1947) discute que o Espiritismo era associado às práticas africanas pelo simples fato de todas as religiões que tivessem manifestações de espíritos serem rotuladas com o mesmo nome, isso incluiria as práticas fetichistas, pois nelas estariam também presente as evocações de espíritos. O autor aponta que essa linha de raciocínio estaria completamente equivocada pela diferença daquilo que é “ato espírita” do que é o “fenômeno”. Além disso, quando o Espiritismo Kardecista chega ao Brasil, o Africanismo já estava generalizado, com predominância no estado da Bahia. Desta forma, conclui ressaltando a impossibilidade de estabelecer uma comparação, pois a Doutrina Espírita é um fenômeno religioso mais recente do que o africanismo. Por fim, o fenômeno não pode ser considerado como elemento único para se identificar a prática espírita. Se assim fosse, não haveria distinção entre Espiritismo, Africanismo, Catolicismo, ou qualquer outra religião na qual pudesse ser observado o fenômeno da mediunidade (Amorim, 1947, p. 16). As fontes analisadas mostram que a imprensa espírita também buscava pontuar e esclarecer sobre essas diferenças (Jornal Unificação, agosto, 1953, p. 7).

A questão da reencarnação é outro elemento de grande importância dentro da doutrina. Na concepção espírita, a reencarnação tem o papel de auxiliar no processo evolutivo, pois seria através de cada reencarnação, a qual contém a provação de uma nova existência, que o espírito alcançaria esse novo patamar. Conforme podemos observar em “*O Livro dos Espíritos*”, o processo tem como finalidade: “Expição, melhoramento progressivo da humanidade.” (Kardec, 1857, p. 101). Esse é um elemento muito interessante para ser analisado dentro do Espiritismo Kardecista, pois o conceito de reencarnação chega ao Brasil através da doutrina e posteriormente incorpora-se a outras religiões. As fontes analisadas também revelaram a diferenciação

entre o Espiritismo Kardecista e o Espiritualismo justamente neste ponto, já que o Espiritualismo não compartilha na crença da reencarnação. Em uma edição do *Reformador* que cita um texto de Muller publicado na revista *Yours Fraternally* no ano de 1958, onde o autor menciona a reencarnação como a principal divergência doutrinária (Reformador, junho, 1959, p. 137). Um aspecto bastante defendido por Antônio Joaquim Freire sobre a questão doutrinária do Espiritismo é o trinômio: Evolução, Reencarnacionismo e Carma (Reformador, maio, 1958, p. 103). Entre seus textos publicados na revista há um que pode ser mencionado que trata de certas Leis, entre elas: a Lei da Evolução, Lei da Causa e Efeito (ou Lei do Carma, Cármica ou da causalidade psíquica) e a Lei Reencarnacionista (Reformador, janeiro, 1955, p. 5-6).

Quando se fala em Evolução, deve se ressaltar também o interesse desse tema pelos espíritas, que se baseando na teoria de Darwin buscam compreender esse processo à luz da doutrina, considerando a “evolução” uma trajetória do próprio espírito. Esse processo ocorre gradualmente desde um estágio mais primitivo até um estágio próximo de Deus. Isso ainda ocorre naturalmente nas formas de existência anteriores ao humano, como minerais, vegetais e animais, pois quando estágio humano é atingido, torna-se um ser racional, que é dotado de livre-arbítrio e sua evolução passa a ser condicionada a uma conduta moral. Neste sentido, deve ser ressaltado o modelo de evolução proposto pelo francês Pierre Lecomte du Noüy (1883-1947), que leva em consideração o aspecto da espiritualidade (Reformador, outubro, 1951, p. 223-224). Ao descrever a condição de evolução do espírito, também é necessário mencionar a pluralidade dos mundos, onde no Capítulo III do “*O Livro dos Espíritos*” faz menção da existência de outros mundos habitados que podem diferir do nosso em sua constituição física. Neste sentido, devido aos programas espaciais soviéticos e norte-americanos, várias notícias foram identificadas em ambas as fontes, relacionando o aspecto da exploração espacial com a crença espírita de vidas em outros mundos, assim como a importância dos outros mundos como parte do processo de evolução espiritual (Reformador, maio, 1958, p. 100).

Neste sentido, também é possível discutir sobre a questão da liberdade para a filosofia espírita (Kardec, 1857, p. 296). Na concepção espírita, o espírito é encarnado no mundo e só tem a possibilidade de tomar suas próprias decisões após o desenvolvimento de suas faculdades. A doutrina leva ainda em consideração o peso das decisões tomadas pelo indivíduo, pois mesmo que possua a liberdade para tomá-las, as

mesmas estariam condicionadas às consequências que a acompanhariam no mundo físico ou espiritual.

Outro elemento que vale ser ressaltado quando se aborda a doutrina é a questão da caridade. A caridade é uma prática bem vista pelos espíritas, e está presente nas obras principais, como na obra “*O Livro dos Espíritos*” (Kardec, 1857, p. 311-313), e em “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, no capítulo XV - “Fora da Caridade não há salvação” (Kardec, 1864, p. 207). Esse aspecto também foi encontrado nas duas fontes, com textos em todas as categorias, assim como informações disponíveis sobre instituições de caridade espíritas.

Por fim, a mediunidade assume um papel importante que deve ser considerado, ainda que não seja um fenômeno exclusivo dentro da religião espírita, conforme apontado anteriormente. Uma definição neutra para mediunidade que pode ser utilizada academicamente seria expressa como: “a comunicação provinda de uma fonte que é considerada existir em um outro nível ou dimensão além da realidade física conhecida e que também não proviria da mente normal do médium” (Klimo, 1998, cit. por Almeida & Lotufo Neto, 2004). A mediunidade pode ser identificada em várias religiões e envolve um diversificado espectro de práticas que se estendem por uma ampla gama de atividades que são desempenhadas. Na visão espírita é possível definir o médium como: “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos, é, por esse facto, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. [...] Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. (Kardec, 1861, p. 153). De acordo com Abib (2011), a prática da mediunidade dentro do Espiritismo Kardecista vem embutida com a caridade, pois para Kardec a mediunidade é um dom gratuito e como o médium é o intermediário entre o plano físico e o espiritual, jamais poderia utilizar seu dom como forma de se sustentar ou enriquecer. A questão pode ainda ser encontrada nas fontes, que ressaltavam que o médium não poderia cobrar pela prestação de um serviço (Reformador, outubro, 1951, p. 225-226).

Outro ponto que deve ser levantado é a importância da mediunidade dentro dos estudos de psiquistas famosos, que também foram incorporados pelo Kardecismo. Essa informação é discutida em pormenor no capítulo V. Além disso, é importante destacar que muitos críticos do Espiritismo chegaram a classificar os fenômenos espíritas como fenômenos anímicos, contudo, conforme pode ser encontrado no *Jornal Unificação*:

A nosso ver, o estudo do Animismo se torna de capital importância para os espíritas, pois todo ou quase todos os argumentos de nossos adversários se fundamentam no Animismo, querendo eles pela existência dos fenômenos anímicos anular a existência dos fenômenos espíritas. No entanto, se estudarmos pormenorizadamente esses fenômenos que se catalogam como anímicos veremos que eles esclarecem sobremaneira os postulados do Espiritismo referentes à sobrevivência e à comunicabilidade do espírito. (Jornal Unificação, 72ª edição, março, 1959, p. 3).

Dessa forma, o texto aponta que as faculdades anímicas são um importante aspecto para o Espiritismo, pois correspondem às “faculdades da alma”. Dentro delas ocorre um vasto número de fenômenos, sendo que não impedem a existência dos fenômenos espíritas, ou seja, a comunicabilidade com os mortos, mas os complementam teoricamente. Um texto no *Reformador* que abre uma discussão acerca da mediunidade e o charlatanismo, embasando-se no “*O Livro dos Médiuns*”, cobrando uma postura ética por parte dos médiuns que “[...] devem estar sempre muito atentos, a fim de que sejam os maiores zeladores da pureza do Espiritismo.” (Reformador, junho, 1958, p. 121). O texto ainda discute que alguns casos de mistificação do Espiritismo podem ocorrer de forma involuntária, através de indivíduos com as habilidades mediúnicas pouco desenvolvidas e que podem se enganar que estão em contato com o Além, quando na verdade trata-se de uma manifestação anímica. Segundo o texto, essa manifestação pode ser contornada através de um trabalho de desenvolvimento mediúnico. Relacionado a isso, um aspecto interessante trata do problema da “retenção da mediunidade”, que poderia acarretar em “perturbações psíquicas” para o médium (Reformador, janeiro, 1956, p. 3; março, 1956, p. 49).

A mediunidade, por sua vez, pode ser manifestada de diversas maneiras, dessa forma temos desde médiuns: de efeito físico, sensitivos, audientes, videntes, psifônicos, psicográficos, de cura, mecânicos, intuitivos, semimecânicos e inspirados. Devido à vasta gama de práticas seria, logicamente, difícil abordar todas elas neste momento, mas valeriam serem citadas as consideradas mais significativas dentro do contexto histórico do Espiritismo brasileiro. A psicografia, por exemplo, assume um aspecto relevante dentro do Espiritismo Kardecista, pelo fato da própria obra principal da doutrina ter sido escrita por médiuns que codificaram as mensagens dos espíritos. Além disso, outro exemplo que denota a importância desta prática é o fato de uma das principais obras de Kardec ser “*O Livro dos Médiuns*”. No Brasil, é possível encontrar um grande número

de obras psicografadas, sendo que se for levado em consideração apenas as escritas por Chico Xavier, já são contabilizados milhões de exemplares atualmente, com todos os direitos reservados à instituições de caridade.

Uma dimensão importante dentro da mediunidade para os espíritas é a cura. Esta prática será explorada durante o capítulo III e IV, revelando sua relação com a Medicina e o Catolicismo. O “tratamento espiritual” geralmente é realizado por um médium, e possui diversas modalidades. Entre elas, estaria em destaque: cirurgia espiritual, aplicação de passes, fluidoterapia e tratamento à distância. A questão de médiuns que praticam a cura é abordada em “*O Livro dos Médiuns*” no seguinte trecho: “Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação.” (Kardec, 1861, p. 162). Os médiuns, no entanto, sofreriam perseguições em alguns casos por suas práticas, muitos casos relacionados a processos legais. Por se tratar também de uma forma de comportamento desviante para os moldes culturais da época, a mediunidade foi muito discutida dentro da Psiquiatria⁵.

3. O Movimento Espírita no Brasil

Para entender o progresso do Espiritismo no Brasil, é necessário que também seja mencionado algumas de suas instituições. A Federação Espírita Brasileira foi fundada em 1884 no Rio de Janeiro, com participação fundamental de Augusto Elias da Silva (1848-1903). Segundo Betarello (2009), o Espiritismo se instalou no Brasil em um período muito próximo do seu surgimento na França. A história da FEB pode ser dividida entre seus primeiros anos, período anterior ao Pacto Áureo, o posterior ao Pacto Áureo e o período de Juscelino Kubitschek até os dias atuais. O período de seu desenvolvimento inicial abrange os anos de 1860 a 1940 (Stoll, 2003, p. 18 cit. por Betarello, 2009). Segundo os dados encontrados no *Reformador* sobre o recenseamento de 1950, o Espiritismo contava com 824.553 adeptos (Reformador, agosto, 1957, p. 195-196). O Pacto Áureo foi um dos eventos mais importantes para o Espiritismo, ocorrido no Rio de Janeiro em 5 de Outubro de 1949. Esse evento tinha como finalidade a unificação dos movimentos espíritas pelo país. Nele também foi estabelecida a criação

⁵ V. Capítulo IV.

de um Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira. As fontes apontam para a importância desse evento, celebrado na data de seu aniversário. Durante esse encontro foi elaborado um documento que marcou a unificação, denominado “Ata de Unificação, posteriormente chamada de “Ata do Pacto Áureo” (Reformador, dezembro, 1957, p. 293).

Neste sentido, o Espiritismo brasileiro adquire outra característica fundamental que o difere daquele presente no contexto francês, que é seu processo de institucionalização. Esse aspecto certamente teve um grande impacto na trajetória do Espiritismo Kardecista e pode ser considerado como um importante fator que possibilitou a sua longevidade. Sobre essa diferença, Betarello (2009, p. 74-75) aponta que na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) Kardec enfatizava o objetivo daquela entidade para pesquisa e difusão do Espiritismo, enquanto na FEB tinha como objetivo “[...] unir os grupos espíritas a fim de garantir a sobrevivência do Espiritismo no Brasil, possibilitar o enfrentamento com a Igreja Católica e garantir a fidelidade doutrinária dos grupos nascentes.”. O autor ainda aponta que houve diferentes ênfases no que se refere à questão do tríplice aspecto. A característica “reativa” da federativa, que estaria mais voltada a resolver as situações de conflito, do que a “proativa” da concepção institucional de Kardec. Se por um lado, o trabalho gasto para sua defesa permitiu que o Espiritismo se consolidasse institucionalmente, isso não garantiu com que todos os indivíduos e grupos participassem igualitariamente do processo. Tal contexto que enfatizava o aspecto religioso levou com que grupos e indivíduos mais intelectualizados se afastassem ou desligassem completamente do Movimento.

Outro elemento de destaque para o Espiritismo brasileiro foi o Movimento Espírita no Estado de São Paulo na década de 1940, considerado como “[...] um importante colaborador para a consolidação do Espiritismo nos moldes Kardecistas, vindo a se tornar o Estado com maior contingente espírita e com grande influência na configuração do Espiritismo nacional [...]” (Betarello, 2009, p. 17). O fato de o movimento ser constituído por várias entidades espíritas legitimou para que a FEB conseguisse o status de representante dos interesses espíritas no país. O autor ainda aponta a relevância do Movimento Espírita Paulista, pois “[...] além de abrigar cerca de um terço de todo o contingente brasileiro, tem uma ação institucional que tem impacto em nível nacional.” (Betarello, 2009, p. 17). Dessa forma, a região do Estado de São Paulo torna-se um lugar extremamente importante para o estudo do Espiritismo

Kardecista, pois além da sua expressividade frente às outras regiões brasileiras, vale ser lembrado que esta é a nação com o maior número de adeptos. A organização institucional da Federativa é dividida da seguinte forma: 1) Federativas, que representam as instituições espíritas em nível estadual; 2) Especializadas, que representam segmentos, geralmente associados a profissionais liberais; e 3) Centros Espíritas, que são as instituições mais próximas da sociedade, aparecem também com a nomenclatura: “Casas Espíritas”, “Grupos Espíritas” ou “Sociedades Espíritas” (Betarello, 2009, p. 76).

Outra característica que deve ser ressaltada remete aos diferentes estilos de adeptos. Segundo um texto que abordou tal questão, justificava a existência dessa divergência interna citando ainda Kardec. Desta maneira, é mencionada a existência de três categorias de adeptos: aqueles que acreditam apenas nos fenômenos manifestados; os que veem algo além dos fatos e se interessam pelo falo filosófico; e os terceiros, que além de admirar a moral a praticam (Reformador, maio, 1955, p. 103-104). De acordo com Damazio (1994, p. 105, cit. por Betarello, 2009, p. 56) a ortodoxia Espírita se dividiu em três diferentes grupos, os científicos, os espíritas puros (que só aceitavam os aspectos filosóficos e científicos) e os místicos.

Destaque também para a produção de Giumbelli (1997 cit. por Betarello, 2009), na qual apresenta uma crítica aos demais autores por pesquisarem o Espiritismo sempre por elementos externos, o que demonstra nestas obras a presença de uma análise parcial que enfoca exclusivamente a questão sociológica e cultural resultando em uma concepção que denota que o Espiritismo constitui-se apenas para atender demandas sociais. Este autor, por sua vez virá resgatar os aspectos históricos envolvendo a constituição do Espiritismo, tratando de forma mais direta sobre o processo de institucionalização do Espiritismo no Brasil. Neste ponto, Betarello (2009) ressalta a importância do Movimento Espírita na década de 1940 no Estado de São Paulo para a unificação dos espíritas paulistas e consequentemente seu papel na consolidação do Espiritismo Kardecista no Brasil. Segundo o autor, o Estado de São Paulo esteve relacionado com a constituição do Espiritismo nacional por “constituir-se de várias entidades com força representativa dos segmentos espíritas, e, portanto, demandando grande energia política por parte da FEB para se legitimar enquanto representante do Movimento Espírita Nacional” (Betarello, 2009, p. 17). Vale ainda ressaltar o aspecto transnacional que o Movimento Espírita brasileiro possuía. Além do contato de obras de

autores franceses, foi possível encontrar evidências de contato com autores no exterior, demonstrando existir um intercâmbio de ideias. Baseado nos dados complementares encontrados nas fontes e apontados anteriormente no Capítulo I.

Conforme foi encontrado no texto que noticia o Congresso Espírita Internacional de Estocolmo, é interessante notar que o Espiritismo no contexto europeu se subdividiu em dois movimentos: um religioso e outro científico (Reformador, agosto, 1952, p. 194). Essa característica, contudo, ocorreu de maneira menos acentuada no Brasil, já que o Movimento de Unificação tinha como característica principal manter certa coesão entre os diversos movimentos espíritas, sendo que estas divergências acabavam restritas à grupos no interior da Federação, conforme apontado por Betarello (2009).

4. Aspectos Sociais do Espiritismo

A religião têm sido um objeto de estudo de grande importância para muitos acadêmicos que buscam compreender seus aspectos sociais. Desde as obras de Max Weber, muitos outros viriam a observar esses dados. De acordo com Costa (2002, p. 42): “A prática da religião ou as manifestações de religiosidade aparecem implicitamente incorporadas nas sociedades, abrangendo pessoas de todas as classes sociais como crentes de um determinado conceito doutrinário.”

Desta forma, ainda que muitos autores optem por apresentar o Espiritismo Kardecista sob a designação de uma religião das “elites”, isso configura-se em uma análise parcial e equivocada, que simplifica um aspecto muito mais complexo. Conforme veremos a seguir, essa afirmação beira um senso-comum do que uma realidade e logo é derrubada quando confrontada com evidências históricas ao longo do contexto brasileiro. É possível afirmar, conforme os dados, que o Espiritismo pode ter origem e inserção pela população letrada, de classe alta que possuíam acesso à informação, como os dados inicialmente apresentados por Abib (2011). No entanto é incorreto generalizar essa determinada circunstância a toda a história do Espiritismo, devido à complexidade do fenômeno e seus elementos presentes. Algo que demonstra não ser uma constante, mas sim uma variedade diversificada de praticantes que se tornam frequentadores dos centros espíritas. A própria característica cristã da religião facilitaria isso e, conforme fora apontado anteriormente, a prática da caridade

aproximava pessoas de diferentes camadas sociais. De acordo com Damazio (1994, p. 151-153, cit. por Betarello, 2009, p. 54) inicialmente foram os intelectuais descontentes com a Igreja que se interessaram pelo Espiritismo por seu caráter cientificista e aproximação com as ideias republicanas. Em seguida, se tornaria popularizado por sua ação assistencial, com especial destaque para as curas espirituais. Outro dado que corrobora com isso está em um texto do *Reformador* que menciona uma publicação da revista *Psychic News* que faz referência ao Espiritismo brasileiro elogiando o fato de “[...] ter alcançado tão grande popularidade em todas as classes sociais.” (Reformador, maio, 1960, p. 103-104).

De acordo com Bertarello (2009), o Espiritismo passou por um período de expansão que atingiu os grandes centros urbanos. Neste aspecto, a primeira obra mais significativa no âmbito acadêmico para compreender o Kardecismo levando-se em consideração sua função social foi “*Kardecismo e Umbanda*” (1961). Nesta obra, Camargo (1961 cit. por Betarello, 2009), busca compreender a função social das Religiões Mediúnicas e ressalta que na década de 1950 o país passava por um período de urbanização e grande parte da população migrara para grandes centros urbanos, como São Paulo, tornando-se adeptos destas religiões.

5. Personagens importantes

Um grande número de personagens envolve a história do desenvolvimento do Espiritismo no Brasil. Neste sentido, diversos deles poderiam ser mencionados, contudo alguns de maior destaque nas fontes e bibliografias foram selecionados, devido a seu papel histórico ou suas relações com os diferentes domínios que serão apresentados nos próximos capítulos. Entre eles, estão alguns indivíduos na organização do Movimento, divulgação da doutrina e alguns casos até com pesquisas. Primeiramente é possível citar Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900), também conhecido como “Kardec brasileiro” que fora um médico envolvido com as lideranças da Federação Espírita Brasileira e chegou a atuar na carreira política para defender a liberdade de culto para os espíritas. Outro personagem importante foi Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), que além de médium, foi um educador e político. Destaca-se por ter sido em 1907 o criador do primeiro educandário brasileiro com orientação espírita.

Um nome relacionado ao período que surge com frequência em ambas as fontes é Carlos Jordão da Silva (1903-1985), que desde 1946 atuou ativamente na Liga Espírita do Estado de São Paulo. Após o Pacto Áureo tornou-se Delegado do Estado de São Paulo junto ao Conselho Federativo Nacional. Também é possível mencionar Ismael Gomes Braga (1891-1969), assumiu diversos cargos na FEB, que incluiu Delegado do Estado do Rio Grande do Norte no Conselho Federativo Nacional. Atuou também na divulgação do Esperanto, colaborou para a divulgação do Espiritismo no Brasil e com a revista *Reformador*. E Carlos Imbassahy (1884-1969), que foi Delegado do Estado do Rio de Janeiro no Conselho Federativo Nacional, e um dos defensores do Espiritismo contra os ataques da Igreja, tal como Deolindo Amorim (1906-1984).

José Herculano Pires (1914-1979), nascido em Avaré, no Estado de São Paulo, foi considerado como um dos mais ativos divulgadores do espiritismo no Brasil, e aquele que primeiro propôs uma Pedagogia Espírita. Ele ainda esteve envolvido com a Parapsicologia e com a filosofia relacionada ao Espiritismo. Foi vice-presidente da USE, participando de eventos além de possuir vários textos publicados (Jornal Unificação, dezembro, 1953, p. 5). É possível mencionar também Cairbar de Souza Schutel (1868-1938), autor de vários livros e atuou na divulgação da doutrina pelo rádio e através do jornal *O Clarim* e da *Revista Internacional de Espiritismo*.

No âmbito da mediunidade, existe um grande grupo também que é difícil abordar em toda sua magnitude no presente trabalho. Deixo a citação dos casos de: Francisco Peixoto Lins (1905-1966), considerado como um dos maiores médiuns de efeitos físicos e também estivera envolvido com a causa espírita. Francisco Cândido Xavier (1910-2002), popularmente conhecido como Chico Xavier, foi um dos mais populares médiuns do Brasil, que psicografou diversas obras e teve um papel fundamental na divulgação do Espiritismo no Brasil. As psicografias encontradas nas fontes remetem em grande maioria a Emmanuel e André Luiz, ambos personalidades que se manifestaram pelo médium. Além disso, ele também é diversas vezes citado em vários textos, o que comprova sua importância dentro do contexto brasileiro. Por fim, Waldo Vieira (1932-2015), que trabalhava junto com o Chico Xavier realizando psicografias.

No que se refere à presença de autores espíritas estrangeiros, foram identificadas algumas referências e intercâmbio do Movimento Espírita brasileiro com personagens

no exterior. Primeiramente está o fato de muitos intelectuais absorverem as obras em francês, que foi a forma pela qual o Espiritismo chegaria ao Brasil. Mas também podemos encontrar outras referências estrangeiras, como um autor identificado através da análise das publicações antigas da revista *Reformador* cujo nome é António Joaquim Freire, um médico, escritor, jornalista e espírita português. Em suas colunas são frequente as referências ao caráter científico do Espiritismo desde o ano 1955. Além deste autor são frequentes publicações em ambas as fontes de textos traduzidos de revistas de outros países.

Nas personalidades citadas é possível mencionar que os divulgadores da doutrina estão distribuídos em diferentes frentes: aqueles que atuavam nas lideranças no esforço de institucionalização para defesa do movimento; aqueles que divulgavam a mensagem através da prática da caridade presente na doutrina; os pesquisadores que buscavam compreender a Ciência Espírita; e os médiuns, que utilizavam sua prática dentro dos pressupostos Kardecistas. Nesse diversificado cenário podemos ter uma ideia do diversificado estilo de adeptos do Espiritismo.

6. Ciência Espírita: um novo paradigma

A concepção de uma “Ciência Espírita” surge inicialmente com o próprio Kardec (1857, p. 25), sendo depois acompanhada por muitos autores que a defendiam como forma de entender e comprovar a existência do mundo dos espíritos. Inicialmente com uma característica positivista, o Espiritismo científico vai se adaptando ao longo do tempo, apropriando-se de alguns conceitos científicos, conforme veremos nos capítulos seguintes. No entanto, não reconhecida oficialmente por enfrentar diversas resistências, entre elas: as externas, onde se destaca a Ciência institucionalizada; e as internas, quando outros membros criticavam os esforços científicos, ou até mesmo causavam o abandono de adeptos do espiritismo científico no movimento espírita brasileiro, conforme aponta Betarello (2009).

A fenomenologia espírita se baseia na teoria do magnetismo animal do médico Franz Anton Mesmer (1734-1815), sendo que esta relação aparece bem documentada

em uma série de textos no Reformador que se inicia em 1950⁶. De acordo com esta teoria, existe uma força universal, que é conectada ao corpo humano e denominada “magnetismo animal” (Alvarado, 2013). Através desta perspectiva são propostas formas de tratamento, entre elas: a imposição de mãos para a realização de passes magnéticos e a água fluidificada. A terapêutica espírita mais significativa está pautada na aplicação dessas duas práticas.

Além desta forma de terapia, os esforços espíritas concentravam-se em vários sentidos, mas em grande parte na compreensão do psiquismo. No *Jornal Unificação*, Antônio Joaquim Freire ressalta a importância das obras de Gabriel Delanne e Ernesto Bozzano para a compreensão do Espiritismo científico, as que seriam suficientes, segundo o autor: “[...] para fundamentar e construir **uma nova ciência da alma humana**, ultrapassando, de muito, todas as raquíticas Psicologias clássicas e oficiais” (Jornal Unificação, fevereiro-março, 1957, p. 8, grifo do autor).

No contexto brasileiro, a concepção científica da doutrina pode ser encontrada ao menos desde o início do século XX. Uma obra publicada por Antônio Pinheiro Guedes (1842-1908) intitulada “*Ciência Espírita*” e direcionada aos acadêmicos de medicina evidencia que o debate era recorrente desde esse período. É possível encontrar muitos médicos espíritas que se dedicaram tanto à divulgação da doutrina, como também na investigação e tentativa de explicação da doutrina através modelos científicos próprios, sendo Bezerra de Menezes um destes exemplos.

Entre algumas das práticas que estiveram envolvidas no desenvolvimento destes estudos: formas de comunicar-se com os mortos através da prática da transcomunicação experimental⁷, que veio se modificando ao longo dos anos com o avanço tecnológicos. Além disso, encontrados formas de terapia, que levam em consideração os fatores relacionados ao Espírito, algo que também pode ser encontrado em formas de ciências desenvolvidas pelo Oriente. Também podemos mencionar a questão da Pesquisa Psíquica, um campo que foi adotado e desenvolvido pelos espíritas. Outro movimento científico espírita ocorrido no Brasil foi iniciado por Waldo Vieira, que se desligaria de Chico Xavier para buscar o caráter experimental do Espiritismo em meados dos anos 60 (Stoll, 2002). Seu movimento, também não reconhecido pela ciência oficial, iniciou-se

⁶ Cf. Reformador, 1950, agosto, p. 179.

⁷ Forma de comunicar-se com os mortos por meio de equipamentos eletrônicos.

sob a designação de Projeciologia, sendo alterado depois para Conscienciologia⁸. Essa corrente desenvolveu-se e atualmente possui adeptos em vários países.

Por fim, segundo Abib (2011, p. 122) seria possível mencionar alguns avanços consideráveis do Espiritismo, como a criação de uma Universidade Espírita (Faculdades Integradas Espíritas), no Estado do Paraná. Além da criação de associações profissionais espíritas, como a Associação Médico Espírita (AME) e de muitas outras profissões.

⁸ V. Stoll (2002), p. 385-388.

III - Catolicismo e Espiritismo

1. Introdução

O Catolicismo por ser a religião predominante no Brasil preconizaria grande parte dos conflitos envolvendo o Espiritismo, de forma que o campo religioso seria o substrato onde se originaram as batalhas aqui descritas. Estes eventos influenciaram o processo de identificação e constituição do Espiritismo de forma significativa, conforme vimos anteriormente. A análise das fontes revelou a existência de críticas em relação à Igreja e seus membros, encontradas em maior número na revista *Reformador*. Neste capítulo serão abordadas as principais diferenças entre ambas as concepções, ao mesmo tempo em que estes conflitos foram estabelecidos em diferentes espaços. Por fim, serão analisados os aspectos religiosos do Espiritismo que o aproximam da Igreja Católica, em seus elementos sincréticos e bases cristãs. As fontes analisadas permitem observar elementos interessantes, assim como situações e personalidades de igual importância. Deve ser ressaltado, contudo, que as posições do clero frente ao espiritismo variavam, indo desde ataques agressivos até àqueles mais moderados que buscavam debater no campo intelectual, conforme veremos neste capítulo.

Primeiramente é preciso destacar a hegemonia católica desde o período do Brasil colônia, com a presença de crenças indígenas, e posteriormente de crenças africanas (Betarello, 2009, p. 53). Esse contexto levou à constituição de uma forma de “catolicismo popular” durante o processo de adaptação. Este autor aponta ainda que no período em que o Espiritismo chegou, o Brasil passava por um processo de secularização. No entanto, é importante recapitular o que foi mencionado anteriormente durante o Capítulo II, em referência à continuidade da influência católica no Estado. De acordo com Leonel (2010), a proclamação da República tinha entre seus objetivos a separação completa de Estado e Igreja (laicização), a garantia da liberdade religiosa e a distinção entre as esferas civis e religiosas. Entretanto, a regulação dos espaços e direitos das religiões continuou sendo tema para discussão. O autor ainda cita Almeida e Montero (2000), que afirmam que apesar da secularização, as religiões continuaram sendo uma questão para o Estado resolver. Além disso, mesmo com a laicização, a Igreja Católica continuava a manter relações privilegiadas com o Estado. Segundo Costa

(2002, p. 45), a separação entre Igreja e Estado com a República “[...] só ocorreu em termos oficiais, na esfera do governo, e não na sociedade como um todo.”. O Estado laico foi defendido pelos espíritas e muitas críticas publicadas nas fontes estavam relacionadas a essa associação Igreja-Estado. E exemplo disso são os textos encontrados nas fontes que apresentavam críticas às verbas públicas concedidas à Igreja, assim como sua interferência em diversos setores do Estado (Reformador, junho, 1958, p. 143-144). Além do exemplo anterior, isso também se manifestou em outras formas, como a diferença no tratamento legal em alguns casos (Reformador, agosto, 1955, p. 182), e na educação, no âmbito da discussão da liberdade de ensino (Reformador, setembro, 1958, p. 205). Dessa forma, vemos que as relações que envolvem campo religioso possuem uma complexidade que permeia vários aspectos da vida social e institucional.

Sobre a Igreja Católica, é preciso primeiramente sinalizar o seu posicionamento inicial desde o surgimento das primeiras práticas “espiritistas”. De acordo com Costa (2002), desde o surgimento do Protestantismo, a Igreja Católica se preparou a partir do século XVI para combater qualquer outra crença que pudesse se expandir. Dessa maneira, inicialmente o Espiritismo seria associado ao Protestantismo, pela sua característica de liberdade de pensamento e interpretações bíblicas, posteriormente os discursos contra os desvios doutrinários deixariam de surtir efeito com a mudança política. Dessa maneira, a Igreja teve que se adaptar à nova conjuntura, sendo que começa a preocupar-se com o Espiritismo no final do século XIX. O autor ainda aponta que nas primeiras décadas do século XX era utilizada uma abordagem agressiva do Catolicismo contra o Espiritismo, com analogias depreciativas, comparativos a animais, tal como: “jararaca preguiçosa” (Piedade, 1913, p. 18 cit. por Costa, 2002, p. 50).

Segundo Costa (2002), o Espiritismo foi classificado como heresia por ser considerado um desvio doutrinário do Catolicismo. Dessa forma, era uma ameaça que deveria ser combatida para não causar dúvidas entre os fiéis, incluindo dentro do seio da Igreja. Segundo o autor, o combate ao Espiritismo pode ser interpretado como uma forma da Igreja defender sua própria instituição e para isso: “[...] lançou mão dos seus códigos oficiais e tradicionais como: documentos pontifícios, pastorais dos bispos e o Código do Direito Canônico, usados já há alguns séculos para eliminar, em diferentes épocas, grupos que procuraram agir de forma como agora estavam se comportando os espíritas.” (Costa, 2002, p. 43). Segundo o mesmo autor, a acusação de heresia era atribuída ao fato de os espíritas contrariarem uma instituição divina, o que foi associado

à influência do diabo. A estratégia da Igreja, neste sentido, utilizava uma abordagem que buscava assustar a população, ao invés de esclarecer. Os espíritas, por sua vez, buscavam rebater as acusações ridicularizando a própria noção de inferno e que lá habitavam.

Para compreender a origem de tal conflito, é importante analisar a situação em que se encontrava a Igreja Católica na primeira metade do século XX. Segundo Leonel (2010), neste momento a Igreja Católica perdera sua posição hegemônica e vinha sofrendo um enorme desgaste. Essa instituição então passaria a adotar uma postura mais diplomática e também a admitir o esforço pelo reconhecimento de outras formas de crença. Com o declínio da influência exercida pela Igreja Católica e a liberdade religiosa, abria-se espaço para disputas com outras crenças no campo social (Almeida e Montero, 2002 cit. por Leonel, 2010, p. 387). No entanto, a Igreja Católica procurou retomar a sua influência, como aponta Costa (2002), durante as primeiras décadas do século XX em tentativas de reconquistar seu papel como religião predominante na sociedade brasileira. Essa busca se daria logo após a separação entre Estado e Igreja, que colocou em risco sua posição. Ainda no campo do religioso, a Igreja Católica no combate às outras crenças acusava-as de heréticas, não verdadeiras e de serem práticas demoníacas. Conforme aponta o mesmo autor, ambas as religiões combatiam no campo político, médico e judicial tendo como base a questão doutrinal. A partir desta questão doutrinal seria construída uma visão da adversária, visando anular o discurso da contrária. Apesar de o Espiritismo possuir uma doutrina, esta apresenta uma característica norteadora da prática e não normas ou dogmas que devem ser rigidamente seguidos. Neste sentido, um importante aspecto que vale ser ressaltado é que o formato de religião que o Espiritismo adquire no contexto brasileiro deve ser diferenciado das religiões tradicionais, corporizado sobretudo pela Igreja Católica. Com uma abordagem diferente da proposta por religiões tradicionais que o caracteriza como mais aberto para mudanças, o Espiritismo também carrega consigo a questão do tríplice aspecto que não pode ser ignorado.

De acordo com Chibeni (2003, p. 13), compreender o caráter religioso do Espiritismo, assim como sua relação com outras religiões não é uma tarefa fácil e tem gerado muitas confusões, de forma análoga ao que sucede quando se analisa sua relação com a ciência. O autor aponta ainda o fato de que se a ciência espírita não puder ser equiparada com as ciências tradicionais, por se ocupar de estudar fenômenos pouco

usuais (conforme vimos também em Vasconcelos, 2008), a dimensão religiosa do Espiritismo também apresenta características particulares, que o diferenciam das religiões tradicionais. Sendo que este aspecto já foi bem discutido no Capítulo II, vale apenas acrescentar a característica de ser uma religião recente, com características que puderam ser encontradas, de forma sucinta, de acordo com uma notícia encontrada no *Reformador* sobre uma reunião do Conselho Federativo em que é estabelecida a seguinte definição: “Por unanimidade, delibera o Conselho ser o Espiritismo religião, mas sem rito, sem liturgia e sem sacerdotes, e com caráter filosófico e científico.” (Reformador, agosto, 1952, p. 186). Sobre esses aspectos, outra fonte era significativa de uma crítica encontrada em torno da questão do estatuto do Espiritismo como religião. O texto aborda um argumento utilizado contra o Espiritismo, que não poderia ser considerado uma religião, pois “[...] lhe faltam atributos característicos de religião, tais como dogmas indiscutíveis de fé, obrigatórios para todos os crentes; um clero e sua hierarquia; os sacramentos etc.”. A crítica aborda ainda o fato de o Espiritismo se basear na ciência, e não, nas escrituras. O autor do texto, por sua vez, defende o Espiritismo apontando as mudanças das religiões ao longo da história e de suas próprias definições e práticas (Reformador, outubro, 1951, p. 234-235). Neste ponto, observamos a diferença de ênfase para o aspecto que cada religião considera mais importante.

Outro momento importante que marcou o campo religioso no Brasil durante o fim do Estado Novo, quando a Constituição brasileira de 1946 surgiu para garantir ampla liberdade religiosa. No entanto, o conflito entre ambas as partes não cessaria completamente apenas com a elaboração da Constituição. Com efeito, podemos encontrar outros focos de tensão posteriores, como a utilização da Parapsicologia no Brasil por membros da Igreja Católica como forma de combater os pressupostos defendidos pelos espíritas através de meios científicos, com destaque para temas como a comunicação com os mortos e a reencarnação. De acordo com Machado (2005), o Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), iniciou uma campanha contra o Espiritismo, que considerava como um “desvio doutrinal perigoso”.

No período estudado existiam muitos membros da Igreja que se dedicaram a combater o Espiritismo e, naturalmente, não é possível aqui explorar todos esses conflitos⁹. Costa (2002) cita vários personagens do clero que na época combateram

⁹ Detalhes disponíveis na bibliografia de Machado (2005).

ferrenhamente o Espiritismo, entre eles estariam: D. Antonio Mazzaroto, bispo de Ponta Grossa; e padre Julio Maria. Contudo, o personagem mencionado mais frequentemente na literatura, inclusive nas fontes analisadas, foi certamente Karl Josef Bonaventura Kloppenburg (1919-2009), conhecido popularmente no Brasil como Frei Boaventura. Nascido na Alemanha, viveu a maior parte da sua vida no Brasil, onde realizou seus estudos, além de ter sido professor de Teologia Dogmática entre os anos de 1951 a 1972 nas cidades de Petrópolis e Porto Alegre. No ano de 1953 em Belém do Pará foi realizada a Primeira Sessão Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, onde segundo Ribeiro (2009, p. 1): “[...] foi decidida várias medidas sobre o Espiritismo e algumas atitudes que iriam ser tomadas caso os católicos fossem descobertos praticando o Espiritismo ou freqüentando suas reuniões.”. O autor ainda aponta que nessa reunião foi citado o Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral, órgão recém-criado e que possuía uma seção espírita, que tinha como finalidade imprimir obras sobre a “heresia espírita”. A título de exemplo, é possível mencionar a obra “*Material para instruções sobre a heresia espírita*” de Boaventura. Neste livro, ele analisa alguns pontos da obra de Kardec e alega a impossibilidade de ser católico e espírita ao mesmo tempo.

Nas fontes também foram identificados conflitos nos quais figuraram Boaventura, o que revela a polêmica em torno deste personagem. Em um dos textos, que remete a uma notícia da página principal do jornal *O Globo*, Boaventura é criticado por seu combate contra o Espiritismo ao se infiltrar em sessões espíritas e umbandistas na tentativa associá-los e desmoralizá-los (Reformador, julho, 1956, p. 149). Em outra ocasião, uma nota de esclarecimento foi publicada no *Jornal Unificação* sobre a Doutrina Espírita devido a palestras professadas pelo frei contra o Espiritismo no Estado de São Paulo (Jornal Unificação, 39º-40º edição, junho-julho, 1956, p. 6). Além disso, Boaventura iria inclusive visitar Pedro Leopoldo, cidade natal de Chico Xavier, para escrever suas impressões contra o Espiritismo (Reformador, outubro, 1955, p. 223-224). Por fim, um texto comenta e critica um artigo publicado por Boaventura na *Revista Eclesiástica Brasileira*, no qual tenta desvalorizar a obra mediúnica de Chico Xavier (Reformador, dezembro, 1957, p. 292). De acordo com Costa (2002) o discurso de muitos autores católicos, no qual se incluía Boaventura, era o de desacreditar o Espiritismo.

Entre as acusações contra o Espiritismo um argumento frequente era que seus fenômenos tratavam-se de fraudes (Reformador, junho, 1958, p. 140). Na tentativa de comprovar isso e desacreditar a Doutrina, membros do clero adotaram a utilização de técnicas do Hipnotismo e Ilusionismo. Assim como os materialistas críticos do Espiritualismo recorriam à acusação de ilusionismo, baseando-se nas demonstrações de Houdini. Um desses personagens foi padre mexicano Carlos María de Heredia (1872-1951), que usava o ilusionismo como argumento para acusar o Espiritismo de fraude e torna-se utilizado como exemplo por membros do clero (Reformador, outubro, 1958, p. 237). Este mesmo padre é tomado como exemplo e também citador por Costa (2002, p. 51).

Uma notícia que causaria certa repercussão era de “padres hipnotizadores” que faziam exhibições em público com o objetivo de ridicularizar o Espiritismo (Reformador, agosto, 1958, p. 178). Posteriormente, a técnicas hipnóticas em público envolvendo menores causou até a condenação por parte dos próprios médicos (Reformador, dezembro, 1959, p. 281-284). Em relação à tentativa de provar que os fenômenos espíritas seriam explicáveis, de acordo com Frei Boaventura e o sacerdote marista Irmão Vitório, através da Letargia, enquanto na visão espírita a técnica do Hipnotismo comprovaria a existência (Reformador, outubro, 1958, p. 235-236). Essa evidência demonstra que Boaventura, na tentativa de refutar o Espiritismo, também havia pesquisado sobre técnicas das Ciências da Psique.

Os conflitos entre Espiritismo e Igreja Católica tornaram-se mais evidentes em eventos significativos, conforme se deduziu na ocorrência de textos encontrados nas fontes que abrangiam alguns conflitos. Um dos eventos que teve grande repercussão foi o lançamento do selo espírita em comemoração ao “I Centenário da Codificação do Espiritismo”, e entre os exemplos que podem ser mencionados deste caso estão: o episódio contendo as críticas do Bispo-Auxiliar de Belo Horizonte, em decorrência do lançamento do selo espírita (Reformador, abril-maio, 1957, p. 4); e durante a “Semana da Defesa da Fé”, quando foram distribuídos papéis aconselhando católicos não aceitarem o selo espírita, e impressos contendo informações contra o Espiritismo (Reformador, junho, 1957, p. 160). Sobre esse evento, também haveria uma publicação de Boaventura chamada “*Cruzada de Defesa da Fé Católica no I Centenário do Espiritismo*” (1957). Outro evento que também conflagrou alguns conflitos foi o 36º Congresso Eucarístico Internacional, criticado por espíritas pelo fato de ter sido

realizado com o financiamento do Governo Federal e de governos estaduais e municipais, o que feria o princípio de laicidade (Reformador, agosto, 1955, p. 191-192). Além disso, também foram realizadas críticas sobre a presença de figuras do governo (Reformador, setembro, 1955, p. 216) e sobre o conteúdo dos discursos católicos, como folhetos distribuídos contra o Protestantismo e o Espiritismo (Reformador, outubro, 1955, p. 239-240). Por fim, um texto indica até mesmo a existência de uma representação legal sobre a inconstitucionalidade da utilização de recursos e meios do Estado pela Igreja (Reformador, novembro, 1955, p. 253).

Os casos mencionados demonstram como eventos públicos causariam transtornos entre ambas as partes. Essa característica é corroborada com os dados apresentados anteriormente, pois com o fim da hegemonia católica, outras crenças tentam conquistar seu espaço, sendo, contudo necessário transpor a resistência do clero. Por sua vez, com a secularização, os espíritas se incomodavam com a utilização dos espaços públicos pela Igreja.

A questão que envolve a construção da identidade do Espiritismo como religião ocorre a partir da incorporação da doutrina espírita de Kardec, onde observamos elementos cristãos, como: a valorização do Cristo e da Virgem Maria, da prática da caridade e a interpretação de evangelhos bíblicos (Vasconcelos, 2008, p. 206). Apesar da valorização da Virgem Maria não poder ser confirmada em nenhuma das duas fontes, todos os outros elementos citados são frequentes, como a divulgação de trabalhos de caridade, assim como estudos sobre a vida de Cristo e sobre os evangelhos, incluindo uma sessão em ambas as fontes que tratavam deste assunto, com o título de “Esflorando o Evangelho” no *Reformador*. Vale mencionar ainda a existência do “*Evangelho Segundo o Espiritismo*”, uma obra muito importante para o Espiritismo e constituída por muitos elementos cristãos. Sobre esse aspecto vale ressaltar ainda as psicografias de Chico Xavier, que na maior parte dos casos continham um conteúdo filosófico de caráter religioso. De acordo com o que já foi mencionado no Capítulo II, o Espiritismo viria a adquirir um estatuto de religião para sua própria sobrevivência no contexto brasileiro. Isso é comprovado pela análise das fontes, em que se encontra uma grande quantidade de textos com essa característica. Contudo, vale ressaltar que não foi assimilado de forma homogênea por todos os espíritas brasileiros, pois conforme já foi apresentado anteriormente, existiriam adeptos mais voltados às questões científicas, ou aqueles que considerariam o aspecto filosófico mais importante.

2. Concepções e Cosmovisões

Além das disputas de espaços e adeptos, as evidências apontam para os debates envolvendo diferentes concepções filosóficas de religião como fontes de conflitos. Neste sentido, o choque entre as duas cosmovisões refletiria também na posição que cada parte adotaria frente a diferentes temas. Esse tipo de evidência foi encontrado nas fontes permitindo reconhecer a postura adotada por cada lado. Conforme foi observado, o Catolicismo contava com padres e membros da Igreja destacando fundamentalmente a diferença contra o Espiritismo, na tentativa de impingir um caráter totalmente inconciliável e buscar afastar católicos de práticas e crenças espíritas. Os espíritas, por sua vez, rebatiam as críticas através principalmente da imprensa, adotando ainda uma estratégia de divulgação da Doutrina espírita e militando pela liberdade religiosa. A divulgação do Espiritismo pode ser encontrada com a imprensa espírita, a ampliação de sua atividade, que gerou preocupação do clero. Entre as preocupações do clero consistia também o aumento do número de espíritas e o crescimento da imprensa espírita, fato que causou a manifestação de Boaventura (Ribeiro, 2009, p. 2). Em um trecho apresentado no *Reformador* do jornal católico *Ave Maria*, o Monsenhor Ascânio Brandão sobre a “propaganda espírita” e o aumento do número de edições espíritas (Reformador, outubro, 1952, p. 243).

No período estudado, deve ser ressaltada também a posição do Papa Pio XII (1876-1958) sobre o Espiritismo. Uma crítica no *Reformador* aponta especificamente sobre a declaração feita pelo Papa de que o Espiritismo seria um dos inimigos do Catolicismo (Reformador, setembro, 1955, p. 196). Além disso, algumas obras de Kardec, como a revista *Revue Spirite*, “*O Livro dos Médiuns*”, “*O Livro dos Espíritos*” e “*Espiritismo em sua mais simples expressão*” constavam entre a obra no “*Index Librorum Prohibitorum*”. (Reformador, dezembro, 1957, p. 306). No entanto, um texto elogiava o Papa por uma declaração favorável à laicidade do Estado, mas contrapondo a posição adotada por seus subordinados no Brasil, e assim cobrando uma postura similar (Reformador, maio, 1958, p. 119). Após a morte do Pontífice, um texto foi publicado elogiando suas qualidades (Reformador, novembro, 1958 p. 249).

De acordo com Vasconcelos (2008), o fato das sociedades modernas terem acesso a valores mais secularizados viria transformar a forma de relação com a religião. Neste sentido, o Espiritismo aparece como uma nova religião que apresenta uma crença alternativa à visão de mundo e dogmas defendidos pela Igreja. Os rituais também era um aspecto que é criticado dentro do Espiritismo, dessa forma, uma crítica é realizada também ao fato das missas serem cobradas (Reformador, maio, 1955, p. 119). Assim como noutros casos em que a riqueza e ostentação da Igreja são alvos de críticas como, por exemplo, o Palácio Florentino no Rio de Janeiro (Reformador, agosto, 1955, p. 192).

A perspectiva espírita em comparação à católica é abordada por Denis (1898), que cita seus principais pontos de divergência doutrinal. As críticas espíritas concentram-se nos dogmas de fé católicos, sendo que neste sentido defendem a fé racional (ver Kardec). Sobre esta questão, menciona: “Todos esses dogmas constituem verdadeira negação da razão e da justiça divinas, desde que tomado ao pé da letra, como o quer a Igreja, e em seu sentido material.” (Denis, 1898, p. 74). Outro aspecto abordado é a concepção católica da divindade de Cristo, que o autor discorda e adota a ideia de um espírito superior. Em relação ao pecado, considera ser uma “[...] ideia verdadeira, no fundo, mas falsa em sua forma e desnaturada pela Igreja [...]” (Denis, 1898, p. 73). O autor também critica a crença no pecado original e argumenta dizendo que não há como ser responsável sobre as falhas de outros. Outros pontos atacados por Denis são as penas eternas, onde afirma que as potências malignas são adotadas pela Igreja como instrumento de terror. Além disso, considera a figura de Satanás como uma mera alegoria. Por fim, menciona a questão da ressurreição, que é explicada dentro da perspectiva espírita, através do “corpo espiritual”, e não do material como no Catolicismo (Denis, 1898, p. 78-87). Nas fontes foram encontrados vários textos que criticavam os rituais religiosos e a própria Igreja. Para ilustrar tal questão é possível mencionar uma crítica interna direcionada aos espíritas que demonstravam apego às tradições ou rituais católicos (Reformador, dezembro, 1951, p. 282).

Além disso, na crença presente no Catolicismo está o julgamento da alma após a morte. Sendo que, se salva, iria para os Céus, e se condenada, para o Inferno. No Espiritismo, a reencarnação estabelece a possibilidade de retornar a terra para se aperfeiçoar moralmente, condicionando a possibilidade de uma existência melhor a uma

conduta moral. Conforme apresentado anteriormente, em alguns casos, o clero se utilizava de referências ao inferno e demônios (Costa, 2002), enquanto os espíritas desacreditavam na existência dos dois. Os espíritas, por sua vez, acreditavam que o além poderia interferir em nossa vida negativamente por meio de almas desencarnadas em um estágio inferior. Outro aspecto questionado pelos espíritas através do estudo do Evangelho remete à existência de “penas eternas” (Jornal Unificação, agosto-setembro, 1957, p. 2).

Devido a estes questionamentos, os membros da Igreja chamavam o Espiritismo de “puro paganismo” por não aceitar os dogmas ou as imagens da Igreja, os espíritas, por sua vez, afirmavam que os católicos estavam mais próximos do paganismo, pela adoração de imagens (Reformador, 53º-54º edição, maio, 1957, p. 130).

É interessante analisar a partir destes dados o conflito de ambas as religiões. As duas possuem uma base cristã comum, mas a grande diferença é na forma que interpretam o conteúdo que está na Bíblia. Para os católicos, é considerado como um “livro sagrado”, enquanto pela própria natureza e origem do Espiritismo, apresentam um posicionamento diferente no modo de leitura do seu conteúdo: não consideram como sagrado, mas um livro de referência moral. A obra “*O Livro dos Espíritos*”, por sua vez, aparece como um livro de grandes revelações, através do qual os Espíritos de luz comunicam através dos médiuns. Os espíritas consideram essa obra como a Terceira Revelação, ou o Consolador anunciado por Cristo (Jornal Unificação, 55º-56º edição, outubro-novembro, 1957, p. 6). Neste ponto vale ressaltar que na visão espírita, Deus é uma figura distante que não comunica diretamente com os homens, mas parece sim ter uma hierarquia de espíritos mais evoluídos, que fazem essa ponte e que transmitiram as mensagens codificadas nas principais obras espíritas.

3. Catolicismo e o Tratamento Espiritual

A área da saúde é um espaço que gerou muita polêmica, especialmente com a Medicina, que será abordada no Capítulo sobre a Psiquiatria. No entanto, as formas de tratamentos propostas pelas religiões também gerariam uma concorrência entre elas. Conforme já observado anteriormente, as curas espirituais eram populares no contexto

brasileiro. De acordo com Aureliano (2012, p. 256), a terapêutica da religião está presente desde o início da nação brasileira e “[...] em parte está relacionada ao pressuposto da misericórdia e do perdão divinos herdados do catolicismo.”.

No Catolicismo podemos encontrar diferentes formas de tratamento para o sofrimento, mas no que concerne a este capítulo, temos não o embate na forma proposta entre duas ciências, mas sim entre duas religiões que reivindicavam para si a melhor forma de tratamento para a alma. Quando comparamos o Espiritismo ao Catolicismo vemos duas formas distintas de encarar o sofrimento espiritual. Se por um lado, o Espiritismo considera a natureza do mundo espiritual e sua influência no mundo material, o Catolicismo, quando aborda a moral cristã concebe dois caminhos; um que leva a “vida” e outro que leva à “perdição”. Nesse contexto, o Catolicismo encara o pecado como preconizador das doenças da alma, gerando desordens.

Na concepção católica, a cura espiritual surge na forma de “bênção”. As práticas de cura no âmbito religioso geraria um conflito entre Catolicismo e as demais religiões. Um exemplo que envolveu muita polêmica foi a legalidade de métodos de cura por religiões não-católicas. Houve também críticas frequentes contra os tratamentos terapêuticos propostos pelo Espiritismo, contra médiuns, frequentemente acusados de fraude pelos católicos. Em muitos casos, médiuns receitistas e aplicadores de passes foram perseguidos e enquadrados na designação “Curandeirismo” de acordo com os artigos 282 e 284 do Código Penal. Assim sendo, segundo a lei estariam sujeitos à prisão “[...] qualquer médium que colocasse as mãos sobre a cabeça de um doente, ou que lhe administrasse «qualquer substância» [...]” (Reformador, agosto, 1955, p. 182). No entanto, é possível observar que os espíritas começaram a questionar como uma lei não era aplicada da mesma forma para o Catolicismo, citando o caso da Água Milagrosa de Nossa Senhora de Lourdes (Reformador, janeiro, 1956, p. 23). Dois textos encontrados no *Reformador* já mencionavam a forma como o Estado agia de maneira diferente frente os tratamentos propostos pelos espíritas e aqueles propostos por católicos (Reformador, julho, 1955, p. 148). Alguns exemplos de cura são o do Padre Eustáquio, que foi canonizado (Reformador, julho, 1956, p. 150) e a distribuição de água benta com fins medicinais (Reformador, junho, 1958, p. 144). Essa diferença na forma de tratamento pode ser compreendida devido ao fato da população ser predominantemente católica, e das autoridades estarem de acordo com o discurso da

Igreja, ainda que os textos também apontem que as autoridades muitas vezes não aplicassem a lei. Os espíritas buscaram na discussão sobre tratamentos espirituais dar ênfase ao campo da liberdade religiosa, da mesma maneira que levaram a discussão ao espaço científico, que definia formas de tratamento de doenças exclusivas à prática médica.

4. Aproximações

Ambas as fontes apresentam informações diversas sobre o relacionamento de espíritas e católicos: se por um lado houve o relato de conflitos, por outro há também existiram situações demonstraram uma coexistência pacífica. Contudo, apesar de conflitos dos conflitos no campo religioso, também houve momentos de aproximações. Em um texto encontrado aponta para a tolerância religiosa (Jornal Unificação, 10º edição, janeiro, 1954, p. 5-6).

Vale ressaltar, contudo, que algumas aproximações importantes entre ambas as partes são alguns elementos da crença e interesses em comum. Primeiramente, apesar das diferentes concepções, o Espiritismo Kardecista possui, tal como o Catolicismo, uma base cristã que pode ser observada em seu discurso religioso. Os pioneiros dentro do Espiritismo escreveram várias obras sobre o Cristianismo, como a obra de Denis (1898), que levanta muitos pontos importantes que podem ser discutidos acerca do pensamento cristão para o Espiritismo e sua relação. Esse fato é ainda corroborado ao ser realizado a análise de revistas espíritas. No *Reformador*, por exemplo, vários artigos incluem referências também ao Cristianismo, e mesmo que por vezes ocorressem críticas à Igreja, nota-se um respeito pela base do pensamento cristão. Uma interessante mensagem de Emmanuel psicografada por Chico Xavier no *Jornal Unificação* traduz a questão do Cristianismo para o Espiritismo, em “Atitude Cristã” (Jornal Unificação, 57º-58º edição, dezembro-janeiro, 1957-1958, p. 1).

Ainda que seja importante compreender que o Cristianismo possui a devida importância para ambas as religiões, deve ser destacado as suas diferenças conceituais para que seja estabelecida uma análise abrangente, sem incorrer a generalizações. Da mesma forma que o Espiritismo Kardecista possui suas próprias características e não pode ser comparado superficialmente a outros espiritismos que se originaram no Brasil,

assim como outras religiões mediúnicas. Um texto apresenta sobre a valorização do “Cristianismo de Cristo”, sem a deturpação dos homens, dessa forma trazendo a ideia de que o Espiritismo surgira para restaurá-lo (Reformador, agosto, 1955, p. 179). Outro texto chamado “O sentido cristão do Espiritismo”, o presidente da USE também argumentou em favor da restauração do Cristianismo através do Espiritismo (Reformador, agosto, 1955, p. 177).

O Espiritismo e o Catolicismo, apesar de sua aproximação, possuem elementos distintos que devem ser levados em consideração. Alguns autores, como (Stoll, 2002) apontam que Chico Xavier foi considerado como uma espécie de “santo” para os espíritas. Este personagem é realmente uma figura importante dentro do Espiritismo brasileiro, que inclusive adquiriu uma aura mística. Contudo se houve qualquer similaridade com os santos católicos, isso é uma característica pontual e não pode ser definido como algo frequente dentro do Espiritismo, pois nenhum dado aponta para a existência de outro médium que tenha tido as mesmas características que Chico Xavier na história do Espiritismo brasileiro, diferentemente com o que ocorre com os santos na tradição católica.

As Ciências da Psique, por sua vez, foram pois um campo que atraiu a atenção de católicos e espíritas. Vimos no capítulo sobre Psicologia, que ainda que ambos possuíssem uma diferença epistemológica, fundaram suas concepções psicológicas em tradições filosóficas. A Parapsicologia tornou-se, também um campo de interesse comum, ainda que a interpretação que é dada aos fenômenos psíquicos seja completamente diferente para cada doutrina. O tratamento espiritual, por sua vez, apesar das suas diferentes raízes também é um elemento comum entre ambas as religiões. Os espíritas incentivam os estudos parapsicológicos, pois acreditam que através deles os católicos iriam confirmar as verdades do Espiritismo (Reformador, fevereiro, 1959, p. 38).

IV - Psiquiatria e Espiritismo

1. Introdução

No presente capítulo será apresentado o posicionamento da Medicina frente ao fenômeno espírita, o conflito entre o Espiritismo e a Psiquiatria e suas principais diferenças, e por fim as possíveis aproximações entre estes dois campos. Primeiramente, vale ser ressaltada a existência de concepções antagônicas entre estes domínios no que se refere à questão da saúde e doença. Em seguida, as diferentes posições subjacentes a estas visões no âmbito da saúde, doença e forma de tratamento. Estas visões divergentes, conforme veremos, resultaram em conflitos que impactaram nas esferas científica, social, jurídica e política. Contudo, deve ser ainda ressaltado a existência de autores que se aproximavam do Espiritismo, bem como os próprios espíritas que viriam defender suas práticas e até desenvolver outras etiologias para a loucura.

Ao abordar esta temática, é importante atentar primeiramente ao momento histórico que envolve final do século XIX até a primeira metade do século XX, conforme aponta Almeida (2007, p. 97), quando: “A Psiquiatria procurava legitimar-se no campo científico. O Espiritismo, por ser uma religião com pretensões científicas, além de tentar se inserir no campo religioso também buscava reconhecimento no campo científico”. Em segundo lugar, deve ser destacado o peso que a ciência médica possuía entre os intelectuais. Além da existência de médicos que se tornaram políticos influentes, também estiveram presentes dentro do movimento republicano, de caráter com forte referência ao Positivismo. Neste sentido, é destacado que a primeira metade do século XX seria o período no qual os alienistas definiriam as novas diretrizes para a sociedade brasileira. Segundo Almeida et al. (2007), entre os diversificados focos de atenção que envolviam a investigação e análise para a elaboração dos novos rumos e regras para esta sociedade estaria o fenômeno de transe e possessão presente em algumas religiões. Estas práticas despertariam o interesse da comunidade psiquiátrica, gerando diferentes abordagens na tentativa de compreendê-las. Segundo os mesmos autores, a comunidade psiquiátrica proveniente da região Rio de Janeiro-São Paulo adotaria uma postura mais “medicalizante”. Essa postura se daria devido à influência de autores franceses na época que enfatizavam as religiões mediúnicas como causa de

loucura. No entanto, haveria outra categorização, como a proposta pelo psiquiatra e professor de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, Henrique Belfort Roxo, que classificaria a mediunidade em um quadro diagnóstico denominado como “delírio espírita episódico”. Nesta abordagem, que incluía a concepção de promoção da “higiene mental” era inclusive cobrada das autoridades a repressão das práticas mediúnicas. De acordo com Isaia (2008), Henrique Roxo adotava o sistema organicista de Kraepelin e defendia fortemente o Positivismo, em sua visão a Psiquiatria não deveria preocupar-se sobre as “questões da alma”, pois esta seria um objeto da metafísica que remeteria a “fatos misteriosos” e devido a isso não seria científico. Além destas duas concepções apresentadas, Almeida et al. (2007) mencionam uma terceira que fora preconizada nas Faculdades de Medicina da Bahia e de Pernambuco. Nesta, também considerariam o fenômeno como uma manifestação patológica, mas levantariam em sua compreensão uma visão mais antropológica, destacando os elementos socioculturais envolvidos e buscando entender o comportamento. Segundo os autores, esta corrente apresentava um respeito maior a estas práticas, sem recorrer a medidas repressivas como nas outras, pois as consideravam como manifestações étnicas ou culturais.

A visão integrada na compreensão de fenômenos religiosos no Sudeste brasileiro seria algo que viria a ocorrer de forma dispersa, com destaque para autores espíritas ou simpatizantes dentro dos cursos de Psiquiatria. Um exemplo encontrado nas fontes é a declaração do médico Fernando de Magalhães em defesa do Espiritismo como religião e em seu aspecto terapêutico, publicado em 1909 no *Jornal do Comércio* (Jornal Unificação, 70ª edição, janeiro, 1959, p. 3). No âmbito acadêmico, surgiriam autores interessados pelo aspecto científico do Espiritismo, como por exemplo, Brasília Marcondes Machado que apresentou a tese “Contribuição ao estudo da Psiquiatria (Espiritismo e Metapsiquismo)” em 1922 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas que seria rejeitada. A rejeição dela, segundo Isaia (2005), serve como uma evidência adicional das lutas entre médicos e espíritas que ocorreriam simultaneamente à busca de legitimação tanto da Psiquiatria como do Espiritismo. O autor ainda acrescenta o fato da tese não estar de acordo com o discurso médico institucional. Isso ocorre de maneira similar nos Estados Unidos e Europa, enquanto ocorre um debate entre a comunidade médica e grupos espiritualistas (Almeida, 2007, p. 95). No entanto, viria também ocorrer no ambiente europeu e americano uma postura de interesse pelo

Espiritismo, que será oportunamente abordada durante este capítulo ao tratar das aproximações entre as duas visões.

A característica da laicidade dos Estados que iriam implantar a ciência como um campo independente da religião marca a marginalização que os estudos de fenômenos psíquicos viriam adquirir, conforme aponta Vasconcelos (2008). O estudo dos fenômenos espíritas na tentativa de firmar-se como uma nova forma de ciência acabaria por esbarrar nas barreiras mencionadas anteriormente, principalmente pela atuação e influência dos republicanos. Neste sentido, ao abordar o campo de conhecimento da Psiquiatria, é importante mencionar o exemplo do processo de “secularização da mente” ou sua naturalização no período final do século XIX e início do século XX, citado por Marques (2013), em que certos comportamentos religiosos passam a ser caracterizados como patológicos. Conforme vamos observar, aqui vemos uma postura adotada por médicos brasileiros que coincide com essa forma de pensamento, na medida em que simultaneamente os republicanos assumem o poder no Brasil. A classificação de práticas religiosas consideradas como inadequadas trariam graves consequências para seus participantes, como internamentos compulsórios em instituições psiquiátricas que sofriam de condições degradantes. De acordo com Almeida (2004), a Psiquiatria tendia a desconsiderar a experiência religiosa ou categorizá-la como patológica, e também cita a ocorrência de internações, prisões e tratamentos desnecessários que ocorreram no Brasil. Um texto encontrado no *Reformador* relata esse aspecto e aponta o posicionamento espírita através da transcrição de conferências realizadas por Antônio Wantuil de Freitas na sede da Federação em 1936 e 1937. Durante essas conferências, protestou contra as condições dos hospitais psiquiátricos brasileiros (*Reformador*, novembro, 1958, p. 260). Vale ainda recapitular que uma das justificativas que levaram ao estabelecimento das balizas cronológicas para este estudo leva em consideração os dados apontados por Almeida (2007), que definem os anos de 1900 a 1950 como o período de conflito mais intenso entre psiquiatras e espíritas registrado no Sudeste brasileiro.

De acordo com Almeida (2007, p. 109-110), os psiquiatras que combatiam o Espiritismo comumente adotavam quatro argumentos diferentes; o primeiro seria uma explicação material, que limitava os fenômenos entre fraudes ou fruto do inconsciente do médium. O segundo era associar a prática espírita ao desenvolvimento de transtornos mentais. O terceiro era relacionar o Espiritismo ao misticismo e rechaçar suas tentativas

de se consolidar cientificamente, criminalizando as curas espíritas. Por fim, a tentativa de associar o Espiritismo às religiões de origem africana. A autora ainda afirma que o Espiritismo rebatia as críticas utilizando uma argumentação contrária, o que o transformou em um dos grandes adversários para a consolidação da Psiquiatria enquanto área do saber na área da mente e do comportamento.

2. Medicina e Espiritismo: diferentes concepções

Conforme pode ser observado, por trás dos diversos conflitos decorridos estavam presentes diferentes paradigmas. Se por um lado a Medicina contemplava os fenômenos espíritas como forma de manifestação patológica, a cosmovisão do Espiritismo afirmava que estes comportamentos eram uma forma de manifestação natural de origem espiritual. Assim sendo, torna-se importante compreender melhor sobre estas diferentes visões para prosseguirmos com o tema exposto neste capítulo. De acordo com Almeida (2007, p. 97), a relação entre esses dois grupos configurava-se em uma disputa de poder e autoridade científica, já que ambos buscavam “a hegemonia de saberes, conhecimento e poder social”.

A visão da Medicina estava baseada em uma lógica positivista, voltada a entender as causas da doença a partir da compreensão dos aspectos orgânicos, de forma que estariam atribuídas a efeitos materiais, ou seja, alterações biológicas, químicas ou físicas, desde que fossem devidamente comprováveis e mensuráveis. Além disso, o determinismo preza pela divisão do conhecimento em especialidades para que possa compreender seu objeto de estudo. O momento científico encontrado durante o início do século XX é caracterizado por ter o Positivismo como forma de pensamento hegemônico e as disciplinas afirmadas de maneiras isoladas, o que resultou na fragmentação do saber. Este cenário só seria revertido nos finais da década de 1950, com a discussão sobre a interdisciplinaridade (Minayo, 1991 cit. por Gomes & Deslandes, 1994).

Neste cenário, em que algumas ciências buscavam se estabelecer com caráter institucional e enquanto o conhecimento era dividido em especialidades, o modelo médico possuía propriedade para dar respostas objetivas para os fenômenos inexplicáveis que envolviam a natureza humana. A Psiquiatria, por sua vez, como área

do saber da Medicina, surgiu como uma “nova” especialidade, a qual além do corpo também considera os fenômenos mentais, assim como suas desordens. O funcionamento mental, contudo, é entendido dentro de seu dinamismo orgânico, frutos das condições biológicas e químicas do cérebro. De acordo com Almeida (2007, p. 98), a Psiquiatria brasileira mantinha um intercâmbio próximo com psiquiatras franceses e alemães, o que influenciou a adoção de ideais eugênicos e os princípios de higiene mental. A concepção de indivíduos mentalmente sadios era importante na criação de uma nação moderna. Dessa forma, era necessário trabalhar para o bom funcionamento das instituições e isso incluía eliminar formas de comportamentos que pudessem comprometer a ordem. Para isso, seria necessário enquadrar essas formas de comportamentos, oriundas de diversificados fatores, que poderiam comprometer o objetivo final.

A visão espírita, por sua vez, já abordada durante o primeiro capítulo, possui um paradigma que considera o fenômeno espiritual como uma causa natural que tem a possibilidade de interferir no mundo material. Com uma lógica que privilegia o modelo racional em sua crença, aliado à questão do tríplice aspecto, o Kardecismo brasileiro tentava se estabelecer no campo religioso, ao mesmo tempo em que buscava ser reconhecido no campo científico (Almeida, 2007, p. 97). Neste sentido, várias críticas eram realizadas ao modelo materialista, em que pode ser utilizada como exemplo uma publicação que comentava sobre a impossibilidade do homem ser resultado apenas de reações cerebrais (Reformador, agosto, 1959, p. 172). Para os médicos espíritas, além das explicações propostas pela medicina tradicional para o aparecimento de transtornos mentais, também são levantadas as questões referentes ao mundo espiritual, como conteúdos emocionais de vidas passadas ou ações de espíritos obsessores. A Psiquiatria também é apontada pelos espíritas como a área da Medicina em que podemos encontrar mais facilmente elementos do Espiritismo.

A existência de aproximações entre as diferentes correntes deixou de ser apenas defendida por autores isolados, majoritariamente no campo das ideias, para tornar-se uma realidade objetiva quando é fundada no campo institucional. Em 1968 surge a Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP). Da mesma forma que Betarello (2009) aponta para o momento histórico que envolveu a institucionalização do Espiritismo, temos uma importante movimentação dos médicos espíritas presentes no contexto deste Estado com a finalidade de se organizarem, o que motivou que

movimentos similares posteriormente viessem a ser organizados nas demais regiões do país.

Por fim, é importante compreender e reconhecer que as diferenças entre Psiquiatria e Espiritismo não se esgotam no campo conceitual, mas quando temos duas diferentes concepções de ciência, estamos necessariamente lidando com formas distintas para analisar e interpretar aquilo que pode ser definido como doença, assim como as formas de tratamento que seriam desenvolvidas e propostas baseadas no modo em que suas concepções compreendem as causas.

3. O Normal e o Patológico

A Psicopatologia, segundo Cambell: “[...] é o ramo da ciência que cuida da natureza essencial da doença mental – suas causas, as mudanças estruturais e funcionais associadas a ela e suas formas de manifestação.” (1986 cit. por Dalgalarrronto, 2008). Como área do saber, a Psicopatologia incorporou muitos conceitos ao longo do tempo, se desenvolvendo através deles. Levando isso em consideração, destaca-se a Psicopatologia Médica, que é uma perspectiva que possui uma visão de homem focada no corpo e entende os sintomas como causas biológicas. Dessa maneira, o adoecimento mental é entendido como algum mau funcionamento no cérebro, uma disfunção no próprio organismo (Dalgalarrronto, 2008).

O embate entre psiquiatras e espíritas registrados na primeira metade do século XX possuía em seu maior ápice de tensão a equiparação do Espiritismo como uma das maiores causas de “loucura”. Isso era amplamente utilizado nos casos que envolviam “transe e possessão”. Conforme aponta Almeida (2007, p. 96), os médicos brasileiros desenvolveram a tese da “loucura espírita”, que não foi uma simples incorporação e reprodução das ideias e conceitos desenvolvidos na Europa e Estados Unidos, mas apresentava suas próprias especificidades e características, evidenciando uma adaptação à realidade brasileira. Isso refletiu na postura adotada por muitos autores dentro da Psiquiatria, que passaram a defender a tese que o Espiritismo era nocivo e devia ser erradicado.

A metodologia científica utilizada na Psiquiatria da época visava catalogar e classificar formas de comportamento, a partir de onde seria realizado o diagnóstico visando identificar a enfermidade para em seguida estabelecer o tratamento. É ressaltado que a Psiquiatria como ciência encontrava-se em um processo de construção e, como tal, viria a se modificar ao longo do tempo. Por outro lado, a relação de sua visão de normalidade geraria diagnósticos que conflitariam com determinadas práticas religiosas, onde se encontravam as práticas mediúnicas do Espiritismo Kardecista. De acordo com Almeida (2007, p. 40):

Dada a freqüência e ampla distribuição histórica e geográfica das vivências espirituais, torna-se essencial diferenciar entre uma vivência místico-religiosa que pode ter um potencial transformador positivo e os sintomas indicativos de um transtorno mental que pode trazer sofrimento e incapacitação, requerendo tratamento médico e psicológico.

Conforme o autor aponta, é importante salientar que no período aqui estudado a definição de loucura era inflexível do ponto de vista psiquiátrico, assim como manifestações do ponto de vista religioso. A associação do Espiritismo à loucura levou com que outros personagens críticos à Doutrina também adotassem essa forma de argumento. No *Jornal Unificação* surge uma crítica a um parecer de um relator que condenava a solicitação de verba assistencial para o Centro Espírita Beneficente “30 de Julho” situado em Santos – SP. A declaração foi a seguinte:

As práticas espíritas são perniciosas, perigosas e condenáveis, porquanto, no mais das vezes, conduzem ao suicídio, à loucura, à prática de crimes hediondos. – A Colheira no campo da patologia mental é abundante. – Que o digam os psiquiatras, os cientistas, sobre a eclosão de psicoses em doentes que lhes são levados e que se dedicam à prática do Espiritismo. (*Jornal Unificação*, 82ª edição, janeiro, 1960, p. 3).

A declaração acima provocou uma reação por parte da União Municipal Espírita de Santos, que levou a publicação do texto “Esclarecendo Dúvidas”, que rebate os argumentos do relator. Outros textos também apresentam contra-argumentos aos utilizados pelos médicos de que o Espiritismo levasse à loucura. Como em outra defesa contra as críticas dos psiquiatras que cita a revista *Revue Spirite* de 1908, onde o psiquiatra italiano Enrico Morselli (1852 - 1929) declara que os “casos de loucura ou

neurose «espírita» são raríssimos”. (Reformador, fevereiro, 1958, p. 33). Neste sentido, uma notícia critica o fato de ainda existirem médicos que associem o Espiritismo à loucura, contudo rebate dizendo que vários outros já desmentiram essa afirmação (Reformador, março, 1952, p. 71).

4. Aproximações entre as duas visões

A aproximação entre ambos os domínios se daria inicialmente pelo interesse de psiquiatras pela vivência mediúnica, que foi encarada por algumas vertentes dentro da Psiquiatria como uma realidade religiosa que deveria ser levada em consideração. Para ilustrar esta questão podem ser citados alguns autores pioneiros da área da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise, como Pierre Janet (1859-1947), William James (1842-1910), Frederic W. H. Myers (1843-1901), Sigmund Freud (1856-1939) ou Carl Gustav Jung (1875-1961), que seriam grandes precursores neste campo e que chegaram a pesquisar sobre a questão da mediunidade (Almeida & Lotufo Neto, 2004). Os autores atentam, no entanto, que apesar do fato de a mediunidade ter sido um tema de interesse por estes importantes precursores da área mental, não havia um consenso entre suas perspectivas. Dessa forma, separam as diferentes posições teóricas da seguinte maneira:

Janet e Freud associaram mediunidade com psicopatologia e a uma origem exclusiva no inconsciente pessoal. Jung e James aceitavam a possibilidade de um caráter não-patológico e uma origem no inconsciente pessoal, mas sem excluírem em definitivo a real atuação de um espírito desencarnado. Por fim, Myers associou a mediunidade a um desenvolvimento superior da personalidade e tendo como causa um misto entre o inconsciente, a telepatia e ação de espíritos desencarnados. (Almeida & Lotufo Neto, 2004, p. 132).

Conforme os autores apontam no trecho, as diferentes perspectivas e teorias em torno da mediunidade resultam em posicionamentos variados frente ao fenômeno espírita, por vezes se mantendo em uma posição mais próxima da visão biomédica, ou considerando outros elementos possíveis, como o inconsciente e até a ação de espíritos. No cenário brasileiro, a tese de Brasília Marcondes Machado é apenas uma das obras identificadas dentro do ambiente acadêmico que buscavam dialogar com o Espiritismo. As primeiras posturas que se diferenciavam dentro da Psiquiatria denotam a incorporação de saberes das ciências humanas, notadamente da Antropologia. A cura

como objeto de estudos, segundo Rabelo (1994), ganha importância na literatura antropológica na medida em que vem sendo conferido o devido reconhecimento para o papel dos cultos religiosos na interpretação do tratamento da doença. Os aspectos positivos apontados pela autora, genericamente, são a atribuição de um significado em um todo coerente configurado pela crença, além da consideração pelo contexto em que a pessoa está inserida. Conforme foi mencionado anteriormente, na terceira escola, podemos ver esse movimento dentro da Medicina. Neste aspecto é possível delinear uma aproximação, ao menos em uma tentativa de compreender o fenômeno religioso a partir de um modelo que não o trata como uma problemática, mas buscar entender as causas multideterminantes de sua manifestação.

No que tange o Espiritismo, podemos encontrar em Almeida (2007, p. 97), que: “Muitas teorias desenvolvidas pelos espíritas tinham pontos de contato com a Psiquiatria: as relações mente-corpo, a causas da loucura, bem como seus modos de tratamento e prevenção.”. O fato de o Espiritismo possuir em sua doutrina a característica de valorizar a ciência permitiu com que esses elementos pudessem ser incorporados facilmente. Neste sentido, também vale considerar o papel de muitos médicos espíritas, que buscam conciliar as duas áreas, ainda que sejam vozes isoladas dentro da Medicina. Por fim, os espíritas viriam a desenvolver sua própria etiologia da loucura que seria definida dentro de uma “Psiquiatria Espírita”, conforme será mais bem descrita no tópico seguinte.

A análise das fontes permitiu observar o interesse espírita pelas diferentes teorias defendidas pelas Ciências da Psique. Um texto que demonstra o interesse da abordagem psicológica utilizada pela Medicina aponta uma notícia internacional, em que a Associação Médica Britânica confere respeitabilidade ao Hipnotismo (Reformador, julho, 1955, p. 155). Além disso, a utilização de termos que remetem à Psicopatologia demonstra o interesse na busca de compreender ou explicar as doenças mentais. Os termos que surgiram mais comumente foram: psicologia patológica, doenças psíquicas, psicopatologia, neurose, neurótico, psicossomático, patologia mental, psicoses, perturbações mentais, psicopatias, distúrbios psíquicos, psico-neuroses, doença mental, perturbação psíquica, sofrimento nervoso, histeria, histérica, psicoses, neurose-histérica, neuropsicose.

Desta forma, é possível associar a relação de médicos espíritas, ou interessados pelo conhecimento de doenças psíquicas. Neste ponto, também é interessante notar a busca de uma explicação espírita para doenças mentais, como o caso do texto que aborda a esquizofrenia e a licanthropia. Apesar de estarem dentro de um domínio da Psicopatologia, vemos a forte correlação com a ciência psicológica devido ao fato de buscarem uma etiologia da doença. Um texto do *Jornal Unificação*, de autoria de Sérgio Vale, aborda sobre a esquizofrenia. O autor fala sobre o interesse da Psiquiatria pela fase aguda da doença, as formas de tratamento aplicadas e critica a utilização de modelos organicistas de Kraepelin e Kretschmer, e aos psiquiatras que não consideram a correlação entre o físico e o psíquico. Salienta a necessidade de serem estudados os fenômenos anímicos e espíritas e cita o caso do médico Dr. Carl Wickland, nos Estados Unidos, e Dr. Inácio Ferreira, no Brasil. Destaca ainda a necessidade dos psiquiatras compreenderem a Psicologia, e menciona as hipóteses de Bergson e Alexis Carrel (*Jornal Unificação*, 13ª edição, abril, 1954, p. 2). A licanthropia é abordada no *Reformador*, iniciando a discussão através da obra “*Libertação*” do espírito André Luiz (*Reformador*, janeiro, 1950, p. 7).

Um texto aponta para a importância dos caminhos abertos pelo Espiritismo e Metapsíquica para a Medicina. Referindo-se ao comentário do professor Dr. Vicente Lapicciarella no periódico *La Razon*, o texto sintetiza e compreende tal conteúdo da seguinte forma: “[...] que a maior parte das alterações físicas, os males duodenais, a angina do peito e as neuroses são originadas de perturbações e inquietudes e de perturbações funcionais do psíquico.”, e prossegue, afirmando que “[...] a etiologia das anomalias patológicas se radica no espírito” e sobre a necessidade da visão integral do doente (*Reformador*, março, 1956, p. 60). Cita ainda o exemplo do médico Gustave Geley, que sustenta a mesma ideia em sua obra “*Do Inconsciente ao Consciente*”, no qual faz uma crítica à fisiologia clássica, e dá importância ao psicossomático. E, por fim, faz uma crítica às outras escolas psicanalistas (Freud, Adler e Stekel) baseados no materialismo e não admitindo a concepção de Geley.

5. Psiquiatria Espírita

Ainda que isolada pela ciência institucionalizada, a “Psiquiatria Espírita” surge

para dar lugar a uma forma de compreensão sobre o sofrimento psíquico na ótica de sua doutrina. Concretamente, essa concepção enquadrava os sintomas apresentados numa “psicopatologia espírita”, identificando forças ou formas de inteligência não-detectáveis pela Ciência tradicional, mas que podem atuar no comportamento das pessoas. É importante compreender que o pressuposto que embasava a “Psiquiatria Espírita” era a compreensão do homem como um ser dualista. Esse paradigma destoava claramente da posição de médicos e psicólogos sobre a relação mente-corpo, pois devido aos conceitos centrais de seus pressupostos, não consideravam qualquer elemento que não fosse material (Zingrone, 1994; Le Malefan, 1999 cit. por Almeida, 2007, p. 99).

Se for possível categorizar uma área de conhecimento denominada “Psiquiatria Espírita”, deve ser levado em consideração a etiologia proposta na obra “*A loucura sob novo prisma*” (1920) de Bezerra de Menezes. O livro divide-se em três capítulos, sendo que o primeiro aborda a discussão relativa à existência da alma (ou espírito), o segundo aborda a questão da relação entre alma e corpo, e finalmente, o terceiro busca aplicar explicações, à luz do Espiritismo, para casos inexplicados pela Psiquiatria. Buscando compreender a loucura na ótica do Espiritismo, Bezerra de Menezes defende em sua obra, conforme aponta Isaia (2008, p. 210) que:

[...] o fundamento de numerosos casos de demência podia ser creditado à ação persecutória de espírito(s) sobre o doente. Essa atuação, que denomina de obsessão poderia ser neutralizada, através da doutrinação do espírito obsessor, que configurava a terapêutica da desobsessão. Este tratamento consistia em fazer o espírito perseguidor conhecer a lei do carma, “pela qual terá que pagar em dores, todas as que tem feito sua vítima sofrer”¹⁰.

Vale ressaltar o aspecto psicopatogênico com o qual os espíritas encaram a situação definida como “obsessão”, conforme podemos observar no exemplo acima. O autor também comenta que Bezerra de Menezes defendia a possibilidade de outra forma de tratamento para os casos de demência. De acordo com Almeida (2007, p. 100), a visão espírita considerava os aspectos orgânicos e sociais, mas esses fatores estariam associados a uma “influência espiritual”, opondo-se às principais teorias da época: sociais e orgânicas. Isso pode ser confirmado desde a obra principal de Kardec (1857, p. 35). Neste sentido, um fator que poderia acarretar em sofrimento para o indivíduo seriam traumas de vidas anteriores ou situações mal resolvidas, que afetariam os

¹⁰ Menezes (1946, p. 185 cit. por Isaia, 2008).

comportamentos em sua vida presente, até mesmo o desenvolvimento de doenças. Outros autores que pesquisaram e publicaram sobre a relação entre Psiquiatria e Espiritismo são Dr. Inácio Ferreira, Souza Prado e Carlos Imbassahy. Além disso, ao se pensar a questão da Psiquiatria Espírita também pode ser observada no livro “*Nos domínios da mediunidade*” do espírito de André Luiz, que revela que influências inferiores causam doenças como: “loucura, epilepsia, psicoses, fobias, etc.”. (Reformador, dezembro, 1955, p. 268).

O surgimento de Hospitais Psiquiátricos Espíritas é outro dado importante que deve ser mencionado. De acordo com Ribeiro (2009, p. 3), no Sanatório Espírita de Uberaba, inaugurado em 1933, podemos encontrar em destaque o trabalho do psiquiatra Dr. Inácio Ferreira, que teve conflito de posições com os católicos através do jornal *Correio Católico*. A autora aponta para outra instituição, inaugurada em 1946, que foi o Sanatório Espírita Vicente de Paulo, em Ribeirão Preto – SP. Dessa forma, podemos encontrar um exemplo tangível de que os Espíritas neste período chegaram a desenvolver tais práticas oficialmente, dentro de suas próprias instituições. Um exemplo é encontrado em um comentário sobre o tratamento espírita para os obsidiados, citando o exemplo do sucesso do Sanatório Espírita de Uberaba (Reformador, junho, 1952, p. 137). Outra notícia cita o exemplo da “casa dos doentes mentais e desamparados” em Manhuassu, que acolhia indigentes que sofriam de perturbações mentais. Essa casa funcionava junto a um Centro Espírita, que realizava curas espirituais, em auxílio aos tratamentos médicos (Reformador, julho, 1952, p. 166).

A Psiquiatria tradicional, por sua vez, ao longo do tempo mudou significativamente suas práticas na medida em que houve um diálogo maior com outros modelos teóricos no campo acadêmico, o que levou a compreender melhor os fenômenos culturais e religiosos. Neste sentido, vale mencionar os avanços dentro da Psiquiatria transcultural. Embora não se trate de uma “Psiquiatria Espírita”, como a abordada anteriormente, esta corrente busca levar em consideração aspectos antropológicos. No entanto é importante salientar que a Psiquiatria, aqui entendida como vertente das Ciências Médicas, não considera que a mente possa ter uma natureza espiritual, ou que haja a existência de espíritos, pois ainda considera que estes são produtos da atividade cerebral. Esta é a compreensão atualmente subjacente aos “fenômenos de transe e possessão” descritos dentro da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial de Saúde (OMS).

6. Formas de Tratamento

A Psiquiatria faz o seu diagnóstico dos sintomas baseando-se no modelo biomédico mencionado anteriormente. A Psicopatologia é um ramo específico da ciência que estuda as causas de sofrimento psíquico, sendo que possui diversificados modelos. De acordo com os dados encontrados em estudos neste período o modelo mais comum provém da Psicopatologia Médica, que leva em consideração as causas orgânicas causadoras da disfunção psíquica. Dessa forma, o tratamento é estudado e proposto com base no diagnóstico, através da prescrição de medicamentos ou de outras formas de tratamento recomendados para cada caso encontrado. Vale também lembrar que os hospitais psiquiátricos do período estudado encontravam-se em condições degradantes, onde eram misturadas pessoas portadoras de psicopatologias com demais formas de detidos de outra natureza. A característica do Hospital Psiquiátrico confere com a concepção higienista, em que indivíduos que poderiam oferecer algum malefício ao bom funcionamento da sociedade deviam ser isolados.

Por sua vez, ao abordarmos o Espiritismo, é importante mencionar que existe uma pluralidade no que se refere aos aspectos de cura, sendo que algumas práticas parecem enfatizar um aspecto mais religioso enquanto outras buscam um diálogo com a ciência. Assim sendo, podemos encontrar diferentes posicionamentos como, por exemplo, médicos espíritas que buscam integrar os aspectos do Espiritismo com o conhecimento da Medicina, ou ainda aqueles que têm uma convicção da eficiência de tratamentos espirituais. Conforme já observamos anteriormente isso irá variar com a ênfase dada por cada grupo espírita, seja em seu aspecto mais religioso, científico ou filosófico.

Conforme abordado anteriormente, na concepção espírita da doença, os sintomas podem ser interpretados como uma manifestação do mundo espiritual, dessa forma é elaborada formas de tratamentos para estes. Entre àquelas mais comuns identificadas dentro do Espiritismo Kardecista estariam: água fluidificada¹¹, passes e sessões de

¹¹ Conforme mencionado no Capítulo II, a “Ciência Espírita” recebe influência do Magnetismo Animal de Mesmer. No caso, após receber os fluídos, a água torna-se “fluidificada” e passa a possuir propriedades terapêuticas.

“desobsessão”. Um texto de Ary Lex também aponta um importante fato, que seria a concessão da ciência materialista no reconhecimento do resultado promovido por passes espíritas, ainda que dentro de sua própria ótica. Neste sentido, os passes (que agiriam por hipnose e sugestão) promoveriam a melhoria em distúrbios exclusivamente psíquicos (Reformador, março, 1960, p. 65-66).

Além destas, muitas vezes a prática da cirurgia mediúnica e outras formas de tratamentos realizados no contexto brasileiro eram comumente associados ao Espiritismo Kardecista. Entretanto, os diversos problemas judiciais enfrentados por espíritas fez com que o Movimento se afastasse delas. De acordo com Lewgoy (2006), as práticas médica e terapêutica realizadas por espíritas que atuavam, por exemplo, na prescrição mediúnica de medicamentos seria inicialmente um grande propagador do movimento, mas também um obstáculo, já que essas atividades facilmente os expunham a escândalos e processos. Segundo Almeida (2007), os espíritas eram acusados de exercício ilegal da Medicina por realizarem o tratamento de doenças físicas, e inclusive o de doenças mentais também. Os médiuns eram por vezes acusados de desequilibrados mentais, quando não de charlatães, exploradores da credulidade pública e fraudadores.

Um exemplo que pode ser citado e demonstra o conflito entre o Espiritismo e Medicina foi um dos casos preconizados pelo médico Carlos Fernandes no ano de 1939, que solicitaria ao Governo e ao Ministro da Justiça punição para os espíritas que realizassem práticas médicas ilegalmente, incluindo a solicitação de intervenção policial nos centros para o cumprimento da lei de 1890 (Almeida et al. 2007). Ações como essa, conforme a autora aponta, como muitas outras que ocorreram, demonstravam não só a recorrente preocupação dos médicos, como também vários debates sobre a legalidade e legitimidade em práticas alternativas de cura. Segundo Almeida et al. (2007), esses debates estão presentes desde o processo de institucionalização da Medicina, por volta do ano de 1830. A polêmica em torno da intervenção terapêutica dos espíritas levaria que estes enfatizassem “[...] a manipulação da dimensão espiritual como a única área legítima de atuação e contribuição da medicina espírita” (Lewgoy, 2006, p. 152). A questão das cirurgias mediúnicas foi e continua sendo muito controversa, especialmente pelo fato de entrar no domínio do corpo, onde a Medicina é a disciplina “detentora” do saber.

A respeito das cirurgias espirituais, deve ser mencionado o caso de José Arigó. Um médium que realizou diversas operações sem instrumentos esterilizados. Uma importante notícia sobre esse personagem é encontrada no *Reformador*. Em junho de 1958, conforme o *Correio da Manhã*, o Presidente da República Juscelino Kubitschek indultou a pena de 16 meses de prisão que foi atribuída ao médium José Arigó. Além do aspecto simbólico que o indulto presidencial teve, vale ressaltar que o Presidente possuía formação em Medicina. Além disso, a fonte destaca que o processo contra Arigó foi movido pelo clero de Congonhas do Campo, cidade onde Arigó atuava (*Reformador*, julho, 1958, p. 160).

No entanto, vale ressaltar que algumas destas práticas não deixaram de existir por completo, mas em alguns casos sofreram transformações, se adaptando e se modificando para tornarem-se socialmente mais aceitas, enquanto noutros vincularam-se a outras vertentes espíritas para continuarem com suas atividades. Estes casos fogem ao contexto específico deste trabalho, não podendo ser aqui desenvolvidos. Contudo, torna-se importante mencionar que apesar de autores, como Lewgoy (2006), associarem o abandono de tais práticas somente aos conflitos, visando adaptar-se à realidade brasileira, é necessário entender que poderia haver outros fatores envolvidos na mudança de postura. Entre elas, está o fato de o Espiritismo Kardecista também levar em consideração o conhecimento científico, e possivelmente em determinado momento, ao repensar a possibilidade de práticas que eram aplicadas de forma indiscriminada acarretarem algum dano físicos aos adeptos, pode ter causado um desconforto interno que levou à reflexão sobre a aceitabilidade de suas próprias práticas.

V - Psicologia e Espiritismo

1. Introdução

A Psicologia foi citada em diferentes categorias textuais, conforme apontado no Capítulo I. Os materiais encontrados envolviam diversas situações, nomeadamente: refutar argumentos da ciência psicológica; embasar argumentos da “Ciência Espírita”; situar, refletir ou informar aspectos científicos relacionados à Psicologia; ou apresentar a formação acadêmica nesta área do conhecimento por determinados personagens. Dessa forma, o presente capítulo irá tratar sobre a relação do Espiritismo com a Psicologia.

Primeiramente, é importante situar o momento histórico em que se encontrava a Psicologia no período estudado. A disposição da formação em Psicologia e a regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil só foram possíveis com a criação da Lei Nº 4.119, de 27 de Agosto de 1962. Neste sentido, a terminologia “psicólogo” encontrada em diversos textos durante a análise refere-se a profissionais estrangeiros. Contudo a categoria “psicologia”, também encontrada em grande quantidade, refere-se à área do conhecimento, que já possuía seu espaço dentro do contexto brasileiro. Para entender a situação da Psicologia neste período é necessário um recuo histórico que permita visualizar seu desenvolvimento.

O processo de constituição e institucionalização desta disciplina como ciência pode ser compreendida em dois momentos distintos na história do Brasil. Conforme o catálogo organizado pelo Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo (2013), o primeiro momento abrange os anos de 1890 a 1930 e foi denominado como “autonomização da Psicologia”. Neste período, surge um interesse pelas camadas intelectuais interessadas em buscar em seu projeto de nação um novo ser humano que estivesse preparado para essa nova sociedade modernizada. Vale ressaltar ainda que este momento caracteriza-se pela culminância de ideais republicanos, com grande influência de Augusto Comte. Iniciou-se um movimento através da educação chamado “Escola Nova” que defendia a renovação do ensino brasileiro e buscava o conhecimento da Psicologia como base para suas ações. Um detalhe importante quanto a isso, que pode apresentar alguma correlação, é o fato de alguns indivíduos de destaque relacionados ao

Espiritismo terem atuado profissionalmente como educadores, entre alguns exemplos estariam: Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco e José Herculano Pires. A Psicologia viria ao decorrer destes anos se tornando uma ciência reconhecida. O segundo momento, que está situado entre os anos de 1930 a 1962, é definido como “A consolidação da Psicologia”, sendo aqui quando os campos de atuação profissional do psicólogo vêm a se tornar reconhecidos. Neste momento também teria início a gradual desvinculação da Psiquiatria, e a Psicologia viria a ser considerada como uma disciplina independente nos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais e Filosofia. De acordo com Gomes (2004), diferentes tipos de profissionais procuravam buscavam a complementação de suas práticas através dos saberes da Psicologia. Dessa forma, estariam os médicos na saúde mental, educadores na Pedagogia científica, e advogados em casos de delinquência e criminalidade. Neste sentido, conforme aponta o autor, a psicologia ganhou espaço no Brasil como uma novidade técnica, iniciando a fazer parte de currículos em faculdades a partir da década de 1930.

Da mesma maneira, também seriam produzidas mais publicações de Psicologia, conforme aponta o (CRP-SP, 2013). Entre estas publicações podemos encontrar um dado relevante que remete ao surgimento da Psicologia da Religião no Brasil, que segundo Paiva et al. (2009), teria como sua primeira publicação um artigo de Benköno no ano de 1956, todavia existiriam alguns indícios da existência de publicações esporádicas anteriores a esta data, encontradas comumente em revistas de cultura (Berge, 1939, cit. por Paiva et al., 2009). A Psicologia da Religião é um interessante exemplo para ser citado, pois trata de uma ciência da mente que busca respostas para a questão da transcendência. Contudo, é necessário observar que o termo “Psicologia da Religião” também é utilizado dentro do campo de estudos da “Psicologia Pastoral” dentro do Cristianismo, ressaltando seu cariz inicial mais confessional anteriormente à consolidação da Psicologia como ciência independente no Brasil (Paiva et al., 2009, p. 443). Apesar de ambas adotarem o mesmo nome, possuem concepções completamente distintas que geram dificuldades na pesquisa literária e mesmo na identificação no âmbito institucional. No entanto, o debate em torno dessa questão envolve ainda uma grande discussão que não poderia ser pormenorizada neste trabalho, dessa forma deixo a referência como consulta¹². Porquanto, o intuito de citar essas duas correntes é o de

¹² Cf. Paiva et al. (2009).

situar sua existência, que muitas vezes não é tão clara ou difundida, e contextualizar dois movimentos distintos no intuito dos estudos da religião pela Psicologia.

Após a devida contextualização da Psicologia no cenário brasileiro, é compreensível que haja sua referência dentro das fontes em textos que remetem às práticas pedagógicas, psiquiátricas, e na criminologia. Alguns exemplos foram aqui elencados, como uma notícia que informava a disposição de um curso para evangelizadores espíritas onde a Psicologia constava como uma das disciplinas (Jornal Unificação, 61º-62º-63º edição, abril-maio-junho, 1958, p. 7), também em uma reflexão sobre educação quando é levantada a questão da “Psicologia Infantil” como necessidade de compreender a criança (Reformador, julho, 1960, p. 161). Conforme já apresentado no capítulo anterior, vários textos também abordaram questões psiquiátricas, como a construção de hospitais, métodos terapêuticos e na psicopatologia. Por fim, um texto sobre a Conferência pronunciada no Instituto Brasileiro de Criminologia, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, por Deolindo Amorim em 20 de outubro de 1955 trata de algumas questões referentes ao Espiritismo e Psicologia (Reformador, dezembro, 1955, p. 269). Outro texto que também segue o debate sobre Criminologia utiliza como argumento o conhecimento da abordagem psicanalítica contra a legalização da pena de morte no Brasil (Reformador, dezembro, 1959, p. 282). Ainda sobre a mesma temática está um texto de José Herculano Pires, que usa como argumento: “Outro terreno, em que vamos encontrar sólido apoio, é o da psicologia experimental. Veja bem: a psicologia experimental, ou seja, a mais moderna, a mais adiantada, a psicologia se baseia na pesquisa objetiva e na experimentação.” (Jornal Unificação, 3º edição, junho, 1953, p. 7). Por fim, um exemplo que também destaca a utilização de conceitos psicológicos pelos espíritas pode ser encontrado nos textos de Carlos Imbassahy e Ary Lex no *Jornal Unificação*, autores que se interessavam e abordavam alguns aspectos deste campo do conhecimento.

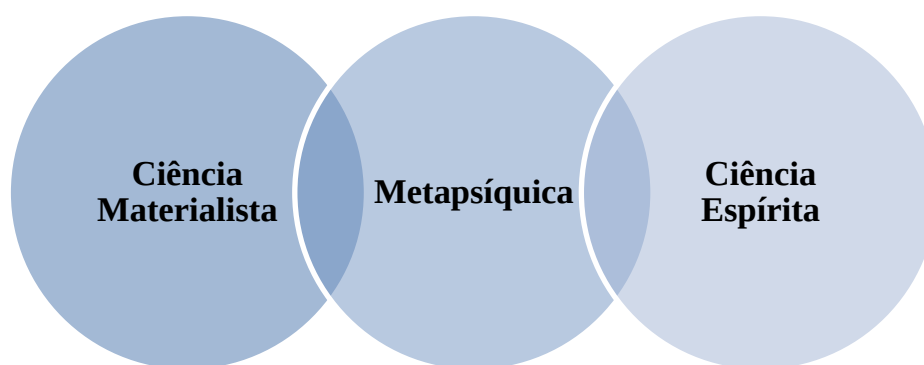
A visão dos psicólogos, por sua vez, em sua maioria baseava-se em um modelo materialista, tal como o modelo psiquiátrico (conforme mencionado no Capítulo IV). Uma crítica comumente aplicada aos psicólogos, pelos espíritas, era similar a feita aos médicos: romper com o paradigma negativista e cético imposto pela ciência para dar lugar a novas experimentações. Dessa forma, o psicólogo deveria olhar para estes objetos de estudos sem um preconceito apriorístico. Um texto do *Reformador* ilustra essa posição através de um prefácio de Charles Richet da obra “*Phantasms of the*

Living” na qual é mencionada a importância da ousadia para novas descobertas científicas (Reformador, fevereiro, 1957, p. 45). Desta forma, é possível ressaltar que em muitos casos existia um esforço para a explicação do fenômeno espírita, ainda que na perspectiva “psicologizada”. Contudo, vale destacar a importância que a mediunidade possuiu na elaboração de ideias psiquiátricas e psicológicas (Alvarado et al., 2007). Neste sentido, um texto aborda Alexis Carrel (1873-1944), personagem considerado pelos espíritas com um papel significativo nas pesquisas psicológicas. Suas pesquisas foram realizadas no *Rockefeller Institute for Medical Research*, e seu posicionamento era que a Metapsíquica, Fisiologia e Psicologia seriam áreas correlacionadas (Jornal Unificação, 14ª edição, maio, 1954, p. 1). Certamente dentro da Psicologia, cada autor irá enfatizar a importância de características específicas que irão determinar se a prática pode garantir seu estatuto de ciência. Contudo, a discussão metodológica a respeito da Psicologia científica foge ao propósito deste trabalho, e neste caso foi realizada uma seleção de modelos teóricos, de forma a compreender sua relação, aproximação ou distanciamento com o Espiritismo.

2. Ciências da Psique e Espiritismo

A análise das fontes permitiu coletar vários conceitos significativos que revelaram uma relação entre as Ciências da Psique e o Espiritismo. Entre as palavras encontradas no campo semântico da Psicologia na análise constava o termo “psiquismo” e suas variações. É importante ressaltar que o termo pode ter uma significação diversificada, pois pode tanto se aproximar da concepção materialista, como espiritualista. Desta maneira, dentro deste espectro situar-se-iam todas as áreas do saber que se preocupam em entender a mente humana. Os resultados encontrados permitiram delimitar os conceitos relacionados à Psicologia apropriados por três diferentes vertentes; Ciência Materialista, Metapsíquica e “Ciência Espírita”. Ressalto, primeiramente, que no período estudado a Ciência Materialista era detentora do estatuto de “ciência oficial”, enquanto as outras duas ainda buscavam encontrar reconhecimento. As explicações materialistas negavam a existência de fenômenos e muitas vezes procuravam a explicação dentro de abordagens teóricas da insipiente Psicologia. A Metapsíquica considera a possibilidade da existência de fenômenos não explicados pela ciência comum, sem negá-los aprioristicamente. Por fim está a “Ciência Espírita”, que

conforme já foi explicado anteriormente, possui uma abordagem baseada no Magnetismo e na existência de fenômenos espíritas. Abaixo um modelo foi estabelecido neste trabalho, na tentativa de ilustrar os posicionamentos destas diferentes concepções frente ao psiquismo humano:



Conforme pode ser observado no esquema, à esquerda temos a Ciência Materialista; uma concepção que nega a existência de fenômenos psíquicos, sejam eles espíritas ou anímicos. Neste campo estão agrupadas diferentes concepções, desde deterministas biológicos, sociais e ambientais. A Metapsíquica encontra-se ao centro, revelando intersecções entre as outras duas concepções, que representa uma graduação, que vai desde seus membros mais céticos, até aqueles que se aproximam mais da concepção espírita. Esta concepção leva em consideração a existência de fenômenos psíquicos, e varia sua explicação de acordo com cada autor. No lado direito está a “Ciência Espírita”, que por sua vez, considera a existência de fenômenos mediúnicos, comunicação com os mortos e, no caso do Kardecismo, em reencarnação.

Apesar de não existir um sistema teórico unificado ou uma escola de pensamento que orientasse o pensamento espírita sobre a psique, existem obras muito significativas que permitem compreender sobre algumas destas questões. Entre elas está “*Da Alma Humana*” de Antônio Joaquim Freire, onde discute a afirmação de Kardec que o ser humano é composto por três elementos; corpo, perísprito e espírito (Reformador, janeiro, 1958, p. 21). Outra descrição que demonstra a mesma concepção de psiquismo para os espíritas surge no seguinte trecho: “O homem, sabem-no os confrades, é um composto de matéria orgânica (corpo humano), matéria psíquica (corpo

flúídico ou perispírito) e espírito.” (Jornal Unificação, 37º-38º edição, Abril-Maio, 1956, p. 11). Além disso, é interessante observar a atualização dos espíritas pelo o que ocorria nas pesquisas psicológicas, seja no campo da Ciência Materialista como da Metapsíquica.

A Psicologia, contudo sofreu um movimento de afastamento similar ao interesse pelas pesquisas metafísicas tais como tinham se originado com Wundt. O seu processo de institucionalização, fez com que os autores incorporassem muitas características positivistas, pendendo para o lado materialista. Ainda que algumas teorias psicológicas considerassem a importância de uma dimensão metafísica, isso não permitiu um consenso nesta área que validasse tal objeto de estudo dentro do ambiente acadêmico.

Apesar disso, é importante salientar que a Psicologia por abranger uma grande quantidade de abordagens teóricas, encontra uma relativa flexibilidade acadêmica para a possibilidade de compreensão de fenômenos religiosos. Neste sentido, podemos encontrar autores que desenvolvem estudos que se aproximavam de questões espirituais, como vertentes da Psicanálise e da Teoria Humanista. A Psicologia Anomalística seria outra área que estuda fenômenos pouco usuais no psiquismo humano. Por fim, outro campo de estudos que merece destaque é da Psicologia transpessoal, que teve influência das abordagens mencionadas, e inclusive da Psicologia Humanista.

3. Teorias da Personalidade

No período estudado existem dois movimentos principais dentro da Psicologia que originariam as diferentes concepções teóricas. De acordo com Hall et al. (2000), no primeiro estão os teóricos da personalidade, que se baseariam em dados obtidos em sua experiência clínica e em concepções criativas por eles elaboradas. Do outro lado, estão os experimentalistas, influenciados pelas ciências naturais. Ambos preocupam-se com problemas diferentes, que são concernentes a disciplinas separadas. Neste sentido, outra diferença apontada é que os teóricos da personalidade promoviam uma visão integrativa do indivíduo, enquanto os experimentalistas focavam em aspectos específicos, sendo mais influenciados pelo positivismo (Hall et al., 2000, p. 31). Isso ilustra uma diferença dentro da Psicologia, que não corresponde ao afastamento ou aproximação da

concepção espírita, pois é possível encontrar diferentes posicionamentos frente ao fenômeno espírita entre os dois lados.

Uma característica das teorias psicológicas são a tentativa de explicar a personalidade humana, neste sentido existem vários modelos teóricos da personalidade que poderia ser mencionados. Como “personalidade” foi um conceito que surgiu frequentemente nas fontes analisadas, este tópico tem a finalidade de discuti-lo, relacionando as visões espírita e psicológica. A Psicologia, conforme apontam Hall et al. (2000), pode ser associada às muitas teorias filosóficas que datam desde a Antiguidade, como também às religiões que procuraram entender e desenvolver conhecimentos relacionados à psique humana. No entanto, a Psicologia como ciência propriamente dita teria origem a partir da filosofia e fisiologia experimental do século XIX, e assim sendo deve muito à prática e profissão médica para seu surgimento, vale ainda ressaltar que os médicos trabalhavam como psicoterapeutas. De acordo com os mesmos autores, existem cinco linhas que tiveram influência na teoria da personalidade. A primeira é a tradição clínica, movimento que engloba alguns autores como: Janet, Charcot, Freud, Jung e McDougall. Esta tradição teve uma contribuição significativa para o desenvolvimento de teorias da personalidade. A segunda engloba a tradição de William Stern e a Gestáltica, com enfoque na unidade do indivíduo. Uma terceira categoria é influência da psicologia experimental, que apresentava uma preocupação com a pesquisa empírica. Na quarta está inserida a tradição psicométrica, interessada nas diferenças individuais e mensuração de aspectos psicológicos. Por fim, a fisiológica e a genética, que como o próprio nome diz, trata de perspectivas que enfatizem o estudo do organismo.

Neste vasto domínio de modelos teóricos de personalidade podemos encontrar teorias que defendem, por exemplo, o determinismo biológico, social ou psíquico. Posteriormente surgiriam as integrativas, que tentam conciliar diferentes aspectos que consideram importantes na construção da personalidade. Por outro lado, existe também a corrente de base fenomenológica que influenciaria o desenvolvimento das teorias humanistas, que rompem com as concepções deterministas, trazendo a noção de que o ser humano possui a liberdade para tomar suas próprias decisões. Neste sentido, podemos observar que a visão espírita pode se relacionar de diferentes maneiras com as teorias psicológicas, contudo essa relação nem sempre pode ser dada em mesma maneira e grau com as instituições, que podem estar atreladas em determinados aspectos

ao discurso político vigente. Entretanto, o foco deste trabalho se concentrará principalmente nas evidências encontradas, como a relação com a Biopsicologia, Psicanálise, Psicologia Experimental.

A Biopsicologia possui sua origem no modelo biomédico, especificamente nas experiências clínicas da Psiquiatria. Dessa forma, a explicação sobre esse modelo conceitual leva em consideração os modelos fisiológicos da mente, buscando compreender as reações orgânicas causadoras de determinados comportamentos. Os termos encontrados em Biopsicologia nas duas fontes foram: zoobiologia, psicobiologia, psiconeurológica, psicologia animal, biopsicológicas, psicofisiologistas, psicossomático, faculdades psicossensoriais, psicologia fisiológica, fisio psíquicas, medicina psicológica, neuro-psíquicas, psico-zoólogo.

Muitos cientistas materialistas, dentro dessa concepção discutiam ainda a relação entre heranças hereditárias e meio ambiente, tentando compreender o papel de cada um desses aspectos no desenvolvimento humano. Além disso, muitos termos são utilizados pela Biologia. Um exemplo disso são as observações do comportamento animal, que conjuntamente com a psicologia experimental nos Estados Unidos originaria o Behaviorismo de Skinner (Hall et al., 2000).

Um dado interessante que vale ser ressaltado é o interesse espírita pela psicologia animal (Jornal Unificação, 3ª edição, junho, 1953, p. 6), contudo com críticas ao modelo biopsicológico aplicado ao ser humano. Essa informação pode parecer contraditória, contudo é importante ter em mente o que foi explorado no Capítulo II sobre a visão da evolução para o Espiritismo, ou seja, a noção de que psiquismos diferentes remetem a estágios evolutivos diferentes. Neste sentido, a exploração de pesquisas relacionadas à psicologia animal parece ter como objetivo atrair a atenção de leigos sobre a existência do psiquismo animal, e não a proposta de aproximação com a explicação da psicologia materialista sobre a mente. Sobre isso, vale ressaltar que o psiquismo animal também era objeto de estudos parapsicológicos (Reformador, março, 1960, p. 69).

Uma crítica feita à visão da Psicologia e Biologia pode ser observada no seguinte trecho:

Tanto a Psicologia como a Biologia têm de ser fatalmente, necessariamente, refundidas nas suas melhores teorias, e depuradas dos erros tremendos que as

condicionam e orientam. O mesmo critério terá de ser seguido em outras Ciências e Filosofias, por imposição dos fenômenos mediúnicos relatados e demonstrados pelo experimentalismo inerente ao Espiritismo, que em última análise, é a Ciência da alma humana. (Reformador, março, 1955, p. 57).

Dessa forma, o trecho aponta para o Espiritismo como uma forma de compreensão complementar a estes domínios. Outro texto encontrado no *Jornal Unificação* de autoria de Ary Lex fornece informações importantes sobre a concepção espírita da personalidade. E neste aspecto aponta:

A diferença básica entre as escolas materialistas e as espiritualistas reside no fato de as primeiras não aceitarem, como as segundas, a existência de um espírito independente do corpo, capaz de conservar a sua individualidade após a morte deste. Para os materialistas, a alma nada mais é que o conjunto dos “fatos de consciência”, representados essencialmente pelos fenômenos afetivos, volitivos e intelectuais. A alma segundo essa concepção é uma fundação do corpo, não tendo existência independente e não sobrevivendo à morte deste. Dessa forma, como não se admite uma alma que preexistia ao corpo físico, considera-se a personalidade como formada exclusivamente por meio de hereditariedade [...]. (Jornal Unificação, 8º edição, novembro, 1953, p. 7).

O trecho indicado faz uma crítica ao determinismo biológico das características psíquicas e oferece a alternativa espírita como explicação para a existência de uma personalidade, que é anterior à vida terrena e que continua após a morte. Ainda que este texto não aborde, pode explicar também o posicionamento espírita frente às teorias materialistas que defendem o determinismo social como fator constituinte da personalidade. Segundo o texto, para os espíritas a personalidade de hoje é o resultado das existências anteriores.

A Psicanálise surgiria posteriormente e herdaria, assim como a Biopsicologia, uma influência de bases biológicas. Contudo tinha como diferencial uma novidade que seria o inconsciente como aspecto determinante. A Teoria Psicodinâmica proposta por Sigmund Freud (1856-1939) possui em sua visão o determinismo psíquico, ou seja, o ser humano é determinado por suas experiências passadas durante a infância. O primeiro modelo topológico da mente proposto por este autor é denominado “Primeira Tópica” e a divide em: consciente, pré-consciente e inconsciente. O consciente é aquela instância que pode ser acessada facilmente; pré-consciente trata dos fenômenos não conscientes em um primeiro momento, mas que podem se tornar conscientes; e o inconsciente que corresponde a conteúdos que não são acessíveis facilmente pela

consciência humana, mas que podem se manifestar em alguns casos, como nos sonhos (Hall et al., 2000).

O conceito de “inconsciente” ou “subconsciente” surge em vários textos encontrados nas fontes. Neste sentido, um texto de Ary Lex no *Jornal Unificação* de 1954 menciona o posicionamento do Espiritismo sobre os conceitos psicanalíticos de consciente, inconsciente e subconsciente: “O Espiritismo aceita o subconsciente e o inconsciente sob um aspecto um pouco diferente. O materialismo julga que todos os fatos inconscientes e instintivos são provenientes de herança orgânica.”, e prossegue o raciocínio no próximo parágrafo: “Segundo o Espiritismo, os instintos e tendências estão conservados em nosso ser, armazenados naquela matéria sutil do perísprito.” (Jornal Unificação, 16ª edição, julho, 1954, p. 3). Outro texto que apresenta uma crítica sobre a Psicanálise, dizendo o posicionamento de dois psiquiatras americanos, Hervey Cleckley e Corbett Thigpen: “[...] que grande parte da Psicanálise é constituída de teorias improváveis, e para as quais nunca será possível aduzir provas.” (Reformador, dezembro, 1958, p. 280).

As visões apresentadas sugerem uma falta de unanimidade dentro do próprio Espiritismo, tendo em vista que existiam casos em que alguns argumentos da Psicanálise eram aceitos (Reformador, agosto, 1952, p. 193; janeiro, 1956, p. 7). Conquanto noutros era completamente criticada e refutada, a exemplo de um texto que trás um relato de um psiquiatra criticando a forma de tratamento, teoria e utilização deste método em contexto clínico (Reformador, fevereiro, 1960, p. 35). Contudo, em outro exemplo, é feita crítica à abordagem, assim como as generalizações e a interpretações dos sonhos pelos psicanalistas (Reformador, fevereiro, 1952, p. 47-48).

A Psicologia Experimental foi uma abordagem que também atraiu a atenção dos espíritas, sendo que possível observar através das fontes que uma expectativa em torno desses estudos foi criada. No entanto, a abordagem da Psicologia Experimental tem um caráter muito mais positivista do que das abordagens clínicas, o que sugere que essa curiosidade espírita talvez estivesse mais relacionada à expectativa em torno de uma descoberta que pudesse se relacionar com a doutrina do que uma proximidade real das pesquisas realizadas. Isso pode ser relacionado também ao fato de a Psicologia científica ser um campo novo, e a ideia que se fazia deste domínio anteriormente se relacionava à descoberta da alma. Da mesma forma em que era relacionada à Pesquisa

Psíquica, ou Parapsicologia, devido ao campo semântico que geralmente é atribuído às derivações de “psíquico”.

De acordo com Gomes (2004), “O laboratório de Wundt é considerado o ponto inicial da psicologia moderna por substituir a experimentação fisiológica pela experimentação direta de elementos mentais através do método da introspecção”. O que, segundo o autor, tornou Wundt “[...] o principal representante da nova psicologia.”. Esse termo “nova psicologia”, assim como “psicologia experimental” é encontrado nas fontes, sinal que os autores espíritas acompanhavam o avanço neste campo de conhecimento.

4. Psicologia e Catolicismo

A influência de membros da Igreja nos domínios da ciência também foi identificada, fato este que está mais bem descrito no capítulo sobre o Catolicismo. Contudo o tópico aqui em questão remete aos modelos psicológicos concebidos ou adotados por autores católicos. O estudo acadêmico da Psicologia, em alguns casos, teve por trás deles autores que ferrenhamente combatiam o Espiritismo, entre eles podemos citar padre polaco Paul Siwek (1893-1986), que ministrou Metafísica e Psicologia Experimental entre os anos de 1940 e 1946 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O conceito da reencarnação foi o maior objeto de crítica para Siwek, suas perspectivas incluíam: valores morais, religião, Filosofia e Psicologia. Essas críticas seriam publicadas em Varsóvia na sua obra “*Migração das almas. Utopias de reencarnação.*” (1937), em seguida outra obra seria publicada no período que estava no Brasil, “*A reencarnação dos espíritos*” (1947). Segundo sua visão, a reencarnação não poderia ser explicada pelo evolucionismo biológico, mas da mesma forma Siwek também veio a criticar a própria tese evolucionista (Neto, 2004).

É evidente que apesar da utilização de técnicas científicas, os autores católicos possuíam uma motivação intrinsecamente religiosa por trás de suas críticas, pois segundo Neto (2004, p.17), a ciência era “[...] como uma arma no apostolado de Deus, pois ele acreditava que a melhor maneira de expor a fé católica para intelectuais e cientistas que jamais poriam o pé em uma igreja e que jamais leriam escritos religiosos era através de livros de natureza científica [...]”. Apesar da crítica ferrenha contra

crenças reencarnacionistas e o fato da Psicologia ter ser tornado uma linha auxiliar de combate, é interessante ressaltar que existem pontos de aproximação entre o interesse investigativo do reverendo e outros autores dentro do Espiritismo, conforme vimos com Chibeni (2003, p. 5) anteriormente, assim como na Metapsíquica. Entre eles estaria, de acordo com Romig (1957, cit. por Neto, 2004, p. 17), “a existência da alma humana e sua natureza [...] sua espiritualidade, imortalidade, livre arbítrio, afetos, tendências, etc”, sendo estes objetos da Psicologia Metafísica. Neste sentido, de acordo com Costa (2002, p. 51), o padre Carlos María de Heredia seria um exemplo de personagem que usou conhecimentos da Psicologia e Metapsíquica na tentativa de desmascarar o Espiritismo.

Por fim, vale mencionar que os argumentos de Siwek são baseados na Filosofia Aristotélica enquanto que o espiritismo baseia-se no pensamento Platônico. A discussão, apesar de estar no campo da Psicologia, tem uma raiz muito mais filosófica. Sobre esse aspecto os espíritas consideravam de significativa importância: “E uma vez que os médicos e psicólogos da atualidade cheguem a compreender a teoria platônica, que é a da reencarnação, estarão eles comprovando a teoria espiritista e o *eiditismo* ou *iditismo* entrará no rol das palavras que dizem algo de lógico, de concreto, e que de pronto, sem subterfúgios, explicam alguma coisa.” (Reformador, mês, 1955, p. 126, grifo do autor).

É possível também citar o envolvimento de outros autores católicos com a Psicologia, como Edward A. Pace (1861-1938) que estudou com Wundt, mas tinha como área de atuação a Psicologia Escolástica e Aristotélica (Gomes, 2004, p. 60). Além disso, foram encontrados textos nas fontes que apontam a utilização de técnicas psicológicas por membros da Igreja como forma de combater o Espiritismo. Da mesma forma que existiram autores católicos que se basearam em parapsicólogos materialistas para sustentar sua tese contra o Espiritismo, conforme apontado anteriormente (em Reformador, 1958, p. 284-285). Por fim, a própria Psicologia da Religião mencionada anteriormente se originaria no Brasil com forte influência católica (Paival et al., 2009, p. 443).

5. Pesquisa Psíquica, Metapsíquica e Parapsicologia

Os três termos que nomeiam esse tópico aparecem muitas vezes misturados ou

confundidos e são mais bem entendidos dentro de uma contextualização histórica, ainda que independente disso, todos eles possuam uma concepção que se encaixa na zona de intersecção entre a Ciência Materialista e a Ciência Espírita, conforme o esquema apresentado anteriormente.

De acordo com Vasconcelos (2008), a Pesquisa Psíquica (*Psychical Research*) seria uma modalidade de pesquisa que teria se iniciado no auge do Espiritualismo na Europa e nos Estados Unidos, com o caso das irmãs Fox. Os grupos de maior destaque que estiveram dedicados à pesquisa dos fenômenos psíquicos na época foram a *Society for Psychical Research*, fundada em 1882. Nela, alguns dos seus primeiros membros foram Henry Sidgwick, Arthur Balfour, William Crookes, Charles Richet, Frederic Myers. Além desta, destaca-se também a *American Society for Psychical Research*, fundada em 1884, e um dos seus primeiros membros foi William James, considerado um autor relevante para Pesquisa Psíquica e Psicologia.

Segundo Vasconcelos (2008), os espíritistas e psiquistas (*psychical researchers*) convergiam ao prestar atenção a um mesmo fenômeno, mas divergiam nas intenções com que o faziam. Enquanto as práticas espíritas envolviam uma tentativa de comunicar-se com os mortos, os psiquistas poderiam ser mais ou menos céticos, mas de forma geral, tendiam procurar a origem dos fenômenos no psiquismo dos médiuns. Segundo o autor: “Esta orientação acabaria por tornar-se dominante, embora não exclusiva, na parapsicologia da década de 1930 em diante, desdobrando-se hoje em dia em abordagens variadas que vão desde o campo da psicanálise até ao das neurociências” (Vasconcelos, 2008, p. 183).

A segunda denominação é a Metapsíquica que foi concebida pelo francês Charles Richet (1850-1935), personagem que teve um papel importante e esteve relacionado à Psiquiatria, Espiritismo e Pesquisa Psíquica. O termo “metapsíquica” é aquele que surge com mais frequência em ambas as fontes ao se referir à Pesquisa Psíquica. Além disso, os espíritas valorizavam estes estudos, assim como também as biografias traçadas sobre o próprio Richet em ambas as fontes sinalizam uma das tentativas de aproximar as duas áreas (Jornal Unificação, 75º edição, junho, 1959, p. 3) e no centenário de seu nascimento (Reformador, setembro, 1950, p. 205-209). Muitos fatos de décadas anteriores às fontes envolvendo a Pesquisa Psíquica viriam influenciar enormemente nas publicações. Um exemplo que pode ser mencionado é de um discurso

realizado por Oliver Lodge (1851-1940) em um Congresso realizado na *British Association for the Advancement of Science* em 1913 onde critica o materialismo e ressalta a importância da “ciência da alma” (Reformador, setembro, 1951, p. 212).

Neste momento é interessante ressaltar que a Metapsíquica é o elo comum que existe entre a Psicologia e a “Ciência Espírita”. O interesse e respeito que os espíritas possuíam pela Pesquisa Psíquica é bastante visível nas fontes, conforme apontado no Capítulo I. Ainda que em alguns casos houvesse divergências, havia aproximações entre as visões, sendo que havia espíritas metapsiquistas, assim como metapsiquistas que se tornariam espíritas. A Psicologia, por sua vez, tem muito em comum com a Metapsíquica devido o fato de muitos pesquisadores terem pesquisado fenômenos psíquicos (V. Alvarado et al., 2007).

A Parapsicologia (*Parapsychology*), por sua vez, é um termo adotado por Joseph Banks Rhine (1895-1980) para substituir *Psychic Research*. Teria como cenário os anos 30, na Universidade de Duke nos Estados Unidos, onde se tornaria um dos principais institutos acadêmicos a estudar o fenômeno psíquico. As fontes indicam o interesse espírita pelos estudos ali realizados (Reformador, julho, 1960, p. 148-149). As pesquisas que se desenvolveram nesta instituição, por sua vez, foram importantes para a criação de uma “Parapsicologia Moderna”, pois segundo os críticos as Pesquisas Psíquicas se aproximavam muito do Espiritualismo. Aqui os psicólogos, Karl Zener e Joseph Rhine priorizavam os métodos de pesquisa, entre eles estariam métodos estatísticos e as cartas de Zener. O *Reformador* menciona o livro de Rhine “*New frontiers of the Mind*”, que apresentava alguns resultados das primeiras pesquisas realizadas na Universidade de Duke.

No período em questão, a pesquisa parapsicológica assumiu um caráter experimentalista, que levou a uma corrente de pesquisa que defendia o ceticismo. Uma crítica sobre essa linha de investigação foi encontrada nas fontes durante a seguinte passagem:

Atualmente, são raros os parapsicólogos que não sejam materialistas, e há anos, principalmente nestas duas últimas décadas, eles só se vêm preocupando com o estudo do chamado efeito PK ou psicocinesia (influência paranormal do pensamento sobre a matéria) e da sensibilidade extra-sensorial (ESP) ou clarividência. Abrangem os fenômenos que denominaram psi, subdivididos em

psi-gama (ESP) e psi-kapa (PK), os quais, pelo menos aqueles que os parapsicólogos atualmente estudam, nós os espíritas também achamos serem explicáveis pelo próprio psiquismo do agente encarnado. (Reformador, dezembro, 1958, p. 284).

O trecho apresenta dados significativos sobre o momento atual desta forma de ciência, criticando os parapsicólogos, como Roberto Amadou, que adotavam bases materialistas. Além disso, o texto aponta o contraponto dessa visão, como Rhine e Thouless que acreditavam em um princípio vital, espiritual, por trás das manifestações parapsicológicas. A crítica sobre Amadou também é feita sobre seu posicionamento que considera como inválidas todas as investigações psíquicas que estudaram os fenômenos espíritas. Uma discussão sobre esse aspecto mostra ainda o posicionamento de René Warcollier, afirmando que também houve pesquisas psíquicas científicas anteriores à 1930.

Uma resenha encontrada na revista *Reformador* aponta para o posicionamento de Rhine sobre a situação atual da Psicologia em sua obra “*New World of the Mind*” (1953), que discorre inicialmente uma crítica sobre o fato de até mesmo na Psicologia estar predominando a visão materialista, algo que não deveria ocorrer em uma ciência que estuda a alma, o comportamento humano. Confessa ainda a dificuldade que a Parapsicologia encontra resistência pelos psicólogos, devido ao “preconceito materialista”. Um interessante apontamento é colocado sobre o sexto capítulo, onde se comenta o fato da Psicologia ser uma “ciência da alma” e que havia se tornado uma “ciência sem alma” (Reformador, fevereiro, 1959, p. 46).

Vale ressaltar, por fim, que os espíritas brasileiros também acompanharam o desenvolvimento dessa forma de ciência, conforme já apontado no primeiro capítulo, e como exemplo surge uma notícia que informava os periódicos internacionais relacionados ao tema (Reformador, novembro, 1959, p. 258). No entanto, essa forma de estudos aqui no Brasil teve como característica um grau de reserva maior, apesar disso, uma informação foi encontrada em uma notícia sobre o plano anual de trabalho da USE, que defendia a criação de um subdepartamento de Pesquisas Psíquicas (Jornal Unificação, 2ª edição, maio, 1953, p. 5). Entre as personalidades espíritas que se envolveram está Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), devido a seu papel como pesquisador e escritor espírita. Este personagem esteve envolvido com a pesquisa

psíquica, além de ter escrito obras sobre diversos temas neste sentido. Vale citar Carlos Imbassahy e sua grande produção, entre os quais estão temas como a relação entre Psicanálise e Parapsicologia. Seria também possível mencionar o interesse desses estudos por Herculano Pires e Waldo Vieira.

6. Parapsicologia e Catolicismo

Conforme já apontado anteriormente, o campo científico também seria palco de embates entre Espiritismo e Catolicismo. As Ciências da Psique tiveram um papel auxiliar no desenvolvimento e sustentação do Espiritismo enquanto religião. Os espíritas utilizavam frequentemente argumentos de metapsiquistas e psicólogos em sua defesa (Jornal Unificação, 49º-50º edição, abril-maio, 1957, p. 5). Vimos posteriormente o interesse de ambas as religiões pela Parapsicologia, que era um campo emergente após 1930. Em um texto encontrado no *Reformador*, foi possível observar a posição de teólogos católicos que estudaram a Metapsíquica, através de comentários sobre o livro “*Supranormal ou Surnaturel? – Les Sciences Métapsychiques*”. De acordo com a crítica, a obra nega os fenômenos de efeitos físicos (telecinesia e materializações), por serem acusados de fraude. Por outro lado, confirma os fenômenos psicológicos (transe, telepatia, premonição, vidência). O texto ainda descreve um aspecto importante que remete ao Capítulo III da referida obra, que:

[...] declara que os estudos da Metapsíquica e os de Religião ocupam campos completamente distintos que não se encontram: a primeira trata de fenômenos naturais, sejam normais ou supranormais, e a segunda é do domínio do maravilhoso, do milagre, do sobrenatural, sujeito apenas à vontade de Deus e fora do alcance da ciência humana. (Reformador, fevereiro, 1959, p. 38)

O trecho fornece importantes informações na compreensão da posição do Catolicismo, pois temos a cisão entre aquilo que corresponde ao mundo dos homens e o que corresponde ao mundo divino. De acordo com essas informações, a posição católica se encontraria na zona de intersecção entre a Ciência Materialista e a Metapsíquica, conforme o esquema apresentado anteriormente. É importante ressaltar que isso é uma aproximação teórica de onde se encaixaria a “Parapsicologia católica”, pois ao mesmo tempo em que admitem a existência de faculdades extra-sensoriais, deve ser levado em

consideração sua concepção religiosa (em aspectos como ciência e religião, mediunidade e vida após a morte), o que tornaria indissociável com a “Ciência Espírita”, assim como vertentes mais espiritualistas das Pesquisas Psíquicas. Os espíritas, por sua vez, consideram que a religião e o mundo natural estão interligados.

É importante salientar a presença de autores católicos na produção científica em vários campos, da mesma forma que a pesquisa parapsicológica seria apropriada com o objetivo de defender o Catolicismo. Dessa maneira, os argumentos científicos eram utilizados para rebater as práticas espíritas. A Parapsicologia foi uma dessas frentes, que teve produções através de autores católicos. Uma importante notícia encontrada na revista *Reformador* do ano de 1960 intitulada “Os Católicos e a Parapsicologia” relata a criação de “[...] uma organização mundial para estudar os fenômenos psíquicos”. Também informa que o fundador da Sociedade Internacional de Parapsicólogos Católicos (IGKP, sigla que corresponde às suas iniciais em alemão) foi Josef Kral, que também havia fundado um jornal católico de fenômenos psíquicos em 1951. A criação de tal organização tinha como objetivo: “[...] interessar os sacerdotes católicos romanos nos fenômenos psíquicos.”. Prossegue, por fim, concluindo que: “Nenhuma explicação dos fenômenos psíquicos é dada como obrigatória, mas a IGKP combaterá o materialismo e “a deturpação da Parapsicologia em superstição”.”. (*Reformador*, março, 1960, p. 61). No mesmo ano a existência IGKP volta a ser comentada, citando que foi noticiada em 1959 pelo jornal inglês *Two Worlds*, aqui sendo traduzida como “Sociedade Internacional Católica de Parapsicologia”, e aponta que Gabriel Marcel também foi membro dessa sociedade (*Reformador*, novembro, 1960, p. 260).

De acordo com Machado (2005), as informações científicas a respeito da Parapsicologia não eram muito difundidas no Brasil, e em seu lugar, era comum uma associação deste campo a uma miscelânea de assuntos que envolviam religiões, ocultismo, crendices e superstições. Neste sentido, o desenvolvimento deste campo acirrou a disputa entre espíritas e católicos, que buscavam explicar a experiência psi através de suas perspectivas religiosas. A autora aponta que no período entre os anos 1930 a 1945, com o restabelecimento pela Pesquisa Psíquica, especialmente graças às pesquisas de Rhine, a Igreja Católica utilizaria dos conhecimentos da ciência parapsicológica em uma tentativa de “desmascarar” o Espiritismo. O que ocasionou no

fechamento de muitos centros kardecistas, assim como terreiros de Umbanda e Candomblé.

O surgimento oficial da Parapsicologia Católica no Brasil ocorreria posteriormente, com o padre espanhol Óscar González-Quevedo, popularmente conhecido no Brasil pelo nome Padre Quevedo, que fundaria o Centro Latino-Americano de Parapsicologia (CLAP) em 1970. Este personagem seria um ferrenho crítico do Espiritismo e foi conhecido por negar qualquer intervenção do além nos fenômenos paranormais. O fato de surgir uma década depois da fundação desta sociedade internacional demonstra que os católicos no Brasil demoraram a se interessar e em se organizar pela criação de um órgão para a Pesquisa Psíquica. Além disso, o padre Quevedo também se interessava pelo ilusionismo e acreditava que essa técnica explicava os fenômenos espíritas (Machado, 2005).

Os textos encontrados apontam alguns argumentos frequentemente utilizados por membros da Igreja para combater o Espiritismo. Entre eles, está a explicação anímica para fenômenos paranormais. Os espíritas, por sua vez, rebatem a argumentação ao dizer que o animismo não esgota a explicação de todos os fenômenos, mas ao contrário, surge para complementar e comprová-los. Neste sentido, era criticado o posicionamento da Igreja de aproximação do Materialismo, em detrimento ao Espiritualismo (Reformador, junho, 1958, p. 124).

A opinião de um frade publicada no *Diário Carioca* levantou uma crítica no *Reformador* pela posição adotada por alguns membros da Igreja no campo da ciência que contestavam sobre a veracidade dos fenômenos espíritas, afirmando que caso realmente existissem, seria necessário mudar todas as “teses fundamentais” da ciência. A resposta ao frade pode ser observada no seguinte trecho:

O reverendíssimo frade sabe muito bem que até hoje, segundo a clássica Fisiologia, o pensamento é uma função do cérebro e que não sobrevive a este, e tanto é assim que o famoso psicólogo e parapsicólogo J. B. Rhine acentuou em uma de suas obras: «Com a opinião biológica atual a sobrevivência parece inteiramente inconcebível.» É esta, ao que me parece, uma das «teses fundamentais» da Fisiologia, com a qual entretanto não está de acordo com a Igreja Católica e nem o Espiritismo. (Reformador, dezembro, 1958, p. 184).

A partir do trecho citado é possível observar que, o Espiritismo buscava uma conciliação com o Catolicismo contra a visão materialista, que muitas vezes era utilizada por membros da Igreja como forma de combate ao Espiritismo. Por outro lado, apresentava também a Pesquisa Psíquica como reduto para aqueles que queriam compreender os fenômenos espíritas cientificamente.

7. Psicologia Espírita

As fontes revelaram dois pontos importantes: o primeiro é a incorporação de conceitos psicológicos ao Espiritismo; o segundo é a formação de um conjunto de conceitos próprios que poderiam ser denominados de “Psicologia Espírita”, mesmo que não organizados formalmente. A visão espírita leva em consideração o livre-arbítrio em detrimento ao determinismo, conforme já foi observado anteriormente. Se houvesse uma classificação entre as teorias psicológicas, a visão espírita se aproximaria mais das abordagens Humanistas e Integracionistas. Além disso, é possível mencionar a relevância que é dada ao passado do indivíduo, algo que se aproxima da concepção psicanalítica, mas sem que este fator se torne determinante para a personalidade (já que o indivíduo pode tomar suas próprias escolhas). Entre seus aspectos integrativos está uma estrutura psicológica já constituída de existências anteriores, o que poderia incluir até mesmo traumas advindos de experiências de outras vidas. Outro aspecto relacionado é o funcionamento do próprio mundo espiritual, de forma que os espíritos teriam a capacidade de causar alterações no comportamento normal do indivíduo. Neste sentido, os espíritas viriam a propor uma nova abordagem da mente (Almeida, 2007), que corresponderia à concepção de um “espírito” imortal. Conforme citado durante este trabalho, as obras de Bezerra de Menezes e André Luiz também abordam tal questão. As fontes, por sua vez, apresentam a concepção espírita de casos envolvendo psicopatologias, mas também em outros específicos, como crianças superdotadas (Reformador, maio, 1955, p. 113) e casos de reencarnação (Reformador, julho, 1956, p. 148; junho, 1958, p. 125-129).

A dificuldade da elaboração de uma “Psicologia Espírita” se dá, em grande parte, pela necessidade do estabelecimento de um diálogo entre Psicologia e Metapsicologia. Neste sentido, o fato de certos elementos de análise serem difíceis de

serem experimentados tornam essa tarefa ainda mais difícil, conforme pode ser observado no trecho de um texto que reflete sobre as possibilidades de pesquisa do duplo etéreo: “Jamais chegaremos, nesta matéria, a estabelecer uma ciência exata, da mesma maneira como não poderemos, jamais, formar uma ciência exata no campo da Psicologia.” (Reformador, julho, 1955, p. 152). Vale mencionar a revista espírita *Jornal de Estudos Psicológicos* organizada por Kardec e que levava o termo em seu nome, mas que não estava relacionada com uma Psicologia Experimental ou “científica”, pois esta teria início com a obra de Wilhelm Wundt publicada em 1873 e seu trabalho com o Laboratório de Psicologia da Universidade de Leipzig em 1879, enquanto a revista de Kardec era publicada em 1858.

De acordo com o que foram apresentadas anteriormente, as teorias da personalidade na Psicologia buscavam compreender o comportamento geral humano. As teorias da personalidade então se desenvolveram a partir da observação em contexto clínico. Neste sentido, não foi encontrado nenhum autor espírita que tenha proposto e desenvolvido um modelo similar baseando-se em casos clínicos ou criado uma teoria específica de acordo com os pressupostos espíritas sobre a personalidade. Neste sentido, um texto faz uma crítica à falta de desenvolvimento de conhecimento neste sentido pela ausência de pesquisadores que se dediquem a tais formas de pesquisa:

[...] encontram-se, com facilidade, quinhentos químicos que escreveram memórias sobre a piridina e seus derivados, memórias excelentes e engenhosas, fundadas sobre difíceis e laboriosas investigações; mas não se encontrará vinte psicólogos que, com método, tenham analisado a telepatia, suas causas, suas condições e processos, no propósito de mostrá-la. (Reformador, mês, 1957, p. 47).

Apesar disso, deve ser levado em consideração o desenvolvimento do Espiritismo nos demais campos da Ciência da Psique, como na Psiquiatria e nas Pesquisas Psíquicas. É possível ainda afirmar a incorporação e elaboração de conceitos psicológicos pontuais, assim como ocorre na Psicologia Experimental (Hall, et al., 2000).

No entanto, apesar de não haver tal esquematização, seguindo a metodologia das teorias da personalidade, é possível afirmar a existência de uma Psicologia Religiosa. Dessa forma, assim como ocorre no caso do Catolicismo, em que há a prevalência de

conceitos filosóficos da Psicologia Aristotélica, no caso do Espiritismo a base seria a Psicologia Platônica.

Existem obras importantes para este tema que devem ser destacadas são as recentes psicografias de Divaldo Franco organizadas com o nome de *Série Psicológica*. A personalidade de Joanna de Ângelis, e nela são estabelecidas pontes entre a Doutrina Espírita e algumas correntes da Psicologia. Estas obras são recentes, não correspondendo ao período abordado, no entanto consta como uma das poucas referências no sentido de uma “Psicologia Espírita”.

Além da associação com termos advindos da Psicanálise freudiana, textos geralmente apontam dois psicólogos considerados importantes para o Espiritismo. Eles são Carl Jung e Abraham Maslow. A física quântica e teorias como a Psicologia transpessoal de Abraham Maslow atualmente buscam uma ponte entre Psicologia com fatores transcendentais.

Outro elemento interessante a ser abordado é o fato da atual existência da Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE), que pode indicar a participação destes profissionais no movimento, ou um esforço dos próprios espíritas para se aproximar desta área. De qualquer forma, é interessante observar a existência desse diálogo.

Conclusão

Os dados avaliados permitiram compreender melhor e confirmar a apropriação de conceitos psicológicos pelo Espiritismo. Estas informações também levaram à confirmação da relação entre o Espiritismo e as Ciências da Psique, revelando que os espíritas acompanhavam o desenvolvimento de novos conhecimentos científicos, procurando conciliá-los com os pressupostos da doutrina. Isso pode ser observado pela valorização dos autores clássicos da Pesquisa Psíquica, mas também frente ao surgimento da Parapsicologia. A análise semântica contribuiu para a identificação das abordagens relacionadas com a Psicologia em textos espíritas, o que também revelou os diferentes posicionamentos adotados. Além disso, foi possível identificar que termos comuns entre a Pesquisa Psíquica e a Psicologia tinham diferenças significativas de paradigmas, da mesma forma que também existiram convergências em alguns aspectos conceituais. A diferença também pode ser observada pela postura espírita frente às Ciências da Psique, em que a influência resultou na reafirmação de certas crenças (como fenômenos anímicos e espíritas) ou na ressignificação de alguns paradigmas (como o próprio termo “psiquismo”, o desenvolvimento da personalidade e a psicopatologia).

A busca de uma explicação psicológica é um elemento muito importante para a cosmovisão espírita, pois nela estão conceitos inerentes à doutrina, principalmente na questão da sobrevivência da personalidade após a morte e o processo de evolução espiritual. O presente estudo pode aproximar-se desta realidade e compreender melhor a dinâmica dessa relação. Como pudemos ver anteriormente, esta relação visa dar uma explicação ao funcionamento mental e suas origens, abrangendo uma série de concepções, como as advindas do Espiritismo, Pesquisa Psíquica, Psiquiatria e Psicologia, cada uma com sua particularidade.

A Parapsicologia, por exemplo, buscava na maioria dos casos uma resposta anímica para os fenômenos psíquicos. A Psicologia, com seus modelos teóricos, uma explicação mentalista, seja ela determinada pelo contexto biológico, social ou interno do indivíduo. A Psiquiatria, ainda que tenha mudado ao longo dos anos e adotado novos modelos teóricos, principalmente psicológicos (como a Psicanálise), mantém na sua essência a concepção original organicista. Neste diversificado contexto intelectual, o Espiritismo tentou firmar seu espaço, dar sentido ao psiquismo humano baseando-se em sua doutrina. A explicação espírita para este fenômeno tem duas vias; a primeira

consiste na busca de uma comprovação científica para a crença; simultaneamente, esta comprovação tem como finalidade garantir a continuidade da “fé raciocinada” (conceito originário em Kardec, 1864). Desta dupla via surgem os fundamentos da teorização do Espiritismo, relacionando religião, ciência e filosofia (tríplice aspecto), que pautam também sua relação com diferentes instâncias do saber.

Além de compreender a questão doutrinal, as fontes utilizadas permitiram compreender melhor o contexto do Movimento Espírita e identificar personagens significativos a esse período. Neste sentido, tanto a revista *Reformador* como o *Jornal Unificação* contribuíram enormemente para a coleta de dados, auxiliando, nomeadamente, na compreensão dos conflitos com o Materialismo e o Catolicismo.

A condenação pela ciência institucionalizada das práticas mediúnicas levou a diversas perseguições aos adeptos e centros espíritas. O ambiente conflituoso entre Espiritismo e a Medicina resultou na elaboração científica da doutrina para afirmar o próprio campo da prática religiosa e se distanciar do estigma de “loucura”. A organização espírita deu lugar às formas de tratamento e sua concepção psiquiátrica própria, o que permitiu o surgimento de profissionais dedicados a estas práticas, assim como instituições que aceitassem a metodologia de tratamento espírita.

No campo religioso, o embate entre o Espiritismo e Catolicismo mostrou seus efeitos em diversos domínios - político, social e científico. No contexto brasileiro, os adversários do Espiritismo, como membros da Igreja ou cientistas, utilizariam como munição o campo teórico e filosófico. Neste aspecto, os adeptos do Espiritismo, baseavam-se nos conhecimentos produzidos em novas ciências, onde se incluíam as Ciências da Psique. Muitas vezes, as críticas ultrapassavam o campo intelectual e tornavam-se agressivas, associando a prática espírita a casos de loucura, delinquência ou fraude. Por outro lado, observaram-se as características que permitiram aproximações entre ambas as religiões. Apesar dos conflitos, ambas compartilham de uma base cristã, a aproximação da Igreja aos estudos parapsicológicos foi aprovada pelos espíritas.

Em termos gerais, podemos afirmar que os modelos psicológicos presentes em religiões revelam-se um importante objeto de estudo tanto para a História das Religiões, como também para a Psicologia, que ao estudar o fenômeno religioso tem a necessidade de um diálogo interdisciplinar com diferentes áreas do conhecimento. O estudo de

modelos psicológicos dentro das religiões contribuem para a Psicologia no que se refere à compreensão de outras dinâmicas teóricas, bem como na identificação de teorias sobre as questões psíquicas antecedendo a constituição da Psicologia como área do saber. Este estudo chama assim a atenção para a necessidade de valorizar, não só a História da Medicina, como a História da Psicologia, disciplina que recupera elementos de religiões tão antigas como a budista, hinduísta, grega pré-cristã, entre outras.

Neste sentido, a pesquisa historiográfica tem um valor importante não só para a compreensão de conteúdos filosóficos, mas todos os outros aspectos que estão conectados ao desenvolvimento de uma religião no seu “locus”. Tal forma de estudo é importante também para a compreensão das atuais práticas religiosas e variedade de noções de ciência.

O Espiritismo viria ainda a originar diferentes correntes, de menor dimensão que as correntes hegemônicas representadas pela Federação Espírita Brasileira, com semelhanças no campo filosófico ou doutrinal, e que merecem ser mais bem compreendidas em estudos futuros. É o caso da Conscienciologia, que se desenvolveu já num período posterior ao que analisámos neste trabalho.

A nossa pesquisa conclui com a apresentação dessa discussão e espera contribuir de forma significativa para uma compreensão mais aprofundada do Espiritismo brasileiro, assim como a sua relação com as Ciências da Psique. Tendo em vista a complexidade com que nos deparámos no curso desta tese, pretendemos contribuir para uma melhor visualização desta galáxia de teorias que buscam explicar o fenômeno psíquico das mais diversas formas, seja através do organicismo, inicialmente proposto pelos materialistas, os modelos psicológicos, a metafísica da teologia, as pesquisas psíquicas que buscavam a fundamentação empírica, e por fim aquilo que pode ser definido como “Ciência Espírita”. Apesar de tratar de um modelo de ciência não reconhecido institucionalmente, a Ciência Espírita tem mostrado capacidade de sobrevivência e adaptação durante um período que abrange já várias décadas.

Fontes

DENIS, L. 1889. *Depois da Morte*, Brasília, FEB, 2013.

DENIS, L. 1898. *Cristianismo e Espiritismo*, Brasília, FEB, 2013.

JORNAL UNIFICAÇÃO. Acervo da União das Sociedades Espíritas.

KARDEC, A. 1857. *O Livro dos Espíritos*, Lisboa, Editora Estampa, 2013.

KARDEC, A. 1861. *O Livro dos Médiuns*, Lisboa, Editora Estampa, 2013.

KARDEC, A. 1864. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Rio de Janeiro, FEB, 1994.

REFORMADOR. Acervo da Federação Espírita Brasileira.

Bibliografia

ABIB, D. J. (2011). “Cultura Espírita no Brasil”. *Brazilian Cultural Studies* [Em linha], v. 2, n. 2. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/bcs/index.php/bcs/article/view/91/101>. [Consultado em 29-05-2014].

ALMEIDA, A. A. S. (2007). *Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950)* [Em linha]. Tese de doutoramento, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000404162>. [Consultado em 22-05-2014].

ALMEIDA, A. M. (2004). *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas* [Em linha]. Tese de doutoramento, São Paulo: Departamento de Medicina da Faculdade de Psiquiatria, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-12042005-160501/pt-br.php>. [Consultado em 29-05-2014].

ALMEIDA, A. M. & LOTUFO NETO, F. (2004), “A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental”. *Revista de Psiquiatria Clínica* [Em linha], v. 31, n. 3. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832004000300003&script=sci_arttext. [Consultado em 22-05-2014].

ALMEIDA, A. A. S., ODA, A. M. G. R. & DALGALARRONTO, P. (2007), “O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão”. *Revista de Psiquiatria Clínica* [Em linha], v. 34, n. 1. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/34.html>. [Consultado em 22-05-2014].

ALVARADO, C. S. (2013). “Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada”. *Revista de Psiquiatria Clínica* [Em linha], v. 40, n. 4, p. 157-161. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832013000400006&lng=en&nrm=iso. [Consultado em 2015-09-18].

ALVARADO, C. S. et al. (2007). “Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas”. *Revista de Psiquiatria Clínica* [Em linha], v. 34, supl. 1, p. 42-53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700007&lng=pt&nrm=iso. [Consultado em 20-09-2015].

AMORIM, D. 1947. *Africanismo e Espiritismo* [Em linha], PENSE – Pensamento Social Espírita, 2011. Disponível em: http://ruipaz.pro.br/ccm/africanismo_espiritismo.pdf. [Consultado em 11-11-2014].

ARRIBAS, C. G. (2008). *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira* [Em linha]. Tese de Mestrado em Sociologia, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: http://museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Biblioteca/2002_afinal_espiritismo_religiao_CELIA_DA_GRACA_ARRIBAS.pdf. [Consultado em 24-06-2014].

AURELIANO, W. A. (2012). “Materialidade, intenção e cura: o uso de medicamentos no Espiritismo brasileiro”. *Debates do NER* [Em linha], ano 13, n. 22 p. 253-279. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/download/29799/23576>. [Consultado em 20-09-2015].

BETARELLO, J. (2009). *Unir para difundir: o impacto das federativas no crescimento do Espiritismo* [Em linha]. Tese de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://bvespirita.com/Unir%20Para%20Difundir%20-%20O%20Impacto%20das%20Federativas%20no%20Crescimento%20do%20Espiritismo%20-%20Jeferson%20Betarello%29.pdf>. [Consultado em 11-11-2014].

CHIBENI, S. S. (2003). “Espiritismo em seu triplice aspecto: científico, filosófico e religioso”. *Reformador* [Em linha]. Disponível em: <http://www.geeu.net.br/artigos/tripliceaspecto.pdf>. [Consultado em 19-11-2014].

Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo (2013). *50 anos da Psicologia no Brasil* [Em linha]. Disponível em: <http://www.crpasp.org.br/portal/comunicacao/pdf/catalogo50anos.pdf>. [Consultado em 24-06-2014].

COSTA, F. L (2002). “Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a igreja católica na primeira metade do século XX”. *Guairacá* [Em linha], n. 18, p. 41-59. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/TCC/artigocosta.pdf>. [Consultado em 24-06-2014].

DALGALARRONTO, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*, Porto Alegre, ArtMed Editora, 2008.

GIUMBELLI, E. (1997). “Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais”. *Revista de Antropologia* [Em linha], v. 40, n. 2, p. 31-82. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200002&lng=en&nrm=iso. [Consultado em 20-09-2015].

GOMES, W. B. (2004). “Avaliação Psicológica no Brasil: Tests de Medeiros e Albuquerque”. *Avaliação Psicológica* [Em linha], 2004, v. 3, n. 1, p. 59-68. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100007&lng=pt&nrm=iso. [Consultado em 05-09-2015].

GOMES R. & DESLANDES S. F. (1994). “Interdisciplinaridade na saúde pública: um campo em construção”. *Revista Latino-Am. Enfermagem* [Em linha], v. 2, n. 2, p. 103-14. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/1159/1177>. [Consultado em 05-03-2015].

ISAIA, A. C. (2005), “Brasílio Marcondes Machado e a defesa do Espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos anos 1920”. *Textos de História* [Em linha], v. 13, n. 1-2. Disponível em <http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/6043/5002>. [Consultado em 27-06-2014].

ISAIA, A. C. (2008). “O discurso médico-psiquiátrico em defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nos anos 1920”. *Revista Brasileira de História das Religiões* [Em linha], Ano I, n. 1. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/19%20Artur%20Cesar%20Isaia.pdf>. [Consultado em 23-06-2014].

HALL, C. S., LINDZEY, G. & CAMPBELL, J. B. (2000). *Teorias da personalidade*, Porto Alegre, Artmed Editora, 2008.

LEONEL, G. G. (2010). “Campo religioso brasileiro na contemporaneidade: continuidades, descontinuidades, transformações e novos ângulos de análise”. *Revista de Estudos Interdisciplinares* [Em linha], v. 12, n. 2. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/issue/view/367>. [Consultado em 30-06-2014].

LEWGOY, B. (2006). “Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: Antigas e novas configurações”. *Revista Civitas* [Em linha], v. 6, n. 2. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/60/6919>.

[Consultado em 19-11-2014].

MACHADO, F. R. (2005). “Parapsicologia no Brasil: Entre a cruz e a mesa branca”. *Boletim Virtual de Pesquisa Psi* [Em linha], v. 2, n. 2. Disponível em: http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2541%3Ainter-psi-laboratorio-de-psicologia-anomalistica-e-processos-psicossociais-publicacoes&catid=384&Itemid=188&lang=pt. [Consultado em 29-06-2014].

MARQUES, T. P. 2013. *Experiência à Deriva: Paixões religiosas e psiquiatria na Europa - Séculos XV a XXI*. Cavalo de ferro, 2013.

NETO, N. A. S. (2004). “Resgatando a Memória dos Patronos Paul Siwek - Cadeira nº 34”. *Boletim Academia Paulista de Psicologia* [Em linha], v. XXIV, n. 3, p. 15-29. Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624304. [Consultado em 20-09-2015].

PAIVA, G. J. et al. (2009). “Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [Em linha], v. 25, n. 3, p. 441-446. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000300019&lng=en&nrm=iso. [Consultado em 20-09-2015].

RABELO, M. C. M. 1994. Religião, ritual e cura. Em: ALVES, P.C. & MINAYO, M. C. S. (orgs.), *Saúde e doença: um olhar antropológico* [Em linha], Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/tdj4g/pdf/alves-9788575412763.pdf>. [Consultado em 19-11-2014].

RIBEIRO, M. C. C. (2009). “O Espiritismo na visão de Frei Boaventura”. *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH* [Em linha]. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. [Consultado em 18-09-2015].

STOLL, S. J. (2002). “Religião, ciência ou auto-ajuda? trajetos do Espiritismo no Brasil”. *Revista de Antropologia* [Em linha], v. 45, n. 2, p. 361-402. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-

[77012002000200003&lng=en&nrm=iso](#). [Consultado em 20-09-2015].

VASCONCELOS, J. 2008. Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920. Em Nunes, J. A. e Roque, R. *Objectos Impuros: Experiências em estudos sobre a Ciência*, Porto, Edições Afrontamento.